

# HORIZONTE TEOLÓGICO

ANO 8 | Nº16 | JULHO-DEZEMBRO 2009

## Homenagem a Frei Bernardino Leers

ISSN 1677-4400

Horizonte Teológico | Belo Horizonte | V. 8 | N.16 | P. 1-152 | 2010

© 2010

Proibida a reprodução de qualquer parte, por qualquer meio, sem a prévia autorização do Conselho Editorial

H811 Horizonte Teológico / Instituto Santo Tomás de Aquino. – v.8, n.16 (2º sem. 2009) – Belo Horizonte: O Lutador, 2010-152p.

ISSN 1677-4400  
Semestral

1. Teologia - Periódicos. 2. Filosofia – Periódicos. I. Instituto Santo Tomás de Aquino.

CDU: 2:1

Elaborada por Rafaela Amaral CRB6/2300

**Jornalista responsável:** Purificacion Vega Garcia - MTB: 3039

**Conselho Editorial:** Antônio Pinheiro, Cleto Caliman, Flávio Luís Rodrigues, José Carlos Aguiar, Manoel de Godoy, Sílvia Contaldo, Wolfgang Gruen.

**Revisão:** Helena Contaldo

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Tiago Parreiras

**Normalização Bibliográfica:** Rafaela Amaral - CRB6/2300

As matérias assinadas são da responsabilidade dos respectivos autores. Aceitamos livros para resenhas ou notas bibliográficas, reservando-nos a decisão de publicar ou não resenha sobre os mesmos. Aceitamos permuta com revistas congêneres.

**Administração / Redação:**

Rua Itutinga, 300

Bairro Minas Brasil

30535-640 | Belo Horizonte – MG

Tel: (31) 3419 2803 | Fax: (31) 3419 2818

horizonte.teologico@ista.edu.br

www.ista.edu.br/horizonteteologico

**Impressão:** Editora O Lutador

# SUMÁRIO

---

Editorial	5
Frei Bernardino Leers	9
Formação teológica e formação presbiteral	13
A formação dos religiosos em época de crise	27
A clericalização da vida religiosa	44
O papel da vida religiosa na educação da fé do povo	68
Vida religiosa e reino de Deus	88
Vida religiosa e religiosidade popular	106
Vida religiosa e vida do povo	128
Normas para colaboradores	149

# **ISTA - Instituto Santo Tomás de Aquino**

Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos dos Religiosos

Diretor Executivo: Manoel José de Godoy

## **GRADUAÇÃO:**

### **Filosofia (licenciatura)**

Coordenação: Antônio Martins Pinheiro

### **Teologia**

#### **Curso Superior de Gestão Pastoral**

Coordenação: Flávio Luis Rodrigues

## **PÓS-GRADUAÇÃO (*Lato Sensu*):**

Coordenação: Flávio Luis Rodrigues

Especialização para Formadores de Presbíteros Diocesanos – 360 horas / aulas  
Janeiro/ Julho/ Janeiro

Especialização para Formadores da Vida Religiosa – 360 horas / aulas  
Janeiro/ Julho/ Janeiro

Especialização em Aconselhamento Pastoral e Espiritual  
Julho a Junho

## **Mais informações:**

Rua Itutinga, 300 – Minas Brasil  
30535-640 – Belo Horizonte – MG  
Telefax: (31) 3419-2800  
ista@ista.edu.br  
www.ista.edu.br

# EDITORIAL

Há pessoas cujo nome evoca um evento. Frei Bernardino Leers está profundamente ligado ao Concílio Vaticano II. Ainda que insistam tanto hoje em dia na questão hermenêutica, o maior evento eclesial do século XX não pode ser reduzido à sua letra. Ele transcende à pura materialidade. Seu espírito faz emergir a Igreja mais fiel a suas fontes. Pé no chão.

Jesus de Nazaré, o andarilho, entrando nas casas do povo para uma refeição, sentando-se no poço da cidade para ouvir as histórias de quem aí vinha buscar água, parando no caminho para atender coxos, cegos, surdos, mudos, epiléticos e outros, classificados de impuros na sociedade da época, nos remete a uma Igreja simples, de contato direto, desburocratizada. Essa foi a intuição do Concílio Vaticano II e tudo isso serve de moldura para entendermos melhor o franciscano Bernardino Leers, que sempre soube desenvolver a moral a partir dos pequenos, dos pobres.

Já em 1970, Frei Bernardino intuía a necessária mudança na teologia moral, se ela, de fato, quer falar ao coração do povo:

Nos tempos atuais, a teologia moral, com sua imagem fixada nos manuais e por certo tipo de leitura devota, não parece

exatamente a ciência mais popular, cujas visões e regras de comportamento sejam aceitos de braços abertos pelo homem de hoje. Moralista ficou muito perto de moralismo, farisaísmo e 'desmancha-prazeres'. Sua imagem já tem provocado a caricatura duma professora velha, magra, alta, vestida de preto dos pés até ao queixo, que assustada lança um olhar de reprovação sobre o mundo confuso.<sup>1</sup>

Muito já se falou do "cisma silencioso" que há entre a doutrina oficial católica e o pensar e agir do povo. Frei Bernardino sempre teve isso em conta e incansavelmente propôs aos produtores da doutrina oficial que olhassem com mais carinho ao ethos popular. Seu profundo respeito pelo povo brasileiro, ou melhor, seu amor pelos simples, sempre o colocou no sentido de "interligar o ethos popular e a ética cristã".<sup>2</sup>

Com sabedoria ímpar, Frei Bernardino constata: "Não há nenhuma garantia para a suposição de que a moral que, com suas normas, práticas, tolerância e sanções, existe entre o povo, corresponda aos ensinamentos oficiais do clero."<sup>3</sup>

Nesse espírito, ele apresenta a moral enraizada na vida e experiência do povo, destacando que

"o verdadeiro lugar da moral não é o manual de teologia ou um decreto papal qualquer, mas a práxis dos cristãos, porque é de seus corações e ações que brotam os valores e os

---

<sup>1</sup> LEERS, Bernardino. Novos rumos da moral. Belo Horizonte: O Lutador, 1970. p.55. (Cadernos de Atualização Teológica, 2).

<sup>2</sup> Ibidem, p.7.

<sup>3</sup> Ibidem, p.10.

males reais que formam o mundo humano histórico.”<sup>4</sup>

Nada de moral abstrata. Nada de princípios genéricos, que não levam em conta a situação real do povo. Com esses princípios, profundamente arraigados na eclesiologia da Igreja que nasce do povo, como tão bem emerge do Concílio Vaticano II, Frei Bernardino fez escola. São inúmeros os seus discípulos no campo da moral.

É claro que se trata de campo minado, mas ele sempre soube se virar muito bem nesse meio, valorizando a participação do povo na construção da moral.

Holandês de nascimento, soube entender a alma do povo brasileiro e valorizar seu “jeito”, considerando-o como instrumento moral humano. Ninguém melhor do que ele definiu tal “jeito”. Para ele, “jeito é o lugar no espaço real dinâmico da vida, em que surge algo novo que ainda não era e não mais será”.<sup>5</sup> Frei Bernardino intuiu que esse jeito também condiciona o agir moral de nosso povo e, embora na transitoriedade momentânea, o jeito “significa mais um passo na passagem histórica duma pessoa pelo mundo, porque ela criou e realizou.”<sup>6</sup>

Somente alguém de bem com a vida pode desenvolver uma teologia moral que ajude o povo a entender a máxima de Jesus: “Meu jugo é leve, meu fardo é suave”. Ao contrário daqueles que dificultam a entrada dos irmãos e irmãs no Reino, Frei Bernardino, com sua teologia moral, torna o paraíso mais acessível aos pobres mortais.

Somente alguém de bem com a vida sabe ler o ethos popular em chave do humor. Quando damos muita importância a nós

<sup>4</sup> Ibidem, p.24.

<sup>5</sup> LEERS, Bernardino. Jeito brasileiro e norma absoluta. Petrópolis: Vozes, 1982. p.51. (CID - Pastoral, 7).

<sup>6</sup> LEERS, loc. cit..

mesmos, não percebemos o lado risível (para não confundir com o ridículo) da vida. Essa sutileza é característica dele, que soube sim ver bem a “esperteza” dos simples, que sabem ser sérios frente aos que se valorizam por demais e sabem, depois, rir das circunstâncias vexatórias que a vida lhes impõe.

"Diante do poder absoluto no trono, somente o bobo da corte tem a liberdade de arriscar a cabeça. O povo simples não assume o risco. Quando uma autoridade faz seu discurso com toda a imponência de palavras difíceis e a empáfia dos gestos, o povo comum escuta e aplaude. Mal sai e o povo solta suas críticas e um ou outro apresenta uma caricatura do ilustríssimo para todo mundo rir à vontade."<sup>7</sup>

Com essa edição, a Revista Horizonte Teológico, destacando o pensamento de Frei Bernardino Leers, quer homenagear a todos os moralistas de bom humor que souberam interpretar o espírito do Concílio Vaticano II, trazendo o céu para mais perto de todos, sobretudo dos pobres e simples.

Bernardo Haring, Joseph Fuchs, Marciano Vidal, Jayme Snoeck, José Maria Frutuoso Braga são alguns nomes que podemos colocar ao lado de Frei Bernardino Leers, formando um time de primeira no campeonato da teologia moral, onde o rigorismo se apresenta tão forte, mas não pode vencer o humor dos que amam os simples e estão de bem com a vida.

Deus lhe pague, Frei Bernardino!  
Pe. Manoel José de Godoy  
Diretor Executivo do ISTA

---

<sup>7</sup> LEERS, Bernardino. Rigorismo moral e humor popular. São Paulo: Paulinas, 2007. p.58. (Ética).



# TESTEMUNHO

## FREI BERNARDINO LEERS

frater Henrique Cristiano José Matos, cmm

Conheci o Frei Bernardino em 1966, por ocasião de uma semana de estudos no então Instituto Central de Filosofia e Teologia, na Avenida Augusto de Lima. Quem me pôs em contato com esse franciscano foi o inolvidável Padre Alberto Antoniazzi (1937-2004), que seria, durante tantos anos, o elo de união entre professores de filosofia e de teologia de diversos Institutos de Formação presbiteral na capital mineira. No entanto, foi em 1975 que comecei a integrar a equipe de docentes em Teologia do Departamento de Filosofia e Teologia da então Universidade Católica de Minas Gerais (UCMG). Recordo-me bem do seguinte episódio que envolveu diretamente o Frei Bernardino. Antoniazzi me tinha convidado para assumir as aulas de história da Igreja, em lugar do Padre João Fagundes Hauck, CSSR (1922-2009), impossibilitado de continuar na função. Fiquei um tanto temeroso: eu não era especialista na matéria, embora tivesse concluído, em 1969, meu curso de História. Bernardino estava presente quando expressei minhas reservas e disse imediatamente: "Jovem, é assim que todos nós começamos a carreira de professor. Você estude para ficar uma aula à frente

de seus alunos e quando alguém deles faz uma pergunta que você não sabe responder na hora, diga simplesmente: na próxima aula responderei. Não se preocupe. Coragem ...". Antoniazzi deu aquele sorriso que todos nós conhecíamos e disse: "Então, siga o conselho do frei Bernardino, afinal de contas ele é nosso nestor e, além disso, ainda professor de moral!". Assim entrei na PUC Minas e nunca me arrependi de ter aceitado o convite desafiador. No decurso dos anos fiquei conhecendo mais de perto o Frei Bernardino. Homem realmente admirável. Mas por quê? Em primeiro lugar era um colega muito agradável, brincalhão e contador de piadas, sobretudo "eclesiásticas". Trazia sempre novidades na hora do intervalo quando os professores se reuniam. Ele e Antoniazzi se rivalizavam nesta arte de "contar casos". Mas Frei Bernardino era muito mais: um teólogo com os dois pés firmemente colocados no chão da vida concreta. Verbalizei essa experiência no texto da dedicatória do livro que escrevi junto com frei Fabiano Aguilar Satler, OFM, intitulado "Iniciação à Espiritualidade cristã para Leigos" (2008): "Para frei Bernardino Leers, ofm, em agradecimento por suas sábias lições de vida: teologia de boa qualidade tem seu ponto de partida na espiritualidade, ou seja, na experiência concreta da fé do povo de Deus".

A brilhante inteligência do Bernardino não se perde em abstrações de gabinete, mas está sempre a serviço da pastoral. Exemplo típico disso é seu livro "Catolicismo popular e mundo rural: um ensaio pastoral" (Vozes, 1977), que hoje pode ser considerado "um clássico". Frei Bernardino aprendeu a arte da escuta, atenta e crítica, do povo, e, a partir daí, faz suas reflexões e constrói seu pensamento. Aliás, ele mesmo o diz no prelúdio do livro citado: "Está na hora de esboçar uma síntese de tudo o que a convivência me ensinou e o que aprendi, mais com o contato com o povo do campo, talvez, do que pela literatura especializada, embora também essa tenha sido utilizada com bastante proveito."

Bernardino foi pioneiro na reflexão teológica e pastoral referente à formação de comunidades cristãs no meio do povo, com maduro engajamento dos próprios leigos. Nesse campo tem méritos singulares e de grande alcance. A pastoral da Diocese de Divinópolis muito deve à sua atuação e abordagens críticas, exatamente na formação dos leigos e no encaminhamento de uma pastoral adequada no mundo rural. Relendo o livro "Catolicismo popular e mundo rural" fica-se impressionado com a arguta percepção do autor, a profundidade de suas reflexões e as orientações práticas sugeridas. O ponto de partida é nitidamente a categoria eclesiológica de povo-de-Deus, tal como aparece na Constituição dogmática *Lumen Gentium* (1964), do Concílio Vaticano II.

Não posso deixar de mencionar que Frei Bernardino foi uma figura central no nascimento do ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino – Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos dos Religiosos), em outubro de 1987, tendo sido eleito espontaneamente como o primeiro presidente do Conselho de Administração Superior do Instituto.

Nem todos apreciam da mesma maneira o espírito marcadamente crítico desse exímio professor de moral, mas até agora não encontrei alguém que colocasse em dúvida o seu grande amor à Igreja do Vaticano II, particularmente no que toca à valorização do povo cristão que, nas bases da Igreja e da sociedade, testemunha sua fé no cotidiano da vida.

Por fim, Bernardino é um autêntico franciscano. Homem alegre e sempre bem disposto, solto e brincalhão. Mesmo com as limitações de saúde e o avanço dos anos, não perdeu este entusiasmo pela leitura e pela reflexão teológica, procurando sempre atualizar-se. Tenho uma grande admiração por este religioso, culto e crítico, mas profundamente engajado na causa do Reino. Ele nos dá um

cativante exemplo de como ser cristão, hoje, servindo à Igreja sem deixar que sejam impostas "ideias prontas".

Parabéns, meu Irmão, com seus 90 anos bem vividos! Você deixou em nós marcas que dificilmente se apagarão.

Termino meu testemunho com a mesma citação que frei Bernardino colocou no fim do seu livro citado há pouco. Trata-se de uma poesia de João Cabral de Melo (1920-1999), contida em "Morte e Vida Severina" (1956):

"É difícil defender só com palavras a vida ...  
Mas se responder não pude à palavra que fazia,  
Ela, a vida, a respondeu com sua presença viva".

## FORMAÇÃO TEOLÓGICA E FORMAÇÃO PRESBITERAL

*Frei Bernardino Leers, OFM*

No Brasil, uns cem seminários e institutos cuidam da formação teológica dos futuros sacerdotes. Sem dúvida, a qualidade do ensino acadêmico da teologia varia muito no país e depende dos critérios de seleção dos candidatos ao sacerdócio, dos estudantes e seu preparo escolar e dos professores e sua competência. Por isso, uma reflexão realista sobre este assunto em geral é muito precária. A experiência do autor é limitada, porque só lecionou moral teológica no centro de Minas Gerais. A própria matéria está em amplo movimento e virou uma acumulação de problemas sérios e um coro de muitas vozes e propostas.<sup>1</sup>

### **1. Tempo de mudanças**

Passou a época em que o teólogo moralista ensinava “ex cathedra”, vinte centímetros acima de seus ouvintes. Na mão segurava o manual da teologia moral para uso de confessores de um ou outro autor em latim. Em latim ou, se tinha coragem, em língua vernácula, explicava a doutrina fixa da moral oficial, controlada pelo Santo Ofício. Para variar, seu monólogo era intercalado com um ou outro caso ou piada ou resposta a uma pergunta de um ouvinte atencioso.

---

<sup>1</sup> Basta colecionar as muitas reações críticas à encíclica *Veritatis Splendor* e entrar no terreno da bioética atual.

Passou a época em que “nosso” povo era bom, mas ignorante, e o clero dominava o espetáculo. A separação entre a Igreja docente e a Igreja discente, entre o padre pregador e mestre e o público em silêncio era clara. Pecados e confissões eram prato comum, com o inferno aberto na frente e a morte uma luta brava entre anjos bonitos e demônios – monstros. Santos missionários aliviavam um pouco o ambiente de medo e de rigor. Nos dois púlpitos das paredes laterais, dois faziam a papel de burro com perguntas e observações bobas e o sábio que solenemente dava as respostas doutrinárias certas. Embaixo o povo se deliciava com o burro e aprendia um pouco com o sábio. O resto era silêncio e liberdade.

Passou também o modo de viver do povo? Em três, quatro gerações uma população predominantemente rural ficou 80% urbana, mudando de habitat, de convivência, de ambiente de vida e trabalho, alcançando escolaridade, recebendo maior assistência numa sociedade muito mais complexa e diversificada de produção, comércio e consumo. Programas e propaganda dos meios de comunicação moderna espalham novidades por todos os lados. A Igreja perdeu seu monopólio de “quem não tem fé (católica), brasileiro não é”. No mercado de religião e moral, as ofertas são para cada um escolher. Entre o povo, 70% ainda se declaram católicos, mas em termos de práxis o número é muito mais limitado. A conclusão é simples. Na formação acadêmica do futuro clero, o “material humano” mudou.

Com o estímulo do Concílio Vaticano II, também a teologia moral está mudando, colocando de lado seu estigma de: para uso dos confessores. Com isso, a relação entre professor e estudante está em fase de transformação.

## 2. A relação professor - estudante

No passado, os cursos de teologia estavam fechados dentro de seminários, mosteiros e conventos, em que estudantes, professores, formadores e confessores de uma mesma diocese ou instituto religioso conviviam juntos. Os estudantes tinham tempo para estudar e contato direto com seus professores, usavam a biblioteca da casa e tinham as mesmas revistas científicas à disposição. Comunidades fechadas, de oração, estudo e consumo, eram exclusivamente masculinas; não entravam mulheres ou empregadas e os estudantes não tinham contato regular com mulheres fora de sua casa. Ao menos para os estudantes de teologia, a vida era interna e isolada do grande mundo.

Essa situação mudou muito, com repercussão direta na vida acadêmica. Muitos institutos teológicos não são mais moradias, mas escolas, visitadas por professores e estudantes que moram separados conforme sua pertença religiosa, seminário diocesano ou convento. Acabou a exclusividade masculina celibatária, pois, em muitos cursos, o gênero feminino começou a ocupar seu lugar, como professoras, estudantes e funcionárias. Aos poucos, a produção teológica e moral perde sua unilateralidade masculina e se torna colaboração comum da Igreja, Povo de Deus, em vez de limitar-se ao clero e futuro clero.

Certamente, depois do Vaticano II, a mudança da relação entre professores e estudantes ficou clara. O professor, único da moral, com seu manual em latim, tão semelhante aos outros manuais, foi garimpando o vastíssimo campo da literatura internacional de revistas e livros. Por todos os lados, novas ideias, novas visões, métodos e interpretações brotaram por cima da terra da monocultura tradicional. O progresso das ciências e as mudanças dos costumes dos povos ocidentais criaram novos problemas perante a consciência coletiva cristã que não se deixavam resolver

simplesmente com armas obsoletas e linguagens antigas que deram certo ontem. Apesar de todas as resistências, a teologia da libertação fertilizou as terras latino-americanas e se espalhou em outras formas pelo mundo cristão todo. Por causa do crescimento e extensão da problemática religiosa e moral, uma velha tradição se quebrou. Por obrigação interna das ciências teológicas, um único professor para dar a matéria toda se tornou frustrante. A especialização se impõe, com o risco de perder a visão sobre a globalidade dos problemas que a sociedade apresenta. Sem a tranquilidade da posse doutrinária, o profissional se tornou um eterno aprendiz, que precisa estudar muitos sacramentos oficiais e entrar no terreno extenso das ciências humanas.

Também a situação dos estudantes mudou muito. Morando fora do instituto teológico e vivendo, muitas vezes, em casas comuns e abertas entre famílias comuns, costumam ter trabalhos pastorais fora, encontrando-se com a vida social no bairro ou cidade, com mistura normal de homens e mulheres de todas as idades e condições, com suas qualidades e sombras. Essa expansão da rede de relações, geralmente de escala pequena, vem acompanhada com todo o campo variado da TV, de programas, novelas e filmes, textos de cantores, mensagens da Internet, vídeos, revistas ilustradas populares e tanto mais. Por esses canais de comunicação e pelos contatos e encontros com grande variação de pessoas, o "mundo" joga uma massa confusa e controvertida de informações nas cabeças. Na atualidade, estudantes de teologia não ficam alheios à situação complexa da sociedade de que participam com seus contrastes, discriminações, exclusões e anarquia de valores e estilos de viver, embora o cristianismo seja ainda a bandeira para encobrir a realidade de cada dia.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Veja P. Valadier, *L' anarchie des valeurs*, Paris: Albin Michel, 1997; G. Lipovetsky, *Le Crépuscule du devoir*, Paris: Gallimard, 1992; H. Drefahl, *Crise e anomia no Brasil*, REB, 54 (1994) 275-303.



O material humano que se apresenta para estudar teologia é mais variável do que no passado. Deixando de lado as diferenças de nível intelectual e de formação escolar já recebida, são, principalmente as motivações dos estudantes que merecem atenção. Se leigos, homens, mulheres ou religiosas escolhem estudar teologia, eles se dedicam para chegar à maior compreensão, querem aprofundar sua fé e se orientar melhor no caos da problemática religiosa e moral que a sociedade e a vida apresentam. Gostando e interessado ou não, o candidato ao presbitério arrisca considerar o estudo apenas como uma passagem inevitável para chegar à realização de sua vocação ou sonho de ser padre. Os anos de teologia são um corredor composto ao lado da formação espiritual em sua comunidade vivencial, seus interesses pessoais e seus trabalhos pastorais no sentido mais largo da palavra. Sem diploma e deveres acadêmicos cumpridos, não haverá a festa da ordenação sacerdotal. O estudo da teologia há de dar também habilitação profissional para funcionar como ministro da Igreja. Mas o estudo sério serve em primeiro lugar para o autoenriquecimento pessoal, para a boca falar o que enche o coração. Esse “encher” exige concentração, tempo e perseverança nos estudos.

Estudar teologia exige tempo e esforço. Na sensibilidade dos tempos atuais, o tempo passa depressa demais e ninguém tem tempo para nada. Não basta ouvir aulas, atender à chamada e pôr cruzinhas no Diário de Classe. Fazer tempo e gastar tempo para interiorizar o conhecimento teológico na vida pessoal são responsabilidades que se impõem mais do que no passado com seus compêndios de teologia dogmática e teologia moral. Evangelizar os outros é um belo ideal. Mas não funciona sem o evangelizador se evangelizar a si mesmo, arraigar sua fé e expressá-la melhor em sua própria vida e convivência. O povo não é tão ignorante que não é capaz de avaliar a autenticidade religiosa e moral de seu clero. Firmeza e estabilidade pessoal não se formam de um dia para outro. Para transmitir eficazmente a mensagem da Igreja ao

mundo contemporâneo, a reflexão teológica em processo atual precisa ser absorvida e fertilizar a própria vida. Onde o Concílio Vaticano II abriu de novo a convivência, o diálogo e a colaboração com o mundo atual, mistura do humano, sub-humano e desumano em toda sua variedade, o estudo preparatório de teologia para o futuro sacerdotal exige mais, muito mais esforço e concentração. Pela dinâmica interna e crescente complicação da vida do povo, a situação do aprendiz de teologia se torna paradoxal.

De um lado, dispõe de muitas informações e publicações da teologia e outras ciências; doutro, amadurece mais lentamente na medida em que a sociedade e a vida eclesial se complicam mais e a “clientela” do clero tem mais problemas existenciais e não acredita mais tanto em “o padre falou”. Se o clero quiser ser mais do que funcionário ou administrador da “empresa” eclesial, o esforço disciplinado nos estudos teológicos preparará um homem profundamente religioso e honesto para se comunicar com o povo dentro e fora das igrejas católicas. Dar testemunho da esperança evangélica exige mais do que conversar sobre futebol ou candidatos políticos.

### 3. Diálogo e convergência<sup>3</sup>

Tensões entre unidade e pluralidade, mais ou menos toleradas, não são novidade na Igreja e não estão ausentes nas salas de aula da teologia. Embora a finalidade da formação teológica esteja orientada para o sacerdócio, os grupos que estudam juntos são transitórios e heterogêneos de proveniência cultural e étnica, de formação escolar e religiosa e de experiência de vida diferentes. Marcas de religião de medo, rigorismo e pecadofobia se manifestam ao lado de movimentos de entusiasmo e de leveza alegre<sup>4</sup>, enquanto os problemas da convivência de homossexuais com maiorias

<sup>3</sup> Do autor, Uma moral de convergência, *Perspectiva Teológica*, 23(1991) 299-316.

<sup>4</sup> Do autor, A “pecadofobia” e sua gênese, *REB*, 59 (1999) 515-529; O triste cristianismo e Jesus de Nazaré, *REB*, 61(2001) 586-601.

heterossexuais ficam mais ou menos camuflados. Comum é que os estudantes dispõem de mais informações e conhecimentos na base de contatos sociais e meios de comunicação, além de suas heranças catequéticas e familiares.

Essa realidade torna inflacionária a transmissão unilateral de cima da cátedra para baixo, entregando pacotes de verdades a ignorantes. A queixa do parco resultado de quatro anos de estudos teológicos talvez se relacione com um professorado improvisado, carregado de outros serviços, ou com o fato de um estudante nunca ter aprendido a estudar ou querer apenas coisas praticamente práticas, como disse Jacques Maritain. Teologia e moral não são livros de receitas culinárias. Contudo, fundamento certo está na passividade e falta de participação e colaboração da parte dos estudantes, condenados ao princípio nazista adaptado: o que o professor diz é verdade; o que o professor faz é justiça<sup>5</sup>. No processo de aprendizagem, o conhecimento, a experiência, as posições dos estudantes não de entrar, para eles se formarem por própria responsabilidade.

De fato, não há novidade aqui. Os cursos de teologia das universidades medievais conheciam o método da discussão e da troca de ideias e posicionamentos, estilizado nas Sumas Teológicas.<sup>6</sup> Para com qualquer problema, o primeiro passo é colecionar material, textos de autores, opiniões e sugestões dos participantes em favor ou contra. Depois seguem a tese, formulada com precisão e explicada, e os argumentos comprovantes e a refutação das razões do contra. Em redor desse esquema simples há um vasto campo de variações. Mas no âmago estão a colaboração, a procura de dados, argumentos e documentação e movimento em direção a um consenso do grupo.

---

5 Original: Was der Fuhrer sagt ist Wahrheit; was der Fuhrer tut ist Recht.

6 Uma aplicação moderna em: Frei Carlos Josaphat, *Moral, amor, humor*, Rio de Janeiro: Nova Era, 1997.

Para o método funcionar, não entra somente a liberdade de falar e dar sua opinião da parte dos participantes, mas também a necessidade de cada um procurar formular sua própria opinião e a abertura para correções e crítica dos outros. A moral católica romana é autoritária. No entanto, não adianta se os fiéis não a assumem, mas resistem na práxis e fazem conscientemente o contrário. O movimento de cima para baixo se completa pelo princípio de baixo para cima em solidariedade comunitária, temperada pelo sal crítico. Em outros termos, no Corpo de Cristo, a vida flui da cabeça para os membros e dos membros para a cabeça. Palavras de centro e periferia são sugestões na mesma direção.

#### 4. Senso de socialidade solidária<sup>7</sup>

Estudar teologia não é simples autorrealização ou autoenriquecimento, pois orienta-se para o serviço PRESBITERAL e comunicação evangélica com os outros. Atualmente é quase moda invocar a “minha experiência”. Dentro de seus limites, cabe bem nos contornos da mentalidade moderna, em que as ciências ocupam grande espaço e concretude e sensibilidade nas relações humanas ganham terreno. Limites se impõem pelas próprias condições comuns dos participantes do curso teológico inicial.<sup>8</sup> As condições de percepção e sensibilidade de candidatos ao sacerdócio não costumam ser comuns com outros homens de sua idade. Estes estão na luta, trabalham e pagam seus estudos, não têm comida, roupas, remédios de graça, namoram e vivem o estilo comum da vida familiar, estão com problemas de emprego e salário, são dependentes de patrões e expostos a tudo o que o mundo urbano atual oferece. Entretanto, por mais limitada e individual que seja, a experiência serve para participar dos questionamentos e contribuir às discussões.

7 Veja J. Senft, *Im Prinzip von unten*, Frankfurt a. M.: Peter Lang, 1990; do autor, *Justiça, Paz e Vida consagrada, Convergência*, (2002); outra perspectiva em Jung Mo Sung, *Sensibilidade solidária e condição humana, Cultura/Vozes*, 95(2001) 6, 51-66

8 Especialmente hoje em dia, estudos acadêmicos da teologia feitos não bastam. O complemento é continuar a acompanhar a teologia com leituras e cursos de reciclagem.

Estudos acadêmicos de teologia não se desenvolvem ao lado da vida real do mundo humano. Em vista da vocação existencial dos estudantes, a qual não inclui vida casada, familiar, nem vida de empregado de empresa ou trabalhador rural, o desenvolvimento dos estudos e reflexões prestará atenção especial à formação do senso solidário com a humanidade em caminho de alto risco. O problema de Deus não é problema teórico ou apenas pessoal, pois se desenrola entre luz e trevas pelo mundo humano histórico e o universo criado todo, extensão do mistério divino e oficina de construção do Reino de Deus. Essa visão não começa em Polinésia, mas no lugar e na vivência cotidiana do estudante. A teologia dos cursos e livros é teoria mas deixa de ser um corpo alheio na medida em que a matéria fica ligada à própria vivência religiosa, aprofundando-a, endireitando-a, ampliando os horizontes da vida humana com Deus. Se a linguagem abstrata da doutrina é completada pela análise das formas locais e brasileiras das religiões e da diversidade dos movimentos e tendências na Igreja, o processo de amadurecimento e confirmação interno enriquece a própria e a própria vida dela com os outros.

Para ficar com dois pés na terra da realidade humana, o Concílio Vaticano II quebrou o quase monopólio da moral dedutiva, conceitual e racionalista, desenvolvida nos manuais latinos dos últimos séculos. Especialmente o *Gaudium et Spes* e os grandes documentos da CELAM usaram o método mais analítico e personalista que a Ação Católica aplicava com a fórmula “ver, julgar, agir”. De novo volta o valor da pequena experiência que cada pessoa mais madura acumula. A vivência do bem e do mal, porém, precisa ser ampliada com material analítico das ciências humanas e da história, para entender melhor as ações e reações do povo brasileiro. Mais ainda, serve para ampliar a rede das relações interpessoais.

A reflexão moral não se limita a formular um código de

normas, sem centrar-se nas pessoas em sua concretude histórica e contexto de interdependências e trocas. Sem as pessoas reais, limitadas em talentos e possibilidades, o código se torna, mesmo em suas proibições, um ideal acima da capacidade das “pessoagentes”, em vez de ser uma orientação no itinerário para Deus, Pai de misericórdia, para frente. Isso não significa apenas a valorização da própria consciência pessoal responsável, mas ensina o respeito pelas consciências dos outros e suas responsabilidades no mundo comum.

Para os aprendizes atuais de teologia, estudantes e professores, a ampliação dos horizontes da vida vivida pessoal e a extensão da visão sobre todo o espaço divino-humano, revelado por Cristo Jesus, diminuem dois riscos factuais, o simplismo e a camuflagem. Muitas famílias nucleares cristãs querem mais espiritualidade. Mas teologia não é belas letras. Cada vez mais a vida familiar em evolução resente as limitações, compostas pela política econômica e social dominante, o mercado do trabalho, o sistema de ensino, saúde, transporte, habitação e urbanismo infraestrutural, as mensagens dos meios de comunicação que estão praticamente fora do alcance de suas mãos.<sup>9</sup> Em tantas situações de aperto inamovível, o que faz o sonho idealista? Se a reflexão teológica nesta área não ficar interligada à realidade tão humana e não pensar na direção de uma política familiar justa, arriscará viver fora deste mundo terrestre e transitório. A terra é apenas azul para aeronautas no espaço.

Entre o povo de Deus no Brasil atual há muita movimentação e diversidade. A Igreja é um corpo vivo em processo, marcado pela árvore da experiência do bem e do mal. Na história humana muita revolução foi seguida por um período de restauração. Às vezes, as duas correntes misturam de tal modo que, sob a capa da novidade atraente, velhos costumes e ideias são conservados com

<sup>9</sup> Do autor: Família, matrimônio, sexo, Petrópolis: Vozes, 1992; Sagrada Família ou política familiar?, REB, 55(1995) 87-104.

embalagens trocadas. Assim o rigorismo moral com suas listas escritas de pecados, devoções em formas variadas, romantismo religioso de sonhos e imaginações pseudomísticas voltaram.

Pior ainda é que a antiga separação entre a Igreja, ilha de felicidade e consolação, e o mundo, que é mau, reino do pecado e satanização, está de volta. A teologia não é biblioteca, mas é aprendida e levada para frente por pessoas humanas que são, de um lado, membros responsáveis da Igreja; doutro, cidadãos responsáveis e, no Brasil, de direito pleno, do mundo. Igrejas cheias é um ideal, mas cada celebração eucarística convida os participantes a recomençar a caminhar pelo mundo e construir o mundo com o acompanhamento do Senhor garantido.

Quase vinte séculos de cristianismo ocidental passaram, para um Thils, um Congar darem um impulso à teologia do laicato e o Concílio Vaticano II definir a Igreja de Cristo, em primeiro lugar, de Povo de Deus. Desse Povo, a grande maioria é leiga. A hierarquia e o presbitério formam uma minoria muito limitada dentro da igreja, a serviço das multidões de fiéis leigos, que se reúnem na mesma fé e graça de Deus e são templos do Espírito Santo, discípulos comungados com o Senhor Jesus. Perante esta realidade em curso, que haja senso crítico, especialmente senso autocrático, pois nem tudo o que aparece, serve.

A conscientização crescente dos leigos católicos faz surgir uma imaginação lúdica. Como seria a teologia e a moral cristãs se seu centro produtivo fosse colocado entre os leigos mesmos ou, ao menos, se eles fossem incluídos sistematicamente no processo produtivo das mesmas? Talvez seja uma utopia meio louca, que some na hora de acordar. Brincando, porém, com esta ideia, qual texto da fé ou moral sairia pela colaboração ampla e respeitada dos leigos cristãos que vivem e labutam, com a graça de Deus, dentro das condições suas, mundanas, terrestres, dentro das realidades

terrestres da vida matrimonial e familiar, da economia, política, cultura e paz mundial, tratados no Concílio Vaticano II? Igreja e Estado estão separados oficialmente. Leigos pertencem a ambos. Para eles é fascinante a frase famosa: tudo é política, mas política não é tudo. Com eles a teologia e a moral vão passar por uma reviravolta “revolucionária”. Sonhar é livre.

## 5. Criatividade teológica

Se os estudos são tomados a sério, a reflexão teológica e moral é criativa. Não é uma criação *ex nihilo sui et subjecti*, fórmula clássica no tratado sobre Deus Criador. A imaginação humana pode falar solta, mas o primeiro passo é colocar-se na linha da tradição, da caminhada já feita e colecionar o que foi produzido até agora pelos antecessores, teólogos e autoridades eclesiais. A leitura crítica avalia os textos disponíveis do passado, interpretando-os nos contextos dos autores e suas intenções, da época e ambiente cultural em que foram escritos. A biblioteca, porém, não faz teologia, apenas guarda as testemunhas que deixaram seus escritos e documentos. O sábio tira do baú coisas antigas e recentes, até recentíssimas. No entanto, falta o passo para frente. Repetir é olhar para trás; não é criar para frente, com todos os riscos, pois o terreno em que o teólogo e o moralista pisam é muito supervisionado e as discussões entre rigorismo e liberalismo continuam.

O ritmo sempre mais acelerado e irregular de mudanças cria novos problemas e formas novas de problemas velhos. Provas da existência de Deus que foram suficientes num mundo vivido em que Deus, anjos, demônios e milagres tinham passagem livre, ainda não são convincentes numa sociedade secularizada na qual a religião fica à margem da linguagem política, científica e popular. A transformação cultural da modernidade e pós-modernidade torna o teólogo prudente em manipular argumentos de épocas anteriores e convivências humanas diferentes. Na Idade Média,



a teoria das duas espadas funcionava na situação da Igreja e do Império e transpareceu ainda no início da colonização latino-americana, um pouco também na coroação de Napoleão. Em outro contexto histórico, o Concílio Vaticano II refletiu de maneira bem diversa sobre a Igreja. Na tendência apologética antiga, o desejo de “sempre foi assim” atrapalha o progresso de novas ideias e interpretações.

Na teologia moral, um outro fator complica. As gerações dos manuais pós-tridentinos deram a impressão de posse tranquila e estável das verdades normativas, cuja última base segura era, afinal de contas, a lei eterna de Deus. Todavia, no presente, sociologia, biologia, medicina, mudanças dos costumes, exclusão, distribuição de rendas, o jogo político numa democracia e muito mais dão muita dor de cabeça que não some por decreto. A abundância de novas questões especiais absorve tanta atenção e energia que a moral fundamental e os problemas fundamentais das pessoas humanas, das responsabilidades, das consciências coletivas e sua formação, o valor gradual das diversas normas arriscam ficar marginalizados. Numa guerra aprende-se que, se as granadas matam gente amiga, a culpa não está nas granadas, mas no canhão e seus soldados.

A reflexão moral não se restringe mais a um código correto de normas; abrange as pessoas agentes, subjetividades frágeis, limitadas em termos de formação, condições e contextos. O itinerário para Deus e os próximos é de pessoas vivas e não de leis. Antes do Concílio, já pensadores como Tillmann, Haring, Jansen e tantos outros procuraram novos caminhos. A literatura é ampla, como é forte a resistência que critica os outros, mas mostra pouco senso autocrítico para com sua herança. A criatividade é a vida da teologia. Se o produto não agrada, a consolação está na última notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre escritos de Jacques Dupuis e Marciano Vidal.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> SEDOC, 33 (2001) 634-639.

“Recordem-se as tensões que, na história recente da Igreja, existiram entre alguns teólogos e o Magistério dos anos 50. Tais tensões revelam-se mais tarde fecundas chegando a constituir, como o próprio Magistério a reconheceu, uma base de partida para o Concílio Vaticano II”. Não é somente madeira de lei que precisa da “paciência do amadurecimento”<sup>11</sup>.

## 6. Futurologia

A cultura parece mudar cada vez mais de uma cultura de ler para uma cultura de ver e ouvir. Filmes, vídeos e programas televisionados vão oferecendo bons serviços na formação universitária. Num futuro não tão longínquo, talvez um Instituto virtual de teologia seja projeto viável em que uma grande equipe de professores especializados passem suas aulas, via Internet, para uma série de institutos-satélites, com possibilidade de fazer perguntas, discutir por meio de computador e televisão ligados? Nesse sonho o professorado local orientará os estudantes em seus estudos, dando assistência e trocando de ideias conforme a situação *in loco* do povo.

*Artigo originalmente publicado:*

LEERS, Bernardino. Formação teológica e formação presbiteral. *Horizonte Teológico*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 21-31, jan./jun. 2002.

<sup>11</sup> O melhor estudo sobre esta matéria é de Celito Moro, *A formação presbiteral*, Aparecida: Santuário, 1997, com extensa documentação e bibliografia.

## A FORMAÇÃO DOS RELIGIOSOS EM ÉPOCA DE CRISE

*Frei Bernardino Leers, OFM*

*Crise é fase de transição em que, abalada a uniformidade relativa das tradições herdadas, uma pluralidade de novas formas de vida cresce e se divulga, com alto grau de instabilidade, incertezas e conflitos inesperados de profunda repercussão na sociedade.*

Crise? A sugestão é dada pela imagem de uma tempestade no mar, uma barca, pescadores experimentados, a angústia que sente o perigo e a morte. Enquanto Cristo continua dormindo, a crise encontra aqui uma expressão existencial. Nesse caso, para marinheiros de primeira viagem.

Formação de religiosos? Os tempos novos forjaram o termo de formação permanente. Seja qual for o conteúdo possível desta novidade, normalmente a formação se projeta para o lado de jovens em seus primeiros anos de vida religiosa de uma ou de outra denominação, ordem ou congregação. Conforme o tipo de instituto, esses anos de formação estão institucionalizados na forma de estatutos e regulamentos especiais sobre postulante, noviciado, profissão.

O terceiro que junta as duas? O autor. Macaco velho não mete a mão na cumbuca, diz a sabedoria popular. Mas como bicho curioso que é, fica rodeando, rabo para cima, para ver qual é a novidade que há. Talvez haja alguma coisa que sirva de comida.

## 1. Limites da percepção

O homem é um ser limitado que usa uma linguagem aparentemente inteligível e trocável no universo humano. Qualquer religioso passa por um período de formação, concreta, histórica, condicionada pelo instituto em que entrou, pelo meio ambiente cultural em que este instituto funciona, pelas personagens que de fato encontrou. Para o bem ou para o mal ou numa mistura de luzes e sombras, cada um tem e fez sua experiência prática, em determinado tempo e espaço, enriquecida e limitada pelas ideias dominantes sobre Igreja, mundo, vida religiosa, interpretação do sentido e da missão da congregação que escolheu.

No entanto, os termos do título e das discussões que costuma provocar são generalizações que diluem e ultrapassam por todos os cantos esta pequena quantidade de experiência pessoal, vivida neste campo e restrita a um determinado lugar no passado, que não existe mais, senão na memória. O que complica mais esta questão é o fato de que, na maioria dos institutos religiosos masculinos, a formação do religioso está misturada com a preparação profissional e espiritual para o ministério sacerdotal, embora a vocação da vida religiosa e o ministério na Igreja não estejam na mesma linha.

A memória colorida da experiência pessoal de formando desempenha um papel perigoso na hora em que "a" formação de "os" religiosos entra em discussão. Na troca de ideias sobre o assunto, cada um traz a marcação de sua maneira de ter passado pelos seus anos de formação. As palavras estão na dependência de sua interpretação deste período de sua vida, de seu "jeito" de ter manipulado os acontecimentos alegres e tristes, bons e maus, que formaram a corrente do tempo passado, até ele se tornar membro de direito comum em seu grupo religioso específico. Sem conscientização desse processo cognitivo, a experiência particular e bem restrita facilmente é projetada, por ampliação da escala,

sobre o discurso genérico de “a” formação e de “os” religiosos, entendidos como uma espécie de essência, enquanto existe somente em particular cada congregação com seus grupos, suas peculiaridades e tradições.

A consequência desta fixação na imagem do passado da formação “sofrida” é que restringe o significado global das palavras em que a discussão se desenvolve e, pior ainda, propicia uma certa cegueira diante do fato de que os tempos mudaram e o passado passou. Embaixo das aparências de um discurso livre e desinibido, esconde-se um quadro mental de referências que não se liberta da prisão da própria experiência de que a pessoa dispõe. Enquanto se refere ao passado, essa experiência não é mais a original, mas está retocada pelas correções e idealizações introduzidas pela memória ativa entre o acontecimento real do passado e o momento presente com as opções que este agora oferece.

Comum é o procedimento de que o homem identifica as palavras que usa com o conteúdo e a qualidade das experiências que ele teve. Consequentemente, seus pontos de vista e suas tomadas de posição estão geralmente condicionados por esse tipo de memória. Experiência vivida costuma ser um argumento de autoridade e uma vantagem na discussão. Doutro lado, é ela que, mal interpretada, chega a estreitar e obstruir a capacidade de perceber e apreciar as novas ofertas que são apresentadas em situações diferentes, dentro do processo histórico de mudanças em ritmo acelerado, de que a Igreja e as congregações religiosas intimamente participam.

No processo da libertação em que o homem transcende aos próprios limites, a prática da comunhão ganha valor especial. Pela troca aberta das experiências e ideias entre as pessoas é que começa o enriquecimento mútuo e encaminha-se a possibilidade de um *modus vivendi* comum. O resto costuma ser jogo de palavras ou imposição de quem tem o poder nas mãos.

## 2. Crise e crises

### 2.1. A crise global

Não é sem sentido que a palavra “crise” está integrada no vocabulário popular. Com poucas variações, os dicionários fornecem seu sentido global de conjuntura perigosa, insegurança grave, transição perturbada entre uma época e outra, situação confusa decorrente de mudança de padrões culturais, fase de transição em que, abalada a uniformidade relativa das tradições herdadas, uma pluralidade de novas formas de vida cresce e se divulga, com alto grau de instabilidade, incertezas, conflitos, vicissitudes inesperadas de profunda repercussão na vida da sociedade.

A crise supõe que uma realidade social, uma maneira de conviver, consideradas “normais”, são comprometidas por um processo de mudanças, insegurança e conflitos de modo tal que as pessoas envolvidas estão obrigadas a optar ou pela restauração da “ordem” do passado ou pela construção de uma nova “normalidade”, a fim de salvar sua identidade ameaçada. Por isso, as crises têm sempre um aspecto ético. A segurança do código de conduta, vigente no grupo, entra em franco declínio e a convivência fica obstruída pelas discórdias internas e falta de clareza nas orientações. Velhas certezas vão desaparecendo, enquanto as novas tentativas ainda não criaram raízes, segurando uma certa continuação da experiência, vencendo as barreiras da desconfiança no grupo e ganhando simpatia e apoio suficientes dos outros.

Todavia, quem pensa na formação de material humano, aqui e agora, não está servido apenas com este tipo de definições abstratas e se vê obrigado a concretizar e particularizar a crise ou as crises atuais que condicionam a estratégia concreta da formação religiosa. Para essa finalidade, uma leitura atenta da primeira parte

de Puebla fornece, mais do que uma imagem precisa da crise, um instrumentário sugestivo à disposição daqueles que querem ultrapassar a fase do grito de alarme: *c r i s e!* Para não ficar numa sensação vaga de intranquilidade sem rumo certo, é preciso fazer uma diagnose mais exata dos sintomas sociais, políticos, econômicos, religiosos que justificam o uso da palavra “crise” agora, depois de um período ainda bastante recente em que a palavra de ordem era “milagre”.

No contexto desta reflexão, o acento cai principalmente nos aspectos religiosos da crise humana contemporânea no ambiente latino-americano. Em relação à transição cultural, econômica e política, em que esta geração está envolvida, a literatura nacional pode ser completada com facilidade pela leitura crítica dos relatórios do Clube de Roma e de Willy Brandt, ou por autores do tipo Huizinga, Karl Mannheim, Erich Fromm, Karen Horney, da Escola de Frankfurt, ou pelos prognósticos de Jantsch, Toffler, Kahn, Wiener e outros, porque neste campo há prato para qualquer gosto.

No quadro mundial de choques, conflitos, injustiças, oposições ideológicas, falsidades, explorações de pessoas e povos em grande escala, a religião não pode ficar imóvel, uma sacralidade intocável, como se fosse uma ilha de bonança no meio da tempestade. O homem é um só. Mesmo se o grupo de fiéis é tão majoritário como a Igreja católica no Brasil, participa intimamente das ondas de insegurança global e tem de enfrentá-las, para não sucumbir. Uma fé de sacristia seria fatal, como a Igreja bem tem entendido nos últimos decênios.

## **2.2. A dimensão religiosa**

A crise religiosa latino-americana criou uma situação paradoxal. De um lado, continua a saída silenciosa de muitos que

abandonam as práticas religiosas da Igreja, tornam-se indiferentes e guardam, ao máximo, um certo respeito para com os valores do passado e para com aqueles que lutam pelos direitos humanos. Esse indiferentismo se manifesta em todas as camadas da população, embora essa impressão talvez seja parcialmente o produto de uma interpretação demasiadamente favorável da práxis religiosa dos antepassados.

Numa Igreja dominante não se espera muita preocupação com fenômenos sociais marginais. O otimismo da posse das massas passa facilmente por cima dos fatores negativos de números sobre praticantes, expansão de outras religiões e secularismo. A visita do Papa João Paulo II, as comunidades de base, a defesa clara dos pobres, operários, posseiros, índios em seus direitos, são sinais de vitalidade esperançosa da Igreja. Diante desses sinais, a importação aparentemente indispensável de padres e religiosos estrangeiros e a formação precária de uma liderança leiga católica no cenário nacional, que tinham valor simbólico há vinte anos, parecem ser hoje em dia apenas um dissonante falso na orquestra da alegria global.

Doutro lado, o Brasil é um país em que a proliferação criativa de novas seitas do tipo africano, kardecista, umbandista, pentecostalista, teosófico, oriental, misturadas com movimentos de poder mental e de naturalismo, talvez seja a mais forte do mundo inteiro. Reprimidas ou toleradas pela sociedade, essas novas religiões e sucedâneos atraem uma ampla clientela, proveniente das diferentes camadas da população nominalmente católica.

Apesar de sua variação contraditória de formas doutrinárias e culturais, o quadro geral desse desenvolvimento diversificado pode significar para a liderança da Igreja um subproduto da ignorância religiosa onipresente em todos os níveis e a triste consequência de falsas formas de tolerância. De fato, manifesta uma vitalidade



curiosa das preocupações últimas do povo brasileiro, além e apesar das muitas necessidades de pão, emprego, saúde, escola para os filhos, que este povo sente na carne. Talvez haja no meio algo de “ópio do povo”. Mas resta ainda bastante evidência para supor autenticidade nesta procura do sentido da vida humana, do valor do homem, do significado do mal e da morte, da felicidade.

À esfera global da crise pertence também o processo complicado de mudanças aceleradas que se está realizando tanto na Igreja em geral quanto na vida e atuação dos religiosos no Brasil. Uma certa imagem dessa evolução surge com a leitura dos documentos eclesiais do Vaticano II, Medellín, Puebla, CNBB, CRB, que constituem uma verbalização das transformações reais em curso e continuam tendo grande influência sobre o desenvolvimento do processo histórico da renovação. De sua maneira, o estudo do Padre J. B. Libanio sobre as grandes rupturas socioculturais eclesiais fornece um instrumento excelente para perceber distintamente as várias fases de transformação dos últimos decênios, à primeira vista bastante caótica e desorientadora.

A passagem prolongada do povo de Deus, dos religiosos, pela cachoeira das mudanças deu à Igreja uma formação social de grupo, que parece com uma coluna militar muito comprida, com pequenas tropas de choque na frente, alguns bolsões de defesa na retaguarda e, no meio, uma multidão em que cada um tem seu lugar pouco determinado, constituindo um largo “meio campo” sem muita definição ou posicionamento firme. Na verdade, não se trata de um processo histórico pelo qual os católicos, os religiosos passam *pari passu*, todos juntos, em ritmo igual, na mesma hora todos trocando uma fase por outra. Ao contrário, o corpo eclesial acusa atualmente uma disritmia polimorfa profunda. Há coexistência, não exatamente pacífica, de várias etapas da evolução que, em parte, estão institucionalizadas e normadas em leis e estatutos, enquanto a etapa mais recente, de Puebla, fornece

uma abertura para a vida religiosa que ainda não está bem fixada e se encontra em fase experimental. Pessoas e grupos demonstram entre si vários tempos de ideias e atitudes e vários ritmos de mudança. Sem possibilidade de evitar os outros, as discussões, os conflitos e o sentimento de mal-estar não faltam; formam juntos os sintomas da crise.

Em sua linguagem objetiva, uma análise da crise atual ainda não atinge o ponto nevrálgico da problemática. Afinal de contas, ela não é muito mais do que uma imagem, bosquejada em frases, palavras e letras, que exprime e objetiva uma só interpretação da realidade histórica, ao lado de possíveis outras imagens. Uma crise é um acontecimento humano em cujo epicentro está o homem, causa, participante, vítima. Os papéis e as contribuições ao fenômeno da crise são variáveis, mas o centro energético é formado por pessoas humanas.

### 2.3. A consciência da crise

As crises históricas, atuais ou do passado, possuem também e em primeiro lugar um aspecto subjetivo, pessoal e social, uma carga racional emotiva nas pessoas envolvidas, cada uma de sua maneira. No processo de uma crise não entram apenas certos fatos objetiváveis de ordem religiosa, política ou econômica. O jogo é feito por pessoas que criam tais fatos, percebem e sentem o que está acontecendo, agem e reagem com sentimentos de insegurança e mal-estar, duvidam se vão tomar conta, tem medo das novas situações criadas, incerteza do futuro sem garantia. É a imagem de São Pedro na hora que, deixando a segurança da barca atrás, percebeu a agitação das ondas debaixo de seus pés e a força dos ventos.

Esta consciência, este senso de crise parece uma reação bastante comum hoje em dia. Religiosos há que praticamente não

tomam conhecimento do mundo em redor deles e se isolam em seu bem-estar e seus trabalhos. Há também o indiferentismo forçado daqueles que não chegam mais a acompanhar os acontecimentos e tentam apenas aguentar o tempo que lhes resta. Mas se os sinais não enganam, muitos sofrem profundamente com as mudanças e conflitos que se manifestam na Igreja e entre irmãos, e com o alto preço que a construção do reino de Deus está custando na atualidade. Para contrabalançar este quadro humano, exatamente na crise é que a criatividade está estimulada e nascem novas lideranças que, de cabeça fria e tranquila, enfrentam a tempestade e passam por ela com coragem e firmeza.

Para simbolizar o sentimento geral de crise, basta comparar a esfera de otimismo que cerca o documento *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, em seu diagnóstico e suas orientações, com o documento de Puebla, suas análises, preocupações, projetos e apelos, que ultrapassam de longe os sinais de esperança e alegria com que o texto termina. Embora a filosofia do “tudo bem” e “vamos ver” esteja bem arraigada na alma do povo, aquela tranquilidade eufórica do tempo passado tem cotação bastante baixa agora. A grande tentação da hora presente é não entender mais a palavra do Senhor: não tenham medo, misturada com a velha sabedoria de Gamaliel (At 5,34-39). Crise é um termo adequado de interpretação da atualidade, tão comum talvez, que sofre até o impacto da inflação semântica, porque o homem se acostuma e sabe se adaptar.

#### **2.4. Os contrastes das explicações**

Embora a crise possa ser desdobrada numa série de fatos objetivos e subjetivos que alcançam um certo consenso da maioria, imediatamente as águas se dividem de novo quando se trata de interpretá-la e indicar os rumos a tomar e as táticas a seguir. Se na sensibilidade pela crise global da humanidade, da Igreja e seus religiosos, já há bastante variação em grau de mal-estar e

insegurança, essa variação se torna um antagonismo na hora em que os diversos participantes, cada um em seu lugar e partindo de sua posição na totalidade humana, começam a indicar causas e condicionamentos e sugerir medidas, remédios e caminhos de salvação.

De um lado, apresentam-se explicações na base de cheiro, fumaça, rabo e outros atributos populares do demônio, eventualmente de um novo cavalo de Troia que entrou na cidade de Deus. Doutro lado, agrupam-se os argumentos de uma crise de crescimento, de libertação em caminho, de purificação da Igreja, de redescoberta dos verdadeiros valores evangélicos e sua radicalidade interna, de um novo ímpeto do Espírito Santo. Entre os dois polos existe um largo campo de variáveis. Todos parecem estar de acordo de que muitas pessoas se desorientam, desiludem, desanimam e abandonam a caminhada. Apenas não concordam se elas devem ser vistas como vítimas da astúcia do diabo e do próprio orgulho, ou desistiram, porque não entenderam os sinais dos tempos nem o sopro do Espírito e não aguentaram o parto difícil do tempo novo da esperança e da liberdade.

Diante da variação das interpretações, cada um também procura seu caminho de passar pela crise e vencer os obstáculos e obstruções, conforme a posição que ocupa em seu grupo, na Igreja e na sociedade. Essa opção não é simples opção em franca liberdade, mas tem seu condicionamento social, a influência da educação que a pessoa recebeu, da camada social a qual pertence ou em que foi colocada pelo seu "status" de religioso. Tais dependências são difíceis de avaliar na vida dos indivíduos. Todavia, deixando de lado o problema da liberdade responsável de cada um na composição complexa da história da crise atual, existe uma clara bifurcação nos projetos de superá-la.

A própria linguagem demonstra a divisão antagônica. Há

um ciclo de discursos que jogam constantemente com autoridade, ordem, ortodoxia, clero, Papa, criar ou melhor, manter ordem, obediência, excluir os hereges, limpar a Igreja das infiltrações de lobos comunistas, vestidos de pele de ovelha. O vocabulário dos acusados inclui outros termos: liberdade, procura, renovação, consciência crítica, responsabilidade, práxis cristã, construir um mundo humano de direitos respeitados e realizados, abertura, participação também na Igreja, povo, comunidades e assim mais. Se o encontro entre as duas posições se realizar no caldo de medo, agressividade, sensibilidade pessoais, ânsia de poder e necessidade de autoafirmação, fácil será imaginar que a temperatura subirá mais do que acontece num simples debate acadêmico. Conflitos possuem um mecanismo interno de autopropulsão que envolve as pessoas cada vez mais profundamente.

## 2.5. A crise e seus conflitos

Assim fica mais claro porque a crise atual produz tanto “material bélico” em conflito e discussões, resistências e oposições. A palavra “comunhão”, um dos termos-chave de Puebla, tem sua própria sombra que parece ser pouco percebida. Geralmente usada na perspectiva do amor, esquece-se que também o ódio e a agressividade têm sua forma própria de comunhão com o outro, de modo que este se pode tornar uma verdadeira obsessão. A própria palavra conflito sugere essa qualidade.

Embora a paz e a tática dos panos quentes estejam mais integradas na mentalidade e no vocabulário dos cristãos de hoje, a complexa crise atual obriga a assumir a existência dos muitos conflitos abertos e latentes, tanto na sociedade, quanto na Igreja e suas instituições. Estes estoques de agressividade precisam ser encarados com realismo e manipulados com jeito, a fim de os partidos progredirem para novas formas de convivência e entendimento. Muitas vezes, uma política de camuflagem serve

apenas para juntar mais material explosivo, capaz de levar a um estouro em que nada mais segura a ninguém.

Conflitos são processos de interação antagônica entre duas ou mais pessoas ou grupos sociais. Nesses processos, contra as aparências, os participantes não se afastam entre si, mas se orientam cada vez mais um para o outro, juntando argumentos em respostas aos argumentos dos outros, provocando-os, às vezes, de vara curta. Começando em ponto pequeno, geralmente um pequeno escândalo, uma resistência inesperada, uma oposição, o conflito cresce em intensidade em cada contato ou confronto, aumentando o negativismo no relacionamento mútuo. Esta nuvem de negativismo encobre áreas cada vez maiores da atividade, das opiniões, do caráter, das intenções, da pessoa do outro.

Cada ação agressiva contra o outro e suas posições condiciona uma reação ao que pode variar de simples absorção ou indiferentismo até briga, veemência e vingança. Assim abre-se a troca e começa a escalada da energia conflituosa que envolve a pessoa toda, tanto em sua dimensão racional, quanto afetiva e emocional. O conflito se desenvolve como um jogo de xadrez em que cada mudança de peça de um lado provoca novo desequilíbrio de forças e nova necessidade de concentração na posição do adversário, do outro lado, para arrumar melhor sua defesa ou projetar um novo ataque de maneira mais bem planejada, talvez por outra ala. Uma boa tempestade pode limpar o céu, diz o povo. Ao contrário, uma falsa bandeira de paz infecciona a ferida, trazendo perigo de tétano.

Um conflito em escalada tem várias características. Pela polarização os dois adversários interpretam seu relacionamento cada vez mais em termos de preto e branco e exprimem suas posições e acusações em linguagem mais forte e ofensiva. Pela ampliação da escala, não só mais áreas existenciais entram em

conflito, como fogo em procura de novo material, mas formam-se fã-clubes e partidos de maior poder bélico. Quanto mais o conflito cresce, tanto mais alcançará autonomia de existência, tornando-se um fim por si, de autoafirmação, de manifestação da própria força e de imposição de seu poder de mando. Os motivos originais das desavenças desaparecem e os erros e sentimentos de culpa se acumulam de tal modo que ninguém mais é inocente e todos estão morando em casa de vidro. O passo seguinte será a separação e a desintegração do grupo, se a terapia não chegar a tempo.

### **3. A formação e sua diversidade de formas**

Diante desse quadro sumário da crise e seus conflitos e contradições, o problema da formação se complica bastante e permite várias linhas de pensamento em correspondência à interpretação que se dá da crise. Cada congregação religiosa, seus grupos de mando e de pressão ocupam determinados lugares na Igreja e na sociedade, pelas suas tradições, opções novas, ideologias e atitudes práticas. A pluralidade, inerente atualmente também à Igreja, faz com que não apenas no relacionamento com o mundo, como também nos posicionamentos dentro da Igreja, uma variedade de opções seja possível na estruturação da formação dos elementos humanos novos. A redução dessa variedade aos termos de conservadorismo ou progressismo não convém; doutro lado, tem certa força indicadora da realidade mais complexa.

Na procura de uma formação mais eficiente dos religiosos, alguns problemas se destacam. Dentro dos limites desta reflexão gratuita, apenas um ou outro será indicado.

#### **3.1. Uniformidade ou pluralismo**

Pluralismo é um termo que volta com regularidade nos documentos eclesiais modernos. Geralmente se refere às

situações atuais da cultura, política e urbanização, enquanto para o uso interno parece mais dominar a mística da união. Mística, porém, vira mistificação e carnaval de falsidades, se são mascaradas as diferenças verdadeiras que há nas avaliações, opções e projetos de vida que, em núcleo, estão presentes nos candidatos à vida religiosa. Numa Igreja que apresenta em seu corpo social vários estilos de vida cristã e imagens diversas da vida religiosa, as vocações religiosas que brotam devem mostrar a mesma pluralidade. Talvez a diversidade esteja mais no nível verbal de desejos e críticas do que na base de realizações, mas a alteridade do outro e o respeito para com este ser-outro constituem o material básico para construir uma comunidade de religiosos.

Diante desta realidade diversificada, coloca-se o problema de como a formação dos religiosos pode continuar funcionando como a cama de Procrustes, selecionando e orientando os formandos todos conforme um só sistema e uma só medida. Evangelho e carisma original desempenham um papel essencial na formação. Mas suas leituras diversas existenciais na atualidade impedem que a vida religiosa se torne uma fábrica de imagens de gesso que dispõem de um molde apenas.

Hoje em dia, a celebração da liberdade cristã de que a vida dos religiosos forma uma expressão válida sugere maior flexibilidade de formas. Pois essa corresponde melhor à diversidade de planos e expectativas, com que os candidatos se apresentam e se desenvolvem, atingidos pelo pluralismo de tendências e interpretações, que a própria Igreja manifesta na hora presente. A obrigação de deixar passar a diversidade do material humano, com seus objetivos diferentes, por um único canal só força demais o material, com o risco de perdê-lo ou estragá-lo.

Por que não deixar aberto outro canal, outro tipo de formação, ao lado do caminho oficialmente institucionalizado



na congregação até agora? Em função da coexistência das várias fases ou tipos que estão no centro da crise na Igreja, criar-se-ia um estatuto alternativo para a formação dos candidatos que se apresentam.

### 3.2. Senso crítico e autonomia

Em teoria, parece ser mais ou menos tranquila a aceitação de que no mundo turbulento de hoje, fora e dentro da Igreja, o religioso precisa desenvolver bom senso crítico e certa autonomia de ver, julgar e agir. O princípio da responsabilidade (Hans Jonas) perante o mundo, grande e pequeno, quebra tanto o seguimento cego do rebanho quanto o isolamento protetor do pequeno burguês.

A práxis é mais complicada, porque a crise inclui opções e preferências que não combinam e atitudes e decisões que são antagonicas. Razoável ou irrefletida, uma boa parte da crítica da nova geração se dirige a três pontos: a defasagem visível entre o idealismo que os mestres ensinam e a prática bem distante das expectativas que a idealização provoca nos jovens; o sistema tradicional de normas, institucionalizado na congregação, que deixa transparecer pouco da liberdade radical do evangelho; o nível econômico e social da vida religiosa em relação ao que Puebla chamou de opção pelos pobres. O carregamento emocional varia e nem sempre corresponde às exigências que o superior impõe como condição de conversa.

Porque a geração dominante na congregação ocupa os lugares de mando, o perigo é que mesmo uma crítica bastante objetiva facilmente seja interpretada como um desrespeito da autoridade e uma acusação e ofensa pessoal. Muitas vezes é assim que começa a escalada do conflito. Em vez de aproveitar o novo pontinho de fermento que a crítica contém para renovar e mudar

a vida religiosa do grupo e “humanizar” o conflito para a vantagem dos dois lados, os mal-entendidos se acumulam, a distância cresce e o fim melancólico costuma ser a eliminação do elemento incômodo, porque desintegra o grupo e dá muita dor de cabeça. Mais uma vez, a corda rebenta para o lado mais fraco.

### 3.3. Diálogo criativo *versus* imposição estrutural

No processo da formação encontram-se dois partidos num jogo de ação e reação e de mútua aprendizagem e entrosamento, misturando paz e conflitos em seu desenvolvimento. Entre a liderança da formação e os candidatos costuma haver mais ou menos a distância de uma geração. Por causa do ritmo acelerado e irregular das mudanças, tal diferença significa um grande obstáculo ao entendimento mútuo. Mesmo se os diretamente responsáveis sejam mais novos, estão cercados de estatutos e regulamentos, compostos e sancionados por pessoas que costumam ser de mais idade. Em função da estagnação no fluxo das vocações, a composição etária de muitas congregações de religiosos se assemelha mais a uma nuvem de explosão atômica do que à costumeira pirâmide.

Tal situação aumenta o peso das “memórias” do passado, embora essas tenham ficado cada vez mais inflacionárias pela rapidez e profundidade do processo da transformação. No xadrez entre a segurança da tradição e o risco da novidade, elas tendem a impor-se, juntando a imagem retocada do passado e a posse do poder. Dificilmente os jovens chegam a entender como uma forma tradicional, interpretação histórica pouco atraente do carisma original, possa ter tanto domínio sobre a espontaneidade de ideias e exemplos que estão brotando na sociedade e na Igreja. A geração que ocupa os postos-chave quer que os jovens aprendam autocrítica em humildade; estes por sua vez gostariam que seus mestres tomassem também este santo remédio, relativizando suas

posições tradicionais e brandindo menos a espada da autoridade.

Dialogar é uma arte difícil, especialmente se pretende ser mais do que uma conversa ou discussão verbal. Sempre é possível aplicar o princípio de Hobbes: a autoridade e não a verdade faz a lei. Diante da pluralidade de avaliações e interpretações da vida cristã e religiosa, dificilmente os tais argumentos objetivos resolvem os problemas da convivência. A astúcia de ganhar a batalha na hora em favor de sua tese tampouco contribui para a construção de uma verdadeira comunidade. A força lógica das razões e propostas não pode ser avaliada, independentemente da comunidade das pessoas, capazes de se entenderem entre si e de formarem um consenso sincero e livre como garantia de uma nova práxis (K. O. Appel).

Por esta “ética comunicativa” é que se encaminha o eterno dilema entre a pureza evangélica e as possibilidades humanas históricas, sempre renovadas, de vivê-la e concretizá-la. Se a crítica mútua leva a uma *katharsis* mútua, relativizando as “memórias” de um lado e as idealizações doutro lado, a práxis pode desenvolver, também nos anos da formação, uma pluralidade opcional de formas, sem extinguir a convivência de “um só coração e uma só alma” (At, 4,32) dentro da mesma congregação.

Acordar o Cristo nesta hora parece introduzir na reflexão um *Deus ex machina*. Talvez não seja tanto. Nas contradições e conflitos, gerados na crise, muitas vezes não adianta muito que os adversários se entrelhem, como boxeadores concentrados nos pontos fracos do outro. A maneira de continuar viagem começa quando aprendem a olharem juntos, pelo evangelho e pela eucaristia, para Aquele que é “o caminho e a verdade e a vida” (Jo 14,6).

*Artigo originalmente publicado:*

LEERS, Bernardino. A formação dos religiosos em época de crise. *Convergência*, Rio de Janeiro, v.14, n.147, p. 548-558, nov. 1981.

# A CLERICALIZAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA: UM PROBLEMA PASTORAL OU ECLESIOLÓGICO?

*Frei Bernardino Leers, OFM*

*No processo de clericalização dos religiosos, duas condições ficam mais ou menos latentes: a estratégia do tapa-buraco e o jogo do poder: marcas bem humanas na história de Deus com os homens.*

Para refletir sobre este assunto, uma boa dose de inocência, quiçá de ingenuidade, não é luxo. No mínimo, há três motivos para andar devagar com o andor: vida religiosa e sacerdócio são conceitos abstratos que, na vida real, encobrem vivências bem diversas; a clericalização já vem de longa data e tem criado raízes profundas na vida da Igreja; na questão entra duplamente o poder, do Instituto e da Hierarquia, e – *data venia* –, mexer com o poder é como cutucar a onça com vara curta.

## 1. Desdobramento do vocabulário

**1.1.** Sobre a vida religiosa foram escritos tantos documentos e estudos nos últimos decênios que nem será necessário dar uma síntese do significado desse termo.<sup>1</sup> Ao máximo, a rápida evolução da vida religiosa na América Latina, depois do Concílio Vaticano II, obriga a lembrar que o ritmo diverso de as pessoas absorverem as novidades e porem a teoria em prática resulta geralmente no mesmo fenômeno social: a disritmia do grupo, condicionada pelo jogo conflitual entre as forças das tradições e a fraqueza das

---

<sup>1</sup> Basta acompanhar a evolução da revista *Convergência*, ou ler P. Marcelo de Carvalho Azevedo S. J., *Os religiosos, vocação e missão*, Rio de Janeiro, 1982, ed. 3; Leonardo Boff, *Vida segundo o Espírito*, Petrópolis, 1982.

novas iniciativas. Consequentemente, na comunicação, também o discurso sobre a vida religiosa precisa contar com interpretações diferentes e diferentes apreciações da parte do público de ouvintes ou leitores.

**1.2.** O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa não fornece a palavra *clericalização*, terminologia específica de grupo de especialistas. No contexto eclesiástico atual do Brasil, o termo inclui vários fenômenos ou traços reais. Em primeiro lugar, refere-se ao fato de que a grande maioria dos religiosos masculinos tem recebido o sacramento da ordem sacerdotal. Em comparação com os poucos Institutos religiosos de irmãos professos, às vezes ainda chamados irmãos leigos, os padres religiosos dominam o quadro global da vida religiosa dos homens: 7.660 contra 2.380 irmãos, e igualmente seu número supera o do clero diocesano: 7.660 ao lado de 5.639 padres seculares.<sup>2</sup>

No contexto social, esses dados estatísticos não só demonstram a dominante mistura (difusa ou confusa) da vida religiosa com o ministério sacerdotal, mas são acompanhados também por uma esfera, meio subconsciente, de inferiorização do religioso que não é padre ("ele é apenas irmão leigo"), e de difícil "marketing" da vocação religiosa para homens sem o sacerdócio. Sob esse prisma, a tendência de irmãos criarem mais tarde vontade de serem ordenados padres para serem "alguém" pode ter também seu lado bem humano na história pós-conciliar. Como padre, parece, o irmão religioso corresponde melhor ao padrão factual de expectativas do povo na Igreja. Essa possibilidade se torna mais clara pelo lembrete de que a maioria dos irmãos professos convive em Institutos religiosos clericais, de que a memória guarda ainda os restos da separação, talvez de marginalização, como havia entre madres e irmãs em certas congregações femininas.

A clericalização se manifesta também de outra maneira, isto

---

<sup>2</sup> Anuário Católico do Brasil, Ceris, Rio de Janeiro, 1985, 16; Ceris Informa, n. 16, dez. 1986, 4.

é, os religiosos, sejam padres, sejam leigos, são progressivamente absorvidos dentro de esquemas maiores da organização pastoral da Igreja cujo epicentro é o clero, o bispo, o planejamento nacional dirigido pela CNBB. Na história, tanto os institutos religiosos quanto suas obras de escolas, hospitais e asilos saíram geralmente de iniciativas particulares, e se mantiveram em relativa independência. Hoje em dia, até a própria terminologia de pastoral de saúde, pastoral da juventude, pastoral social, já acusa maior integração do pessoal religioso e, por isso, maior dependência dos centros clericais de decisão da Igreja “empresa”. Também muitos irmãos estão trabalhando atualmente em serviços ministeriais da pastoral.<sup>3</sup>

O mesmo processo se verifica, de modo próprio, para as religiosas. Em linhas gerais tanto as obras tradicionais, quanto as novas pequenas comunidades inseridas evoluíram para um maior relacionamento com párocos e bispos locais, e participam mais das atividades pastorais paroquiais e diocesanas. O primeiro entusiasmo pelas irmãs religiosas que assumiram a administração pastoral de paróquias abandonadas, a convite de um ou de outro bispo, talvez já tenha esfriado bastante, porque os principais serviços de consagrar e absolver em favor do povo cristão ficam barrados, e não há sinal de solução satisfatória no horizonte do tempo previsível. Mas na diversificação dos ministérios, para a qual o Concílio Vaticano II abriu o espaço, encontram-se atualmente muitas irmãs que, sob a orientação ou direção do clero, trabalham com dedicação e eficiência. Também as religiosas são assumidas, cada vez mais na grande teia da organização pastoral, centrada no clero, seus poderes e maneiras de agir, na forma que a história da Igreja ocidental cunhou.

**1.3.** Na evolução deste século da vida eclesial, o termo pastoral passou por uma variação de sentidos que, novos ou velhos, deixam

<sup>3</sup> Para o Direito Canônico, veja o Decreto *Christus Dominus*, especialmente 33-35; *Mutuae Relationes*, Doc. Pont. 195; Código do Direito Canônico, passim.

seus sedimentos nas discussões e trocas de ideias. De fato, a distância, ao menos teórica, entre o manual de teologia pastoral do Pe. Jaime de Barros Câmara, posteriormente arcebispo do Rio de Janeiro, e a terminologia de Puebla e da CNBB atual é bastante grande. Para facilitar o entendimento, podem-se distinguir as seguintes conceituações que não se excluem mas se sobrepõem:

a) a pastoral é o trabalho que o clero, os pastores fazem na Igreja, pela administração dos sacramentos, a pregação, a catequese, a liderança dos movimentos religiosos do Apostolado da Oração, Círculos de reflexão, etc.;

b) a pastoral visa ao conjunto dos serviços prestados na Igreja pela variação dos ministérios que, se não dão acesso ao sacramento da ordem, significam um posicionamento de poder à frente do povo, sua clientela;

c) a pastoral abrange todos os movimentos organizados no seio da Igreja, seja de cunho espiritual, seja de ordem caritativa, educativa ou social. Ligados de uma ou de outra maneira, em sua origem, funcionamento ou “apoio logístico”, aos centros hierárquico e clerical;

d) a pastoral é toda a conjugação dinâmica das forças vitais que há no Povo de Deus e constroem, juntas, segundo a função de cada uma, o Corpo de Cristo no mundo de hoje, numa visão que interliga a tradição apostólica ao Concílio Vaticano II e Puebla.<sup>4</sup>

**1.4.** Com essa última interpretação, a passagem para o termo eclesiológico ficou simples, porque se refere diretamente à Igreja, ao Povo de Deus, em sua dinâmica, em sua caminhada e edificação. Assim, a alternativa de “ou pastoral ou eclesiológico” se invalida

<sup>4</sup> Veja Ef 4,1-16; Rom 12; 1 Cor 12-13; 1 Pedr 2,4-12; *Lumen Gentium*, cap. II, etc.

bastante. De um lado, o Povo de Deus é mistério, enquanto em seus membros e em seu conjunto procede da Santíssima Trindade, e é criado e orientado pelo Espírito Santo, como cumprimento e plenitude do mistério de Jesus Cristo – Cabeça; e doutro, é sujeito histórico que celebra a memória do Senhor Jesus, na esperança de sua vinda, cumprindo neste interlúdio sua missão de funcionar no mundo como se fosse a alma que dá vida ao corpo todo.<sup>5</sup> Tais fórmulas teológicas, como tantas outras, deixam no ar evidentemente o problema de até que ponto expressam a sensibilidade da fé dos fiéis, dos religiosos, do clero, e são vividas por eles no comum cotidiano. Às vezes, as finezas verbais são como os desenhos de lapidações artísticas, em comparação com o próprio material, rude mas autêntico, que é sua base e sua razão de ser.

A distância ou defasagem que pode haver entre a proposta teórica e a práxis vivencial ganha importância aqui, porque entre o povo continuam ainda os restos da identificação da Igreja com o clero e o poder. Esta herança mental é de origem bastante recente, porque o Catecismo Romano, redigido por decreto do Concílio Tridentino, não dá corda a essa interpretação; ao contrário, identifica a Igreja com assembleia, comunidade, convocação, casa de Deus, esposa de Cristo, fundada no Espírito Santo<sup>6</sup>. Somente no século passado, parece, a ideia de caracterizar a Igreja por meio da hierarquia, do clero, e de seu volume de poder, ganha forma nos catecismos e na mentalidade do povo cristão. Apesar da rica teologia eclesiológica do Concílio Vaticano II, o processo histórico da centralização do poder na Igreja e o aumento de planejamentos centrais nas dioceses e paróquias continuam a colocar a hierarquia eclesiástica no centro da atenção do povo e dos religiosos, e ampliam a dependência.

---

5 Cf. Documento da Comissão Teológica Internacional, Sedoc 18 (1986) 921-966, especialmente 931-935; *Relatio finalis* do Sínodo dos Bispos de 1985, Sedoc 18 (1986) 828-846, aqui 831-834.

6 Catecismo Romano, ed. Frei Leopoldo Pires Martins, Petrópolis, 1951, 163-168.



## 2. Perspectivas históricas

Para entender o problema da clericalização dos religiosos, a história eclesial é um instrumental muito útil. Sem conhecimento da caminhada feita, enquanto ainda se deixa reconstruir, a reflexão arrisca a entrar em órbita e ideologizar o assunto formulado no título como pergunta intrigante. No espaço de um artigo, a recuperação da memória da vida religiosa na Igreja não é possível, mas ao menos alguns pontos podem ser realçados e podem contribuir para compreender a situação atual da problemática da relação entre vida religiosa e sacerdócio.

Um dos tópicos mais marcantes da história é que, originalmente, o acoplamento entre vida religiosa e ministério sacerdotal ou episcopal não é evidente. Os eremitas do deserto, no antigo Oriente, bem como os eremitas do interior do Brasil, não tinham função sacerdotal. Sua intenção era viver, de seu jeito, a perfeição evangélica, sua vida com Deus na solidão. Os fiéis os procuravam para pedirem orações e conselhos, até para confessarem suas culpas, mas a maioria era formada por leigos no sentido canônico da palavra. No Ocidente, o ideal cristão da vida religiosa começou a se desenvolver, sob a inspiração das experiências do Oriente Médio, desde Jerônimo, Ambrosio e Agostinho, na forma de vida comunitária de sacerdotes e leigos para a santificação de seus membros.

Também o pai do monaquismo ocidental, Bento de Núrsia, não fez do apostolado ou pastoral o fim principal. Vivendo na estabilidade de suas abadias, os monges, entre os quais poucos sacerdotes, se dedicavam à liturgia, à oração e aos trabalhos manuais. Pela prática das virtudes cristãs, por seu exemplo e trabalho, edificavam a população. No século VIII ainda havia abades leigos. No fim do mesmo século, porém, o elemento leigo foi substituído quase totalmente pelos monges padres. Essa

evolução clericalizante se confirma. No século XI, a vida monacal é vivida principalmente por sacerdotes, embora pouco participem da cura de almas em redor de seus monastérios. Por iniciativa, no entanto, de João Guallberto, os frates conversi, os irmãos leigos recebem um estatuto nas ordens predominantemente clericais, o qual se repete em quase todas as Ordens monacais. Aos poucos, a vida evangélica de aperfeiçoamento na virtude é considerada o ponto de saída para as serviços pastorais dos sacerdotes, enquanto os irmãos conversos se ocupam dos serviços caseiros, libertando os padres para as tarefas intelectuais e sacerdotais.

No longo período da transição da Europa agrária para a vida centralizada nas cidades, com seus trabalhos artesanais e comércio, surge o movimento franciscano como um movimento principalmente de leigos. A diferença entre a primeira Ordem e a terceira ou secular não consiste na distância entre os padres nos conventos e os leigos no mundo, pois a maioria dos primeiros irmãos que se reuniram em redor de Francisco de Assis eram leigos, como ele mesmo. Pela observância do Evangelho, seguindo a Cristo Jesus, os mendicantes franciscanos se dedicaram tanto à convivência na fraternidade, à oração e prática das virtudes, quanto ao apostolado da pregação pela palavra ou pelo exemplo, viajando por toda parte na Europa, até a África e a Ásia.

Apesar da licença dada a Antônio de Lisboa de ensinar teologia, o ideal de Francisco e seus irmãos era ficar *idiotae, i.e.*, gente sem estudo e de classe popular. Mas a clericalização da Ordem custou menos tempo do que entre os beneditinos. Para resolver os problemas práticos da pregação e formação religiosa dos irmãos, e diminuir os conflitos na área da jurisdição eclesiástica, Boaventura, ele mesmo cardeal, levou a Ordem Franciscana a se clericalizar, deixando aos irmãos leigos um papel secundário. Em contraste com o mundo das classes sociais, Francisco queria reunir, nas fraternidades, ricos e pobres, intelectuais e ignorantes, nobres

e plebeus, em absoluta igualdade, sem nenhum privilégio. Em dois séculos, porém, os irmãos leigos perderam seu direito de ocupar cargos, de votar ou pregar o Evangelho e ficaram limitados às tarefas domésticas e à mendicância, a serviço dos frades clérigos.

Os tempos modernos veem surgir a Sociedade de Jesus de Inácio de Loyola, um Instituto religioso tipicamente clerical, de larga irradiação na Igreja e grande influência nas formas de vida religiosa posteriores. Desde o fim do século XVII, quando o poder eclesiástico está em franco declínio pela secularização, várias novas congregações religiosas são fundadas para atender às necessidades da pastoral clerical, e de escolas e hospitais católicos. Como sua própria nomenclatura muitas vezes indica, uma parte delas é de padres; outra parte é exclusivamente de irmãos ou frades que não são clérigos. Depois de séculos de clericalização da vida religiosa e predominância do sacerdócio, a dialética histórica demonstra aqui uma novidade de volta: religioso que “apenas” é religioso sem mistura com o ministério sacerdotal da época. Ao contrário, contudo, dos irmãos *idiotae* medievais, os novos irmãos religiosos costumam ter boa formação profissional e intelectual.<sup>7</sup>

Na situação brasileira, o problema da clericalização possui certos aspectos especiais. Desde os primórdios da colonização portuguesa, missionários das grandes Ordens, clericalizadas ao menos naquela época, franciscanos, jesuítas, carmelitas, começaram os trabalhos pastorais sacerdotais da catequese e administração dos sacramentos. A evolução histórica do crescimento demográfico e do povoamento do país não foi bem acompanhada pela produtividade vocacional dos poucos seminários do clero diocesano e casas de formação dos clérigos religiosos. Principalmente desde o fim do século passado, ao lado da imigração maciça de italianos, alemães e outros, começou

---

<sup>7</sup>Veja a História da Igreja de Bihlmeyer-Tuechle, ed. Paulinas, e Nova História da Igreja de Rogier, Aubert, Knowles, ed. Vozes; Lazaro Iriarte, História Franciscana, Petrópolis, 1985.

a importação de padres estrangeiros, em geral de Institutos religiosos, para encher os quadros de pessoal sacerdotal e implantar as estruturas eclesíásticas nas regiões mais afastadas. Muitas prelazias foram confiadas a Congregações religiosas clericais para ter maior segurança de forças disponíveis na pastoral. Ao menos em Minas Gerais colonial houve um movimento missionário de eremitas que não eram clérigos, mas leigos. Sua marginalização, porém, pelas autoridades eclesíásticas, conduziu praticamente ao seu desaparecimento.<sup>8</sup>

### 3. Motivos do acoplamento

Embora o esboço histórico da combinação da vida religiosa e do sacerdócio seja muito fragmentário e global, ele esclarece a realidade do problema atual. De fato, a vida religiosa e o ministério sacerdotal formam três faixas, de peso diferente, no quadro geral da Igreja. De um lado, há a faixa daqueles que receberam o sacramento da ordem, com suas obrigações de celibato, breviário, etc.<sup>9</sup>; doutro, a faixa mais estreita em que vivem os que são religiosos leigos, irmãos e frades professores; no meio há a faixa mais volumosa daqueles que são religiosos e padres. Todos são cristãos e pertencem à Igreja, dependem de sua hierarquia e geralmente estão, de um ou outro modo, direta ou indiretamente ligados à organização da pastoral de hoje no Brasil, mas representam três tipos: o padre diocesano, o religioso e o religioso-padre.

No entanto, os dados da evolução histórica obrigam a se interrogar primeiramente no que diz respeito aos motivos da formação dessa configuração eclesíástica. Pois, antes de pensar em uma liberalização da vida religiosa na Igreja ou em sua clericalização mais sistemática ainda, convém compreender as razões históricas

---

8 Eduardo Hoornaert e. o., *História da Igreja no Brasil*, II, 1 e 2, Petrópolis, 1977, 1980.

9 Enquanto o celibato obrigatório foi influenciado pelos votos da Vida Consagrada não entra nesta reflexão.

que envolveram progressivamente os religiosos nas estruturas clericais e na organização pastoral hierárquica da Igreja. Em redor do Concílio Vaticano II, se afirmou a consciência de que a Igreja, o Povo de Deus, precisa de três forças vitais: um número suficiente de ministros sacerdotais na ativa, uma vida religiosa consagrada bem forte, e um laicato maduro, responsável e participante. Na história, as duas primeiras se infiltraram mutuamente, e a terceira fica como questão aberta diante do próximo Sínodo dos Bispos.

No passado, uma série de fatores colaborou para orientar os religiosos masculinos para sacerdócio, na Igreja ocidental.<sup>10</sup>

### 3.1. As práticas sacerdotais

No início da Idade Média começa o que se podia chamar a multiplicação das Missas. Nos tempos antigos, a Eucaristia era celebração da comunidade, com os fiéis e os ministros sacerdotais, o bispo local, em redor do altar. Comunidade e ministério formavam ainda a mesma Igreja, unida ao Cristo, Senhor e Cabeça, o Celebrante-mor, com diferença de tarefas. Séculos posteriores conhecem a Missa privada, em que a comunidade, ao menos corporalmente, não se reúne e de que não participa visivelmente. Principalmente duas condições agiram nessa evolução: a devoção crescente aos santos, que criou as Missas em honra ou ação de graças aos santos de preferência, e a vontade de ajudar as almas dos defuntos que ainda não tinham cumprido as penitências impostas na confissão sacramental.

Reduzindo uma história complicada em poucas linhas, o povo cristão dos países ocidentais, depois da época das perseguições e dos mártires, desenvolveu uma grande variação de orações, festas, ritos, promessas, romarias, para venerar seus

---

<sup>10</sup> Adriaan H. Bredero, *Christenheid en Christendom in de Middeleeuwen*, Kampen, 1986; Edward Schillebeeckx, *Pleidooi voor mensen in de Kerk (Identidade cristã e ministério na Igreja)*, Baarn, 1985. Veja nota 7.

santos. O discurso eclesiástico e os fiéis da Idade Média interligam Deus e os santos, comemorados em cultos e devoções, públicos e particulares. Nas igrejas, o número dos altares laterais cresce: o ideal é sete de cada lado, cada um com seu santo de devoção, confraria ou corporação profissional, festa, orações e Missa própria em dia marcado do calendário litúrgico. Relíquias, verdadeiras ou inventadas, e vidas de santos, mistura de autenticidade, lenda e imaginação promocional, encontravam bom mercado. Muitas histórias e estórias de milagres nas sepulturas dos santos populares estimulavam as romarias e entusiasmavam os devotos. Mosteiros, conventos e igrejas tinham seu próprio padroeiro e protetor. A fé criativa do povo projetava nos santos funções especializadas; para cada necessidade havia santo ou santa especial. Para os devotos mostrarem sua confiança, fazerem seus pedidos e promessas e agradecerem as graças recebidas, as Missas devocionais em honra dos santos aumentaram sempre mais.

Da Irlanda do século VII, a práxis da confissão tarifada se espalhou rapidamente pela Europa cristã. A coleção monumental dos livros penitenciais testemunha até hoje a divulgação e frequência dessa prática, mas também o rigor das penitências impostas pela variação dos pecados. Penitências mais graves, porém, podiam ser transferidas para terceiros. Para este fim, os fiéis procuravam especialmente os conventos e mosteiros, onde as orações e sacrifícios dos religiosos ajudavam a diminuir o peso. Assim mesmo, as pesadas penitências criaram a preocupação com os parentes penitentes que morriam antes de terem cumprido sua penitência, às vezes de muitos e muitos anos, por acumulação de pecados. A fim de aliviar essas almas dos pecadores e tirá-las do purgatório, se formou o costume de cada sacerdote celebrar três Missas na festa de todas as almas, e de o povo pedir Missas especiais pelas almas de seus entes queridos falecidos. No entanto, Missa exige padre para celebrá-la. Na mesma época espalhou-se cada vez a procura de bençãos e sacramentais, de que os padres também eram os únicos agentes.

### 3.2. Novos posicionamentos do clero

Desde o século VIII, o relacionamento entre o clero e o povo cristão começa a mudar. Tanto na teoria teológica, quanto na vida prática, a posição do sacerdote evolui, distanciando-se da comunidade os fiéis em sentido vertical. Por causa da evolução linguística, a comunicação na liturgia falha, porque o latim usado forma uma barreira para a participação do povo, reduzindo-o a mero assistente passivo. Na Eucaristia, o celebrante se coloca de costas para o povo e reza o cânon em voz baixa, como se fosse um santuário em que só ele, o sumo sacerdote, pode entrar. Na Missa privada, ele nem precisa mais da comunidade; basta ter um ajudante, porque só ele possui o poder de consagrar o pão e o vinho. Os livros penitenciais e a aplicação das tarifas colocam o padre como juiz único no centro das confissões. Dessa maneira, a figura do padre se destaca cada vez mais na Igreja. Originalmente ministro da comunidade, ele se torna, aos poucos, o eixo central da sagrada liturgia. Pela ordenação, ele é tirado do mundo profano do povo para batizar, consagrar, absolver e benzer. Introduzida a distinção entre poder de ordem e poder de jurisdição, o sacerdócio vira um dom pessoal que dá a uma pessoa todo o poder sagrado, independente de uma comunidade em que funciona como ministro.

Envolvido pelo sistema feudal e pela mistura das dimensões religiosas, sociais e políticas da cristandade medieval, os bispos e sacerdotes formam progressivamente uma classe social própria, a *ordo sacerdotalis*, dando-lhes status social em pé de igualdade com a nobreza e os notáveis das cidades. O clero se enriquece à base de prebendas, privilégios, heranças e propriedades produtivas, afastando-se mais e mais da massa do povo pobre, e condicionando vários movimentos leigos de pobreza evangélica, sejam declarados heréticos, sejam aprovados pelo Papa. Com bastante generosidade, as autoridades eclesiásticas usavam as penas de excomunhão e

interdito, o que criava mais distância ainda entre clero e povo. Em tal esfera, entende-se o início da famosa bula de Bonifácio VIII, de 1296: "A história ensina claramente que os leigos são inimigos do clero". A crescente autoconsciência do poder sagrado e intelectual do clero não só encontrou sua racionalização na teoria das duas espadas, mas criou também, na prática, o distanciamento, até a oposição entre o clero e os cristãos leigos.

### 3.3. A clericalização medieval

Nessas condições, aqui sumariamente descritas, as Ordens religiosas antigas e novas atraem mais, por sua vida, o povo medieval. Na zona rural, os fiéis procuram os mosteiros para mandar celebrar Missas, assistir às festas de seus santos, cumprir promessas e dividir com os monges as penitências impostas na confissão. Quando, no século XIII, os religiosos mendicantes se estabelecem nas cidades da Europa em fase de plena urbanização, sua pobreza evangélica e suas pregações exercem grande influência sobre as multidões, e seus conventos começam a funcionar como centros de procura de Missas, orações e bençãos. O crescimento dessas práticas populares faz com que, cada vez mais, os religiosos procurem se ordenar sacerdotes para atender melhor aos pedidos e necessidades pastorais da clientela cristã.

No entanto, há outros motivos, talvez mais escondidos, em jogo nesta história. O desenvolvimento da Ordem franciscana sirva aqui de exemplo. Bastante depressa, nos próprios conventos, a original igualdade entre os irmãos se enfraqueceu por causa das diferenças intelectuais e culturais entre os membros, e do maior prestígio social dos padres. O estímulo e a proteção que os Papas deram à ação missionária dos mendicantes e à sua prática de pregar aumentaram o valor dos frades sacerdotes. De modo tentador, a projeção eclesiástica e sociocultural do status clerical entrou nas casas dos religiosos, reduzindo aos poucos o papel dos



irmãos leigos aos ofícios domésticos. A qualidade da pregação e do trabalho pastoral exigiu mais estudos. Especialmente os frades de formação universitária conquistaram sua isenção de certas obrigações comuns para garantir o tempo de estudar. A lei da precedência hierárquica descaracterizou a fraternidade igualitária original. Mais ainda, por causa dos muitos conflitos de jurisdição e de liberdade de pregar, entre os frades, bispos e párocos, foi introduzida pela própria direção da Ordem a tática de instigar a ordenação dos religiosos, a fim de diminuir a distância entre eles e o clero. Como sacerdotes, os frades tinham mais status diante das autoridades eclesiásticas e civis da época.

### **3.4. Motivações latentes**

A história eclesiástica pode ser chamada de história de Deus com os homens. Certo é que estes homens deixaram e deixam suas marcas humanas, bem humanas às vezes, de maneira clara, outras vezes de maneira mais obscura e difícil de descobrir. No processo medieval da clericalização dos religiosos, duas condições ficam mais ou menos latentes: a estratégia do “tapa-buraco” e o jogo do poder. Sua focalização ajudará o entendimento do problema.

#### **3.4.1. O jogo do poder**

A lenta transformação dos Institutos religiosos leigos em Institutos clericais significa mais do que a criação da figura “híbrida” do religioso-padre. Neste contexto a palavra “híbrido” não inclui necessariamente um antagonismo que há de sacrificar os dois elementos. Por si, um religioso pode assumir, como sua forma de apostolado e seu modo de cooperar na construção da igreja, o ministério clerical de servir à comunidade dos fiéis pela administração dos sacramentos, pela pregação e catequese. Todavia, pelo desenvolvimento histórico da figura sacerdote, a pessoa que é religioso e padre se vê num duplo papel na Igreja, e até

certo ponto na sociedade civil, porque tanto a vida religiosa quanto o sacerdócio exigem a pessoa toda. Ao menos, é essa a impressão que a literatura espiritual sobre os dois assuntos nos deixa. E os muitos conflitos e insatisfações internas na vida dos religiosos que são padres também não mentem.

O caráter híbrido, porém, ultrapassa os limites da existência pessoal, enquanto o religioso-padre se vê ligado a duas estruturas diferentes de poder, e dependente de duas linhas ascendentes hierárquicas, de seu Instituto e da Igreja local e universal, representadas por pessoas diferentes. “Pode-se dizer com tranquilidade que nem histórica, nem estruturalmente a vocação religiosa implica uma necessária orientação à ação pastoral clerical, na medida em que esta concretiza o múnus pastoral inerente à vocação dos Bispos e Presbíteros.<sup>11</sup> Todavia, a história da clericalização deixou a maioria dos religiosos masculinos “pendurada” nas duas estruturas de poder, cujas linhas se cruzam às vezes, e dão curto-circuito. Quanto mais a pastoral clerical, liderada por bispos ou párocos, procura organizar e envolver o pessoal disponível dentro de seus planejamentos, tanto mais se impõe a situação esquizofrênica em que o problema prático é: que programa há de ser seguido, o do Instituto ou o da pastoral paroquial e diocesana? Tal situação não se deixa resolver por decreto; muitas vezes, é resolvida pela práxis do religioso tão absorvido por seus serviços à pastoral clerical que sua vida religiosa fica seriamente prejudicada.

À medida que as religiosas são integradas na pastoral clerical, o problema dos dois poderes se agrava. Na Idade Média isso era ainda possível, pois que a Madre Abadessa nomeava e despedia os párocos nas propriedades do mosteiro. Clara de Assis negava decididamente uma imposição papal, Catarina de Sena e Teresa d’Ávila mostravam uma impressionante autonomia de agir.

---

<sup>11</sup> Marcelo de Carvalho Azevedo, l.c., 25.

A estrutura machista da sociedade latina, porém, não deixou de influenciar a relação entre as religiosas e os bispos e padres, criando frequentemente uma dependência, até tutela, tanto na organização interna da vida religiosa, quanto atualmente, na participação da pastoral clerical. Apesar da insistência, bem documentada, na fidelidade ao carisma das fundadoras, a tentação capitalista é capaz de aproveitar das religiosas como empregadas baratas, afastando-as de sua comunidade de vida. A história turbulenta do pós-Vaticano II ainda não permite uma visão clara dos acontecimentos, mas há fatos suficientes para se interrogar se certos textos do Concílio e de Puebla sobre a vida religiosa não são idealistas demais, sem contarem suficientemente com a famosa condição humana de súditos e autoridades e seus desdobramentos.

### 3.4.2. A falta do clero

Na longa história da clericalização há uma estratégia escondida, talvez subconsciente, que merece ser mais bem explicitada. Aqui não interessa tanto se a isenção dos mendicantes medievais serviu também de arma papal contra o poder hegemônico de certos bispos; ou se os religiosos, com seu espírito missionário, foram mandados como “tropas” avançadas na expansão da Igreja fora da cristandade europeia. Tal leitura talvez seja considerada até sociologismo. O que importa descobrir é que, atrás da absorção dos religiosos na ordem sacerdotal e na pastoral clerical, está a falta de clero para atender às necessidades e aos direitos<sup>12</sup> do povo cristão, e as exigências da evangelização da humanidade e da santificação do mundo.

Se a clericalização camuflar o fato de que a comunidade eclesial é incapaz de “produzir” um número suficiente de ministros sacerdotais – como é a hipótese –, a explicação não pode estar na falta de vocações. Durante séculos, a teologia da vocação ficou

---

<sup>12</sup> Código do Direito Canônico, cân. 208-223.

praticamente restrita à vida religiosa e ao celibato sacerdotal, monopolizando certos textos evangélicos radicais para este fim. O tempo do pós-Vaticano II abriu de novo os horizontes, construindo também, por cima dos “conselhos”, a vocação universal de todos os fiéis à santidade.<sup>13</sup> Por esta extensão, a solução do problema sacerdotal começa a depender não mais tanto da iniciativa particular, mas do poder hierárquico de escolher ministros aptos para os serviços sacerdotais entre o povo de Deus.

No decorrer dos séculos, as exigências para ser padre, que já haviam criado distâncias entre os irmãos nos conventos medievais, foram crescendo no mesmo ritmo em que isolaram o clero do povo pobre, por seu poder sagrado e cultural, e sua posição social e de mando. Dentro do contexto da opção preferencial pelos pobres essa situação provoca duas perguntas: seria possível graduar as exigências para o sacerdócio? Seria possível reduzir o status eclesiástico e social do clero? Olhando a história, não há muita novidade aqui. Na época da Contra-Reforma já viviam ideias de introduzir tipos diferentes de ministros sacerdotais, para trabalharem em equipes, se esta palavra moderna cabe aqui. Na Idade Média, as Ordens mendicantes tentaram criar uma imagem de padre mais relacionado com as massas populares. Evidentemente, a questão do celibato obrigatório é como o Muro de Berlim na Igreja. Mas vale a sugestão de que o problema de falta de clero depende em primeiro lugar das autoridades eclesiásticas e de sua “política” de encher os quadros de pessoal sacerdotal.

#### 4. Conflitos e mecanismos de defesa

Passando do passado para o presente, claro é que muitos religiosos-padres chegam a integrar bem a vida religiosa e o sacerdócio em sua caminhada pessoal, e a corresponder de maneira equilibrada às exigências dos dois papéis sociais. O problema não

---

<sup>13</sup> *Lumen Gentium*, cap. V.

está tanto no plano individual; está no nível da institucionalização eclesial. Em sua exposição sobre a Igreja, o Concílio Vaticano II reflete separadamente sobre o sacerdócio e sobre a vida religiosa, e tanto o ministério sacerdotal quanto a vida religiosa receberam, cada um, um documento especial.<sup>14</sup> Embora de modo indireto, o documento pontifício sobre critérios diretivos para as relações mútuas entre os bispos e os religiosos na Igreja, de 1978, toca mais de perto na problemática de que esta reflexão se ocupa.<sup>15</sup> Tais relações são um problema antigo, pois Francisco de Assis já aconselhara seus irmãos a procurarem, em caso de conflito, outra diocese, com a benção de Deus. O novo Código de Direito Canônico de 1983 dedica muitos cânones à vida religiosa consagrada, também em seu relacionamento com a hierarquia eclesiástica.

Onde há filhos de Adão e Eva e instituições humanas, há conflitos. Urbanização, comunicações e publicidade cooperam em aumentar a massa de agressividade mútua e divulgar mais os conflitos. Também a vivência dos religiosos-padres não escapa desta lei e tem suas próprias áreas de colisões humanas, envolvendo súditos e autoridades do Instituto e da Igreja hierárquica. Nomeações, transferências, participação pastoral, retiros, planejamentos, expulsões, interesses da pastoral vocacional, autonomia e dependência, fechamento ou abertura de obras apostólicas, remuneração de cargos, pagamento de despesas, aposentadoria, há muitos pontos possíveis na complicada vida moderna, em que a duplicidade da vida religiosa e do sacerdócio cria dificuldades e atritos nas pessoas e no nível institucional. Dados certos faltam. Muitos consideram este tipo de pesquisa até indigno e ofensivo à imagem da Igreja. O medo da sombra é muito natural no homem.

---

<sup>14</sup> *Lumen Gentium*, cap. II e VI; *Presbyterorum Ordinis*; *Perfectae Caritatis*.

<sup>15</sup> Doc. Pont. das Vozes, 195.

O contexto atual da potencialidade conflituosa entre vida religiosa e sacerdócio é a vitalidade exuberante, violenta talvez, da própria Igreja, em que muito morre e muito nasce. As muitas faces e formas de vida que a comunidade eclesial apresenta ao mundo de hoje não se deixam captar em uma só fórmula. Talvez seja possível indicar algumas coordenadas da movimentação pluriforme na Igreja contemporânea. Deixando de lado as condições provenientes do processo de transição em que a sociedade e a cultura humanas se encontram, as seguintes linhas podem servir de indicadores:

a) a transformação de uma Igreja, centrada na hierarquia e no clero, para um novo equilíbrio entre o Povo de Deus e seus ministros clericais e apostólicos;

b) de uma Igreja unidirecional que distribui sacramentos e graças entre o Povo receptor, para uma Igreja de trocas de serviços, de que todos participam, cada um conforme a graça que lhe foi dada;

c) de uma Igreja autoritária e monopolista das decisões, normas e discursos, para uma Igreja de participação, comunhão e colaboração;

d) de uma Igreja que depende do arbítrio da liderança, para uma Igreja em que as atividades são planejadas e executadas em conjunto, distribuídas entre os membros disponíveis;

e) de uma Igreja em que o clero e religiosos tinham o monopólio das iniciativas, para uma Igreja em que há amplo espaço para iniciativas e maior respeito pela liberdade dos leigos;

f) de uma Igreja fechada sobre si mesma e seus interesses internos, para uma Igreja aberta, ecumênica, de sincera

tolerância, orientada para o bem da humanidade e do mundo convivencial, comum de todos;

g) de uma Igreja que ainda não se libertou da cristandade medieval, para uma Igreja de inserção consciente no mundo, colaborando em criar uma sociedade mais humana em suas diversas dimensões;

h) de uma Igreja universal, centralizada em "Roma", para uma Igreja orgânica de Igrejas particulares, que expressa a colegialidade e realça a figura do bispo local como pastor e exemplo da grei.

A enumeração das coordenadas, talvez bastante arbitrárias, ao menos sugere que nos tempos atuais não se pode esperar que o Povo de Deus e suas lideranças eclesiais e religiosas sejam uma massa homogênea e uniforme. Envolvendo milhões de pessoas, cada uma com seu posicionamento, sua caminhada, seu ritmo de vida, a Igreja como movimento neste mundo apresentará não apenas diferenças na unidade, mas também áreas de discórdia, críticas e conflitos que não se deixam esconder sob o manto da caridade na realidade humana, demasiadamente humana, da vida. O fato de que aqui os pivôs são religiosos, superiores de Institutos e autoridades de Hierarquia faz supor percepção mais adequada de pontos de atritos e colisões de interesses, e maior capacidade racional de eliminá-los ou de ao menos reduzir seus efeitos. A este respeito, as normas eclesiais existentes e a teologia da Cruz, mais uma boa dose de diplomacia e sabedoria, ajudam muito, apesar de que não sejam sempre capazes de impedir os conflitos ou de resolvê-los para contentamento de todos os envolvidos. O poder tem suas próprias tentações, e não é o povo simples quem inventou o autoritarismo. Por isso, os antigos moralistas já ensinavam que, quanto maior o poder, tanto pior o erro e pernicioso o abuso.

## 5. Libertação e utopia

Embora a solução justa e pacífica dos conflitos que surgem ao redor da combinação da vida religiosa e do sacerdócio seja uma necessidade pastoral, o verdadeiro problema da clericalização, em sua complexidade atual e seu arraigamento histórico, é um problema eclesiológico de estruturação sadia da Igreja de Deus e de liberdade de viver e agir dentro dela, para a vinda do Reino. Pois os conflitos não são apenas incidências por acaso ou acidentes de rota por falhas humanas momentâneas. Suas fontes penetram mais profundamente no corpo vivo eclesial em sua caminhada histórica no mundo.

Há sentido de se pensar em uma libertação da vida religiosa, criando maior distância para com o sacerdócio e a pastoral clerical? Na história, o ministério sacerdotal tem-se desenvolvido para as qualidades do caráter sagrado, do eterno, da figura do padre em seu presente status eclesiástico e social. Atualmente, diante das necessidades crescentes do Povo de Deus e sua expansão missionária, a falta de clero é matéria constante de justa preocupação eclesial. Por enquanto, o preenchimento satisfatório do quadro de padres não se deixa prever, se não na base de milagre. Por isso, há motivos de sobra para não se imaginar uma espécie de greve branca em que os religiosos-padres se retirassem das obrigações ministeriais que assumiram. Mas valeria a pena projetar, em termos geopolíticos eclesiásticos, maior autonomia para a vida religiosa consagrada, destacando-a mais do sacerdócio e seus serviços específicos presentes na Igreja?

Na situação atual apresenta-se uma certa defasagem entre teoria e práxis. No nível imaginário das ideias, a teologia estrutura o Povo de Deus em três estados, condições ou papéis: os "simples" fiéis leigos, os consagrados dos Institutos religiosos e a hierarquia ou clero. Na literatura, esses três grupos recebem tratados



teóricos separados, nitidamente distintos. Sob o ponto de vista sociológico, a realidade fornece traços e tendências diferentes. Pela diversificação dos ministérios, cada vez mais leigos passam para a esfera clerical, até imitando suas atitudes tradicionais e ganhando maior status na comunidade. Fruto de longo processo histórico, a maioria dos religiosos masculinos são padres e exercem o ministério sacerdotal, muitas vezes por tempo integral e em posição de destaque. Doutro lado, depois de séculos, a imposição do celibato no Ocidente aboliu por completo a interpenetração entre vida sacerdotal e vida de casado.

De propósito, a palavra utopia foi introduzida. Embora com sentidos diversos, aqui significa apenas uma mistura de futuro incerto e prospecção de uma longa caminhada. Se a massa de atritos e conflitos nesta área, no nível das pessoas e da institucionalização eclesial, dá motivos para pensar sobre a utilidade de combinar vida consagrada e ministério sacerdotal, com sua dupla pertença, o fato é que esta engrenagem é tão complicada e historicamente consolidada que parece um tecido de padrão muito intrincado que, puxando-se um só fio, fica o todo desfigurado. Também a previsão do futuro é bem precária. Há sempre pessoas e fatores imprevistos que cruzam os caminhos traçados, e mudam os rumos das expectativas históricas. Igualmente, a situação atual da Igreja no Brasil não conta com uma análise e avaliação mais aprofundadas dos fatos e dinamismos, em redor do que se pudesse formar um certo consenso comum, como fundamento de ação comum.

No entanto, há condições que talvez estimulem a reflexão. O entusiasmo pela vivência das CEBs e de certos movimentos religiosos na Igreja não pode ficar cego diante do que pode ser chamado de saída silenciosa de muitos catolicamente batizados. Essa saída não precisa ser indiferentismo religioso ou ateísmo prático, pois atualmente no supermercado das crenças e religiões há muito mais ofertas que possam satisfazer os desejos do que

apenas os ritos e as práticas da Igreja católica. A modernização cultural e técnica do Brasil, porém, inclui uma linguagem científica e comum, e uma constelação de valores em que Deus fica de lado e a religião se reduz a uma prática particular. Os espaços que a instituição eclesial e as religiões ocupam na existência social e pessoal se tornam mais estreitos. Numa situação dessas, o velho rabino que aparece em um dos Contos Chassídicos de Elia Wiesel pode repetir sua conclusão: "Deus se esconde e sua grande tristeza é que os homens nem o procuram mais."

Nesse condicionamento, a vida consagrada ganha projeção, exatamente enquanto os religiosos são "profissionais do Absoluto", testemunhas do Deus verdadeiro, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pelo fiel seguimento de Jesus, vivendo em obediência, pobreza e castidade, a comunidade religiosa se torna a irradiação da revelação de que Deus é amor e quer aliança com todos os homens. Para os pobres que não possuem muito mais do que a existência nua e crua, este Deus talvez seja uma presença viva que não se esconde facilmente, nem no tempo contínuo dos sofrimentos e frustrações, nem na morte que pertence à vida humana. Mas à medida que a modernização se divulga com sua promoção social, seu consumo e sua redução da pessoa humana comum na máquina gigantesca da sociedade econômico-política, Deus cede facilmente lugar a mil e umas outras preocupações que não seja o mistério de Deus na história e sua comunicação de significados à convivência humana.

Nos dias de hoje, a Igreja na América Latina é inconcebível sem o projeto e a realização da opção preferencial pelos pobres. Da parte dos religiosos, essa opção supõe o difícil aprendizado prático da vida pobre, da identificação com a pobreza evangélica, de que os próprios pobres são indicadores. Se os sinais não enganam, pequenas comunidades de irmãs religiosas, inseridas em ambiente de povo pobre, apresentam um quadro bastante bom de convivência aberta de pobres com pobres, em uma troca constante de serviços.

Também de religiosos leigos existem experiências bonitas. O sacerdócio não é pura teologia; é realidade sociológica também, ligado como está a igrejas e obras construídas, e a um status social que, querendo ou não, coloca o sacerdote muitas vezes num centro de mando e com renda suficiente para viver folgadoamente. Será que os religiosos, sem ligação ao sacerdócio e suas implicações, terão maiores chances de seguirem a pobreza de Cristo, ricos como se fazem pela vivência do mistério do Deus vivo?

*Artigo originalmente publicado:*

LEERS, Bernardino. A clericalização da vida religiosa: um problema pastoral ou eclesiológico?. *Convergência*, Rio de Janeiro, v.22, n.204, p. 363-378, jul/ago. 1987.

## O PAPEL DA VIDA RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO DA FÉ DO POVO

*Frei Bernardino Leers, OFM*

*É um mau sinal, se uma dona da roça com 80 anos repete quase O Cântico de Simeão porque, pela primeira vez em sua vida, viu e abraçou uma irmã de caridade que foi fundar um clube de mães e preparar as crianças para a primeira comunhão.*

Na linguagem cotidiana, o termo “vida religiosa” possui uma ambivalência semântica, até certo ponto feliz. Numa sociedade em que a Igreja predomina como religião, pode focalizar tanto a vivência, as práticas religiosas do povo em geral, quanto a vida dos religiosos, das ordens, congregações e institutos seculares específicos. Feliz é essa confusão, porque reflete o movimento que há entre a vida religiosa dos fiéis comuns e a vida dos religiosos. Todos são igualmente povo de Deus e não se deixam separar no conjunto de forças, formado pela Igreja. Todos são chamados à mesma perfeição evangélica e sua vocação é ficar no mesmo plano, ficar embaixo, como diz São Francisco.<sup>1</sup>

### **1. A linguagem e a experiência vivida**

Uma reflexão sobre o tema indicado tem necessariamente o tom abstrato, vago e generalizante de um devaneio gratuito. Na realidade a vida religiosa do povo e dos religiosos se faz em pessoas concretas, ligadas e condicionadas pelo tempo e o espaço cultural,

<sup>1</sup> 2 Celano, 148 em: São Francisco de Assis, Ed. Vozes-CEFEPAL, Petrópolis, 1981, 392.

econômico e político em que vivem, cada um com seu nome, seu caráter, seus talentos, suas sombras e limitações. A educação da fé supõe um contato, um convívio, uma comunicação real entre este religioso, esta comunidade de religiosos, com uma porção do povo; pode ser um relacionamento face a face ou apenas uma voz pelo rádio, o artigo que aparece semanalmente no boletim, no jornal, mas há encontro humano, há transmissão. Também o povo de Deus é, em primeiro plano, o grupo de pessoas, famílias, vizinhos, que mora neste ou naquele bairro, cidadezinha, povoado, em tais condições, com tais limites e possibilidades de crescimento humano e cristão. Em sua vivência, a fé não é uma pasta uniformemente esparramada sobre os fiéis, mas esta diferenciada e individualizada nas pessoas, famílias, grupos sociais, que pertencem ao raio de ação de determinado grupo de religiosos.

Falar da experiência vivida que um religioso, de nome Fulano, acumulou em contato com a vizinhança de sua casa, pela catequese que organizou ou pelos movimentos que fundou com o povo local, inclui inevitavelmente uma seleção de dados, abstrações e generalizações, porque nenhuma língua verbal é capaz de exprimir e comunicar o que de fato houve em termos de contato, de troca de valores religiosos com os grupos humanos alcançados. Mais abstrato, vago e aberto a uma variação de leituras é o modo de falar, refletir ou discutir sobre “os” religiosos, “a” vida religiosa ou “o” povo e “a” fé. Enquanto a história se realiza e processa nas singularidades das pessoas, coisas e acontecimentos que não se repetem, a reflexão trabalha com termos genéricos e conceitos abstratos em que a peculiaridade das pessoas e dos fatos acontecidos somem quase por completo.

Foi acrescentado: quase por completo, porque a igualdade das palavras não garante a igualdade das significações. Embora um discurso teórico possa chegar a um alto nível de abstração e tornar-se quase incontrolável em relação à realidade histórica,

sempre perdura a suspeita de que atrás da linguagem tão abstrata e geral esteja projetada a própria experiência de quem faz o discurso, dando aos termos usados uma cor própria e um sentido mais pessoal. Assim, falar sobre os religiosos, o povo, a fé, reflete sem querer uma interpretação pessoal e particularizante que está em função das experiências limitadas que cada um fez e está fazendo na vida. As palavras e termos pertencem à língua comum, mas o significado é condicionado pelo lugar que a pessoa ocupa, a posição que tem na sociedade, os contatos, percepções e ações que de fato formaram e continuam formando a ligação entre ela e o grupo humano com que vive.

As normas não fazem a moral nem as orientações criam a pastoral. É no nível do decidir e agir numa situação concreta da parte de uma pessoa ou grupo social que a moral se faz, mistura do bem e do mal, e a pastoral progride com suas raízes e sombras na caminhada histórica. Um artigo sobre educação da fé do povo e participação de religiosos neste processo talvez possa abrir os olhos em algum ponto ou estimular a autoanálise da práxis que está sendo feita; nunca dispensará a práxis pessoal deste religioso, daquela religiosa, em contato com as pessoas que pertencem ao raio de suas interferências. Cada um tem de andar pelas próprias pernas e fazer seu caminho. Experiência é inalienável. A troca de palavras que verbalizam as diversas experiências ao máximo estimula pessoas a criarem futuro, em vez de reproduzirem apenas o passado.

## **2. A comunicação entre religioso e povo**

A educação da fé encontra sua base numa relação comunicativa entre o religioso e o povo de Deus. Ambos são pessoas humanas com suas riquezas e misérias. Ambos pertencem pelo batismo à Igreja, conhecem o mesmo Pai, estão inseridos no mesmo tronco que é Cristo Jesus e dão fruto pela força do mesmo

Espírito que lhes é derramado no coração. Sem esta comunhão de graça não haverá nem transmissão nem crescimento da vida na fé. Dentro deste relacionamento básico, o processo educativo pode ser visto de dois lados: o lado do religioso que encontra o povo e o lado do povo que se comunica com o religioso.

Enquanto a linguagem ficar neste nível globalizante, não haverá muito problema, pois o idealismo funciona como uma neblina em que todas as diferenças desaparecem num jogo de sombras e formas indefinidas. A pregação da fé, do amor cristão, da caridade em geral, desce sobre o público como chuva sobre a terra; e chuva não conhece discriminação nem aceção de pessoas. Contudo, Medellín, Puebla e a teologia da libertação demonstram que a consciência eclesial na América Latina não pretende ser mais um véu nebuloso que se deixa manipular com certa facilidade para justificar o *status quo* e camuflar-lhe as injustiças desumanas e as desigualdades gritantes, em vez de ser instrumento crítico e força criativa de uma nova sociedade de pessoas, expressão dos valores evangélicos da liberdade, justiça, fraternidade e paz verdadeira. Mais do que uma religião de sacristia ou uma espiritualidade de salva – tua – alma, tal programa obriga a discernir em que chão se pisa e a conscientizar-se da real situação que ajuda e dificulta a comunicação e mútua edificação na fé e no amor dos religiosos e do povo.<sup>2</sup>

Sejam quais forem as apreciações pessoais das mudanças da Igreja, depois do Vaticano II, e o posicionamento consciente de cada um dentro desta caminhada, fato é que nem o estilo de vida e a ação dos religiosos nem a religião do povo e as atitudes que o povo toma em função dela conhecem mais a uniformidade relativa que fica como impressão global do passado. Essa maior variação já tem gerado vários conflitos públicos, bem aproveitados por certo tipo de imprensa, e novas formas mais sutis de caça aos

---

<sup>2</sup> Veja Ef 4, 11-16.

hereses. No entanto, esta situação que merece uma releitura de 1 Cor 1-4 não é mais do que o furúnculo que externa as divergências e contrastes que vivem dentro do organismo. Se a literatura descreve rupturas diversas, esboça modelos diferentes da Igreja ou constrói uma tipologia do catolicismo<sup>3</sup>, convém deixar bem claro que o material para tais análises se localiza na realidade atual e consiste nas opções, preferências e posições diferentes que se encontram entre os religiosos e entre os fiéis comuns. Sob a cúpula global da unidade e fidelidade, as formas concretas da vivência da fé demonstram uma variação assaz grande.

Em linhas gerais, Puebla mesma analisa esta diversidade de posicionamentos e opções, que se constatam entre os membros da Igreja, chegando até a antagonismos, oposições e polarizações que ameaçam a unidade.<sup>4</sup> De várias maneiras, o evangelho se deixa manipular e instrumentalizar. De um lado, funciona o saudosismo que, misturado com o ranço do integralismo, quer conservar e restaurar a situação medieval da cristandade, com o velho binômio da Igreja e do Estado; como também continuam a vivência e o anúncio do evangelho sem assumir as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais da existência humana, pessoal e social. Do outro lado, misturam-se evangelho e ideologia política de tal maneira que o primeiro se torna um instrumento exclusivo da última e se submete em sua interpretação às teorias e estratégias políticas e econômicas em voga no mundo atual.<sup>5</sup> No meio encontra-se a atitude talvez mais enganadora, a tal neutralidade, a equidistância, que fica fora, não tem cor, evita tomar posição nas discussões e conflitos e, por isso, conspira ingenuamente com a chamada ordem estabelecida, desempenhando o papel de inocente útil.

3 Cf. J. B. Libânio, *As grandes rupturas. sócio-culturais e eclesiais*, Petrópolis, 1980; Leonardo Boff, *Igreja, carisma e poder*, Petrópolis, 1981, 15-28; Eduardo Hoornaert, *Formação do catolicismo brasileiro*, Petrópolis, 1974, etc.

4 Puebla, 558-561, etc; *Religiosos e Promoção Humana*, D.P. 194, Petrópolis, 1981.

5 Puebla fala principalmente de três sistemas: o liberalismo capitalista, o coletivismo marxista e a doutrina da segurança nacional, 542-550.



Nesta variedade de posições e atitudes existentes entre os religiosos e os fiéis em geral, esconde-se um primeiro problema da práxis do relacionamento. Pois mais cedo ou mais tarde, por mal-entendidos, discussões ou conflitos que surgem, o religioso será obrigado a analisar melhor o lugar que ele mesmo ocupa no quadro global da interpretação e observância evangélica, chamado Igreja. Na longa coluna em marcha, em que os católicos e religiosos andam com maior ou menor rapidez, ele tem de reparar uma vez onde ele mesmo se coloca ou está colocado. A peneira de revolucionários, progressistas, moderados, conservadores, tradicionalistas é grosseira demais para determinar as posições pessoais. Muito menos deixa transparecer qual é a atitude que se toma para com os outros que estão mais para frente ou mais para trás na coluna e adotam outro ritmo. Pois a diferença de posição é acompanhada pela variável de compreensão e tolerância, resp. incompreensão e intolerância que os católicos e os grupos católicos apresentam de fato entre si. Neste contexto, quem sou eu e quem é o outro é uma pergunta que não se satisfaz com a igualdade metafísica das pessoas, mas inclui a determinação do diferente lugar que cada um ocupa no universo da Igreja em movimento.

### 3. Do lado do religioso

Dando ao religioso a intitulação sumária de homem de Deus ou pessoa cheia do mistério de Deus<sup>6</sup>, a primeira exigência que surge para que ele seja um sinal comunicativo da fé no meio popular é o contato, o encontro, o convívio. É mau sinal se uma dona da roça com 80 anos repete quase o cântico do velho Simeão, porque pela primeira vez em sua vida viu e abraçou uma irmã de caridade que veio fundar um clube de mães e preparar as crianças para a primeira comunhão. Além da ausência de religiosos na vida

---

6 Da muita literatura atual: P. Marcello de Carvalho Azevedo S. J., *Os religiosos, vocação e missão*, Rio de Janeiro, 1982; Leonardo Boff, *A vida religiosa e a Igreja no processo de libertação*, Rio de Janeiro, 1975; o mesmo, *Vida segundo o Espírito*, Petrópolis, 1982; J. B. Libanio, citado em nota 3; Thaddée Matura, *Le radicalisme évangélique*, Paris, 1978.

de muitos católicos, há o obstáculo da ignorância, de não entender o que é vida de religioso na Igreja. Religiosos são identificados com padres, ação pastoral, colégio, hospital de que são donos e em que trabalham como professor ou enfermeira.

Assim o problema da educação se concentra nos lugares em que de fato os contatos se fazem e apresenta-se um certo grau de convívio e colaboração entre religiosos e povo. Independente do testemunho pessoal que cada um dos religiosos dá, importa constatar, graças às renovações realizadas depois do Vaticano II, uma vida mais aberta das casas religiosas e a formação de pequenas comunidades em bairros, vilas e povoados, proporcionando um intercâmbio interpessoal mais direto com o povo, as famílias, doentes, jovens, operários, trabalhadores rurais. Esta política de abertura e aproximação se tornou uma verdadeira escola para os próprios novatos da vida popular, até então mais ou menos isolados em seus conventos e casas religiosas.

Por si, o fato do relacionamento mais humano e afetivo com o povo do lugar ainda não resolve, pois a graça de ter olhos para ver, cabeça para refletir e coração para compreender não precisa ultrapassar o círculo estreito do imediato, do momentâneo, do cotidiano. Se o religioso souber escutar, observar e analisar os fatos, a convivência leva-lo-á a ampliar os horizontes de sua percepção, aprofundará sua compreensão da constelação existencial dos outros e intensificará sua solidariedade ativa. Embora não substitua de forma alguma o próprio convívio direto e crítico com o povo, muita literatura boa sobre catolicismo popular, problemas da vida familiar, operariado urbano, política está à disposição para completar e corrigir a visão da realidade humana e entender melhor os sofrimentos e anseios do povo. Sem este progresso intencional, sua experiência acumulada significaria apenas a repetição de sempre a mesma pequena experiência e a estagnação do próprio fluxo e refluxo da verdadeira comunicação interpessoal.

Que o religioso ganhe aos poucos pela convivência aberta

uma imagem mais viva, variada e profunda do povo e cria laços afetivos com as pessoas, homens, mulheres, famílias, grupos, movimentos de sua vizinhança, há de ser completado por um processo interno na linha de São João Batista: é preciso que ele cresça e eu diminua.<sup>7</sup> Seria ingênuo pensar que a transferência de um grupo de religiosos de um colégio ou paróquia de centro urbano para a periferia, um bairro pobre, um povoado rural, por si mesmo, fosse uma benção ou inspiração divina. Mais do que a meditação sobre a Igreja e a opção preferencial pelos pobres, exigem-se a própria conversão do religioso e a mudança da mentalidade que, querendo ou sem perceber, tem criado durante os anos que ficou em seu ambiente original.

O processo de transformação interna, pessoal, alimentada pelo evangelho e a celebração eucarística, não só se expressará pelo crescimento gratuito do religioso e da comunidade na vivência mais intensa e sincera do ministério do Cristo, mas também em atitudes que se podiam chamar de pé no chão. Pois trará uma simplificação e redução do consumo, das muitas coisas de que a propaganda comercial tenta convencer seu público que são necessárias para garantir a liberdade, a felicidade e a segurança até depois da morte. Este despojamento na linha de Fil 2,7 estenderá sua ação simplificadora igualmente sobre a linguagem que se usa e a naturalidade sem protocolo de receber e encontrar os outros, de modo que se sintam à vontade. Especialmente os estudos superiores dos religiosos sacerdotes costumam complicar a linguagem deles, se não criarem aquele ar de superioridade condescendente que marca tantas vezes o encontro entre o senhor doutor e o homem da rua ou da roça.

---

<sup>7</sup> Jo 3,30.

#### 4. Obstáculos da aproximação

Curiosamente, o senso de superioridade é de ontem. Na evolução histórica do passado, os religiosos chegaram a ocupar na comunidade eclesial uma posição de elite acima da massa dos simples fiéis, por causa de sua escolha do melhor, do estado mais perfeito de vida cristã. Como sempre, essa posição social repercutiu na mentalidade dos ocupantes. Apesar do Vaticano II, esta forma antievangélica de "ser o maior"<sup>8</sup> ainda não desapareceu por completo. A aproximação unilateral dos textos do radicalismo evangélico, feita pelos religiosos na literatura ascética passada, tem encontrado uma resposta adequada na exposição sobre a vocação universal à santidade na Igreja de *Lumen Gentium*, mas deixou seus vestígios no espírito dos religiosos e no relacionamento entre estes e os católicos comuns, como se fosse um encontro entre profissionais e mão-de-obra não especializada. Esse relacionamento se confunde mais ainda pela mistura frequente de vida religiosa e ministério sacerdotal, com seu status social e posição de mando marcados ainda pelo clericalismo e as ideias da cristandade do passado.

Em comparação com os demais fiéis, os religiosos geralmente recebem uma formação cultural, religiosa e moral mais aprimorada, superando de longe, às vezes, a precária escolaridade e educação de fé de seus ambientes de origem ou de trabalho. Por ter estudado mais e feito mais leitura, costumam dispor de uma linguagem mais complexa e sofisticada, que observa todas as exigências dos gramáticos, possui um vocabulário mais rico e variado e flui mais correntemente em longas frases em que todas as palavras, pontos e vírgulas estão em seus devidos lugares. Como donas dos produtos religiosos, sabem falar com maior desembaraço sobre os assuntos de fé e moral, Deus, Jesus Cristo, Igreja, ritos e normas da vida cristã, impressionando bem o auditório.

---

8 Cf. Lc 9,46-48; Mt 18, 1-5; Mc 9,33-37.

O quase monopólio cognitivo, acoplado à maior fluência linguística, condiciona facilmente uma atitude de supremacia perante a massa dos fiéis condenados segundo os parâmetros do conhecimento do orador à ignorância e ao silêncio. Uma cega autossuficiência, o velho orgulho bíblico, é capaz de levar o religioso a uma segurança de posse na base de: vocês perguntem, eu já sei a resposta. Na prática de cada dia, também a carne é fraca e o religioso tem seus defeitos e desculpas, mas no nível do encontro com o povo, no pronunciamento e na pregação, dá a impressão de estar com a verdade no bolso, tudo previsto, tudo formulado e pronto.

Muitas vezes mistificada, a mentalidade orgulhosa da posse segura leva facilmente a uma atitude de supremacia nos trabalhos apostólicos. Em tempos ainda não tão passados, parecia, às vezes, que as obras de caridade serviram mais para aumentar a lista de méritos dos que as praticavam do que para ajudar os pobres a alcançarem uma vida mais humana e voz própria na sociedade. De um lado estavam os benfeitores, doutro lado o público receptor. Assim revelava-se a raiz do mal: a apropriação indevida e monopolizadora dos bens religiosos por uma parte do povo de Deus, os religiosos; com exclusividade, talvez generosa, eles distribuem seus produtos entre os não proprietários dependentes, os simples fiéis. À segurança da posse de quem produz e reproduz os bens corresponde a atitude do auditório que apenas demonstra receptividade, eventualmente gratidão.

Conhecimento é poder. Talvez a palavra *know-how* nunca tenha sido aplicada no contexto da religião ou da fé, mas pelo fato de os religiosos se tornarem especialistas no conhecimento de Deus e seus mistérios e proprietários dos produtos religiosos, verdades, símbolos, ideais de perfeição, caminhos de santidade, normas, eles se expõem também ao risco de esquecer a palavra

do Senhor: não deve ser assim entre vós.<sup>9</sup> Numa sociedade em que as estruturas do poder, seja na família, seja na empresa, seja na política, são verticais, de imposição de cima, de domínio, de direção de mão única, e os que têm o poder se comportam como se fossem benfeitores e distribuidores de favores, dificilmente os religiosos escapam da imitação do exemplo predominante que nem respeitou o átrio da Igreja. Não é significativo que em muitas comunidades de base e projetos pastorais modernos continua a hegemonia de mando dos líderes religiosos, sem nenhuma democratização participada ou abertura para ouvir a voz dos outros e estimular sua colaboração?

No entanto, toda essa caricatura de prepotência é ledor engano. Se o conhecimento e a reprodução do mistério de Deus fossem problema de quantidade de teorias, teses, fórmulas e argumentos na cabeça do crente, mais poder de mando, os teólogos e os bispos teriam mais condições de santificarem-se do que os simples fiéis; o que a hagiografia da Igreja não parece confirmar, menos ainda, o culto do povo. O problema é a práxis da fé, sua vivência sincera, seu arraigamento no coração, sua fidelidade a Deus, o Pai, sua ligação ao tronco vital de Cristo, produzindo frutos verdadeiros de caridade, justiça e paz. A posse de todos os mistérios do céu e da terra não produz mais do que o barulho de um tambor vazio, se falta o amor. E o amor não é arrogante nem se ensoberbece.<sup>10</sup>

Em contraste com a caricatura da supremacia, surge espontaneamente uma outra figura relacional humana: a da aprendizagem mútua e da troca dos bens religiosos e morais entre os religiosos e o povo. O fundamento teológico dessa figura é o fato da comum pertença de todos, religiosos e fiéis, ao reino da graça de Deus e à realidade eclesial que Cristo simbolicamente apresentou

<sup>9</sup> Mc 10, 42-45.43; cfr. Lc 22,24-27.

<sup>10</sup> Veja 1 Cor 13, 2-4.

pela imagem da videira e dos ramos e do pastor e suas ovelhas e São Paulo pela imagem do corpo e seus membros.<sup>11</sup> Pela profissão dos votos, o religioso não se torna ministério na Igreja para se colocar à cabeceira da mesa; continua povo de Deus, sem pretensão de ser uma categoria à parte que o torna superior ou coloca-o à frente do povo com o monopólio da palavra e do serviço.

Na prática, essa igualdade fundamental de pessoas humanas e fiéis é mais difícil de concretizar-se, porque também uma atitude aristocrática e elitista pode levar a um atendimento paciente, paternalista e generoso dos mais simples e pobres. A disponibilidade dos religiosos se pode realizar dentro do esquema vertical da supremacia, mesmo se não chegue àquela deformação da caridade que distribui favores, mas mantém a distância entre a senhora da alta sociedade e os pobres que recebem dela um presente no Natal. Até a opção preferencial pelos pobres não precisa elaborar-se numa aproximação para com os pobres em termos de relacionamento interpessoal, pois não garante por si a conversão da superioridade que, com sua riqueza, ciência e segurança, se inclina por cima de um pobre coitado, miserável, ignorante.

A fim de quebrar o esquema de sua autossuficiência e aprender algo da verdadeira pobreza interna, o religioso está servido com a imagem evangélica da criança que, de olhos e ouvidos bem abertos e toda curiosa, encara o mundo, sempre cheio de surpresas e novidades. Pelo silêncio de quem está acostumado a fazer discurso, ouvindo e observando e, que, como primeira condição de um encontro autêntico, descobrirá a inesperada riqueza de humanidade, de fé e esperança, de humildade simples, de coragem de enfrentar a vida, que florescem e se escondem nas roupas rasgadas, sujas e suadas de um povo sofredor. Assim, instituir-se-á uma relação livre e igual de trocas, de mútua aprendizagem e enriquecimento, permutando a imagem do religioso que, na

---

<sup>11</sup> Jo 10 e 15; Rom 12,1 Cor 12.

posse da fé, da graça, dos valores humanos, dá uma esmola de sua opulência a um pobre diabo que não possui nada, como se fosse uma edição melhorada do rico epulão na parábola do pobre Lazaro.<sup>12</sup>

O primeiro passo do convívio com o povo é experimentar a grata surpresa de encontrar nestes porões da humanidade, como diz Carlos Mesters, atrás da pobreza, do sofrimento, da dureza da vida teimosa, as muitas faces da vitalidade humana, simples e singela, criativa e perseverante, que não se esgotou sob as muitas formas de repressão que a história do povo conhecia e continua a experimentar. Pela abertura do aprendiz do povo entrarão também os vícios e os pecados, porque a igualdade se baseia não só na graça libertadora de Cristo, mas também na dependência de Adão e Eva. Mas a sabedoria popular ensina que o vício é a sombra que realça a virtude e que os pecados dos pequenos são sempre pequenos pecados.

No processo da fraternização com o povo, dois esforços intencionais se conjugam: a penetração meditativa no mistério de Cristo que se fez pobre por nós e o empobrecimento progressivo de quem estava acostumado a pertencer modestamente à sociedade de afluência e de serviços sociais garantidos. O primeiro encontra seu apoio em muitos textos oficiais e livros antigos e novos; o segundo, bem mais difícil, encontra seu estímulo provocador no estilo de vida de sobriedade, de poucas coisas em casa, de insegurança, de entrar na fila, dos próprios pobres, a massa do povo. O fato de que Francisco de Assis foi aprender a vida pobre entre os mendigos, trocando sua roupa com eles, pedindo esmola entre eles, é uma curiosa sugestão para um tipo original de noviciado, como rito de iniciação da vida religiosa entre e com o povo.

Todavia, a infraestrutura dessa identificação progressiva é

---

<sup>12</sup> Lc 16, 19-21.



a descoberta de facetas, cada vez outras, da pedra preciosa, talvez mal lapidada, mas autêntica, que é o povo. Apesar de ser oprimido, cerceado em sua liberdade e vontade de progredir, sofredor, esse povo demonstra uma riqueza de valores humanos, de experiências vividas, de jeito de sobreviver contra toda esperança, acumulando uma sabedoria que deixa o teólogo cerebralizado sentir-se um "idiota" no sentido medieval. Com o crescimento da admiração diante desta gente e sua capacidade de viver é que a distância vai diminuindo e, na base da amizade e confiança, são criadas as condições para o início da troca de bens em comunhão e da cooperação profundamente partilhada por todos, cada um contribuindo conforme os talentos que Deus lhe deu. A construção da comunidade da fé supõe que o mestre saiba fazer o papel de aluno e vice-versa, pois ambos têm de reconhecer que um só é o mestre, o Cristo, e todos são irmãos e servidores.<sup>13</sup>

## 6. Da parte do povo

Dentro dos limites de um religioso-padre se transferir para o lugar existencial do povo, a pergunta se faz, quais são as condições do povo para trocar suas experiências de vida, de fé, de esperança para com o futuro a realizar, de práxis dos valores evangélicos. Na dialética histórica dos posicionamentos pastorais houve uma transição relativamente rápida da religiosidade popular, ignorante e supersticiosa, para o catolicismo do povo, expressão aculturada da fé católica, acervo de valores, sabedoria humanista, instinto evangélico.<sup>14</sup> Para conhecer melhor a religião e o modo de viver do povo há bastante literatura e quadros teóricos à disposição.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Veja Mt 23, 8-12.

<sup>14</sup> Puebla 444-448.

<sup>15</sup> Bernardino Leers, *Catolicismo popular e mundo rural*, Petrópolis, 1978; Riolando Azzi, *O catolicismo popular no Brasil*, Petrópolis, 1978; Guenter Paulo Suess, *Volkskatholizismus in Brasilien*, Muenchen, 1978 (ed. port. Loyola); Otto Maduro, *Religião e luta de classe*, Petrópolis, 1981; Carlos Rodrigues Brandão, *Os deuses do povo*, São Paulo, 1980; Francisco Cartaxo Rolim, *Religião e classes populares*, Petrópolis, 1980; bibliografia sobre religiosidade popular, Estudos da CNBB, 27, São Paulo, 1981.

Pelo convívio cotidiano com o povo no lugar em que o religioso vive, não custa concretizar estes dados, completá-los ou eventualmente corrigi-los. Assim, evitam-se generalizações e exageros e começa a comunicar-se a grande variação que mesmo em grupos bastante fechados se revela sob o título de religiosidade popular. Sem este processo contínuo de aprendizagem extensiva, há sempre o risco de o religioso enxergar a complexa realidade do povo em geral pelos óculos e dentro dos horizontes do pequeno grupo de pessoas que, em qualquer bairro ou povoado, frequentam com maior liberdade a sua casa e formam em redor dele um grupo de amizade e colaboração. Com esse grupo começa a percepção, mas é apenas ponto de saída para penetrar passo a passo na mentalidade, melhor, nas mentalidades do povo e suas práticas de viver, julgar, agir e lutar.

O clima relativamente pessimista em que nasceu a pastoral da emergência não está mais na moda. Mas no mínimo há de persistir a suspeita de que expressões do tipo “nosso povo é muito católico” sejam exageros de boa fé. Proclamar a fome que o povo tem de Deus é em boa parte um golpe no ar. Talvez corresponda aos desejos devotos do poder clerical ou aos interesses de conservadores que querem restringir a força evangélica ao recinto de um catolicismo espiritual que não incomoda a ninguém e deixa os demais poderes na paz de sua “ordem”. De fato, atrás da fachada da universalidade do catolicismo, não está apenas uma tipologia deste catolicismo com seus vários sincretismos, mas também uma larga penetração, quase incontrolável, de muitas formas de espiritismo, pentecostalismo e outras denominações religiosas acatólicas que, em certos casos, demonstram uma grande vitalidade e força atrativa entre o povo.

A imagem da predominância católica encontra seu limite também na onda crescente da a-religião, sobretudo prática, sem muita militância, que coloca tudo quanto há de interpretação e ritos

religiosos fora da vida, como algo de que não se precisa mais. Esse fenômeno pouco estudado não é novo, nem entre o povo. Também na zona rural, geralmente de vivência religiosa mais socializada e controlada, havia pessoas vivendo praticamente sem religião. Mas no contexto da secularização, a zona urbana e os jovens fornecem mais material de um novo tipo de mundivisão, melhor práxis existencial, em que os deuses herdados nem têm mais a tarefa de tampar os buracos. Puebla fala de secularismo.<sup>16</sup> No entanto, trata-se menos de um sistema ideológico consciente do que de um estilo de vida, que gasta toda energia nas ocupações e atrações de cada dia e reduz as práticas religiosas apenas a uma lembrança da infância. Talvez restem ainda umas superstições atávicas ou um certo interesse em yoga, higiene mental ou pensamento positivo; coisas de catolicismo, Igreja, padre são apenas invocadas pragmaticamente para fins de apoio ou autopromoção.

Com o crescimento da escolaridade e extensão dos meios de comunicação social, especialmente nas áreas urbanas, há um outro fator que complica o quadro global da religião do povo. Embora seja difícil medir a influência persuasiva da endoutrinação ideológica do ensino e dos meios sobre a formação da mentalidade do povo, especialmente dos jovens, no mínimo parece viável a hipótese de que o grande esforço de “domesticação” e alinhamento não fique sem efeito considerável. Puebla condena a doutrina da segurança nacional, o nacionalismo e outros -ismos estatais, mas não impede que “sob o ‘pragmatismo responsável’ do regime, Deus e a religião são instrumentalizados na versão oficial e compulsória de uma genuína ‘religião civil’ cujos dogmas positivos e negativos servem a submissão e a conformidade com a ordem política ditada”<sup>17</sup>. O esquema mental da elite dominante no país infiltra, sem cessar, pela escola e os meios de comunicação nas cabeças do povo que, geralmente com pouco senso crítico no campo ideológico, deixa-se

<sup>16</sup> Puebla, 4345.

<sup>17</sup> Thales de Azevedo, *A religião civil brasileira, um instrumento político*, Petrópolis, 1981, 135.

formar ou deformar conforme os interesses da ordem e segurança, mantidas por esta elite.

A mistura triangular de religião, moral e civismo, que marca a educação moral e cívica, é um nó difícil de desembaraçar, porque tem suas raízes na tradicional comunhão, bastante pacífica entre os dois poderes do passado, o Estado e a Igreja.

Essa hegemonia dupla sobre a clientela comum, o povo, nunca chegou a acabar com os mecanismos de defesa e um certo espaço de autonomia do povo, mas resultou num traço nacionalista do catolicismo popular que, se não junta mais as bandeiras do Vaticano e do Brasil atrás do altar, continua vivo nos cânticos e orações. Pronunciamentos explícitos em favor da nacionalização do clero e dos religiosos, feitos na imprensa desde que começaram as tensões e conflitos entre o regime político e a liderança eclesiástica, talvez não colem entre o povo. Contudo, uma mistura entre o Brasil grande, amado, idolatrado e a Igreja só pode levar prejuízo à visão universal da segunda, já turvada pelo individualismo devocional que marca o catolicismo de muitos.

Sob o manto global do catolicismo popular esconde-se uma variação de traços que, embora talvez sejam contraditórios, coexistem na dinâmica histórica. Dentro do processo evolutivo do catolicismo, um dos contrastes se manifesta no jogo entre "fatalismo" e autogestão. Como complexo de crenças e práticas, qualquer religião ressentida o condicionamento limitador das outras dimensões existenciais do homem, da sociedade. Um estado permanente de subordinação e dependência na vida, seja das forças da natureza, seja de poderes humanos, encaminha para uma atitude de submissão e obediência religiosas quase passivas, em que tudo, o bem e o mal, está do jeito que Deus quer ou o bem existe graças a Deus e o mal por castigo de Deus, pelo demônio ou mal olhado. Tal reação é chamada, às vezes, fatalismo, mas no conjunto

da vida parece ser mais uma sabedoria experimentada do povo que sabe que, na prisão em que se encontra, sofrendo e apanhando, não há muita possibilidade de conquistar novos espaços de liberdade. As pequenas alegrias na toca com a família, uns amigos, valem mais do que pôr a cabeça para fora e ser malhado como meu Judas em sábado santo.

Doutro lado, sempre, mas hoje em dia de maneira mais forte e consistente, há a vontade de se libertar dos males e conquistar uma vida melhor com os talentos que Deus deu aos homens. Com o desenvolvimento bastante recente do Brasil cresceu o senso do poder e da ação, ao lado da descoberta de que uma boa parte dos sofrimentos e males é condicionada e causada pela vontade egoísta e negligência das pessoas responsáveis e não está diretamente ligada a entidades religiosas, Deus, sorte ou azar. Até enchente já faz acusar as autoridades. O que está acontecendo em muitas comunidades eclesiais de base e movimentos de classe e de bairro não significa apenas uma extensão do evangelho além da religião, mas uma nova vontade de “tomar a justiça nas próprias mãos” e de juntar as forças para criar uma sociedade em que também o pobre tenha voz e vez. Neste novo “élan vital”, social, político nem sempre é fácil descobrir, se o movimento se inspira na vivência evangélica ou apenas se encosta, como ponto de apoio e proteção, na estrutura eclesial; como vontade coletiva de libertação humana constitui uma fonte energética insubstituível e esperançosa.

O catolicismo popular está servido com o senso crítico e a troca de bens da parte dos religiosos. Depois de tanto tempo de marginalização, desconfiança e condenação, há sempre o perigo de cair no outro extremo e colocar antiteticamente o condenado de ontem no trono, como mestre e pastor. A descoberta do povo, como portador da fé e prático em valores evangélicos, não deve ser cega para com o subdesenvolvimento e as sombras de suas qualidades, como o próprio religioso não deve ser cego para com

as limitações e defeitos de sua vida evangélica. Nessa interação, um ponto de destaque talvez seja o medo, em contraste com a liberdade e a alegria pascal que a fé cristã promete. Da parte do religioso tradicional continua a preocupação de cercar-se de segurança material e espiritual; quem tem medo não arrisca. Da parte do povo, o medo tem mil faces: medo de almas, medo de castigo de Deus, de "vultos", de cartas correntes, de ruídos de noite, de autoridades e poderosos. Ambos precisam de se reencontrar na mesa da Palavra e do Pão para formar a força que vence o medo.

Da parte dos religiosos, porém, o problema principal não é descobrir as qualidades e sombras do catolicismo do povo, em toda a sua variação local, ao lado da análise realista dos ideais e limitações inerentes à sua própria vida de religiosos, chamada evangélica. No convívio com os vizinhos, o povo do bairro, coloca-se o problema de como agir para com eles ou com eles em função do discernimento feito. Das maneiras possíveis, certamente hão de ser excluídas as que Oto Maduro chama de desqualificação e desprestígio das expressões religiosas existentes, sua substituição pela força ou mediante a competição, importando novos ritos, e a perseguição violenta do rito tradicional.<sup>18</sup> Conscientes de serem servos inúteis os religiosos precisam respeitar o povo em sua liberdade e vitalidade religiosa produtiva e descobrir entre seu estilo de vida e os estilos de vida populares o lugar comum de que nenhuma das partes se pode considerar proprietária exclusiva. No lugar comum estão a Bíblia e a Mesa Eucarística, à disposição de todos. Dessa fonte é que os religiosos e o povo podem extrair a energia de crescer na fé com um e na coragem de tirar o pecado do mundo, porque na medida em que as árvores se tornam boas é que os frutos podres vão caindo por si. De fato, Jesus usou o contraste entre a árvore boa e a árvore má, mas disse também que ninguém é bom senão um só, Deus.<sup>19</sup> Em mútua aprendizagem religiosos e

---

<sup>18</sup> Maduro, l.c., 125s.

<sup>19</sup> Mt 7,17s; Mc 10, 18.

povo crescerão e darão frutos melhores.

## 7. A título de lembrete

Entre o povo de Deus há muitas famílias que tomam a sério suas obrigações, vivem bem e praticam sua fé, sem participarem de nenhuma organização ou movimento pastoral. Elas dão testemunho da verdade do evangelho, enquanto a fraqueza humana permite, mas não entram nos esquemas de planejamento e de ação da paróquia ou da diocese.

Num país em que há tanta falta de padre e de agente pastoral, o religioso é o primeiro a ser recrutado para o trabalho pastoral organizado na linha da hierarquia. A onda de entusiasmo em redor da religiosa-vigária de uma paróquia sem padre já esfriou bastante, mas os religiosos-padres são exigidos, cada vez mais, dentro da organização pastoral oficial. Quando voltará a velha intuição de São Francisco de um grupo de religiosos morar entre o povo, num bairro, num povoado, simplesmente vivendo sua vida e dando testemunho pela sua vida, sem querer melhorar ninguém, sem obras e sem atividades pastorais, dirigidas e orientadas por planejamentos paroquiais e diocesanos? Será que o carisma dos religiosos na Igreja só floresce na medida em que entra na canalização planejada e dirigida pelo poder eclesial?

*Artigo originalmente publicado:*

LEERS, Bernardino. O papel da vida religiosa na educação da fé do povo. *Convergência*, Rio de Janeiro, v.17, n.157, p. 544-557, nov. 1982.

## VIDA RELIGIOSA E REINO DE DEUS

*Frei Bernardino Leers, OFM*

*Significativo é que, no decorrer dos tempos, tantos religiosos e tantas religiosas se tornaram cristãos da fronteira, procurando divulgar o anúncio do Reino.*

Deus gosta de variação e dá nome e rosto próprios a qualquer de seus filhos e filhas. A língua humana segue as limitações dos seres humanos, generaliza, massifica, globaliza, uniformiza, tira o singular e esconde tudo sob a máscara da universalidade. E fala de “os” religiosos, hoje em dia os(as) religiosos(as).

Na época em que “todo mundo” ainda andava de batina ou hábito, um psicólogo da universidade de Nijmegen, Holanda, tentou formar uma tipologia das grandes ordens religiosas enquanto viviam no imaginário do povo. Bastante fácil era formar perfis uniformizados dos beneditinos, dominicanos e jesuítas. Mas os franciscanos e capuchinhos eram um caso sério.

Variavam de ascetas magros e austeros a modelos de propaganda comercial de cerveja e chocolate. Paz e bem.

Depois dessas ordens surgiram muitos outros institutos religiosos masculinos que Roma registra sob o título de institutos clericais. Cada um tem suas características e carismas, própria organização, hierarquia e bens. Ao lado deles várias congregações foram fundadas de irmãos com suas especialidades e trabalhos preferenciais, curiosamente chamados, às vezes, irmãos leigos.



Outra curiosidade linguística é que a grande maioria dos religiosos são religiosas. Pelo mundo eclesiástico inteiro há muito mais mulheres que foram chamadas à vida religiosa do que homens. Entre elas, os perfis são mui variados e suas missões evangélicas bem diversas. Talvez seus uniformes tradicionais, inspirados de suas origens, tenham sido trocados por roupas comuns do tempo atual, mas cada congregação tem sua própria fisionomia e suas atividades e serviços diferentes, conforme carismas, estatutos e decisões das autoridades.

Seja por “vingança” da metafísica grega ou simples reconhecimento dos limites humanos de comunicação, toda essa variedade de religiosos e religiosas – o inglês diria por gentileza e sensibilidade quantitativa, religiosas e religiosos – fica captada sob a categoria global de vida religiosa, abreviada em VR, mais conceito abstrato do que realidades pessoais vivas de peregrinos para Deus.

O título desta reflexão relaciona “a” vida religiosa ao reino de Deus. Complica e, na mesma hora, abre uma perspectiva interessante. Vida religiosa não é monopólio da Igreja católica. Também Igrejas da Reforma e as ortodoxas conhecem seus religiosos e religiosas. Outras religiões conhecem seus monges e eremitas, porque o Espírito de Deus não observa limites eclesiásticos e sua palavra criativa abrange o universo humano inteiro.

### **1. A igreja na perspectiva empresarial**

A Igreja católica tem sua identidade formulada no novo Catecismo e novo código. Sua realidade terrestre é evidentemente muito mais rica, humana, variada, gratuita, santa e pecadora do que qualquer descrição teórica pode apresentar, porque se compõe de uma rede de pessoas em sua singularidade, contexto sociocultural e histórias particulares. Nesta realidade é que o ministério de Deus, a força da ressurreição do Senhor Jesus e a ação libertadora

do Espírito Santo transparecem e dão frutos de justiça, paz e fraternidade.

Realidade terrestre, a Igreja supera qualquer empresa ou organização multinacional ou mundial, seja de ordem econômica, política ou religiosa. Fortemente centrada na pessoa, voz e assinatura de seu chefe universal. Assistida por um amplo aparelho de funcionários que formam com ele a matriz, a Igreja se estende pelo globo inteiro com uma malha abrangente de dioceses, prelazias, arcedioceses e conferências episcopais. Essa estrutura global é subdividida em paróquias, micro-organizações pastorais e administrativas, às quais pertencem os fiéis e recorrem para receber os sacramentos, certidões e cursos de vários tipos. Um mundo de associações e obras religiosas e sociais completa o quadro. Séculos de vida eclesial criaram uma construção gigantesca, doutrinária, ritual, moral, administrativa e material ao seu redor do princípio simples do velho catecismo: servir a Deus.

O organograma desta empresa mostra uma escala hierárquica de poder, com os postos-chave no Vaticano, nos bispos e no clero paroquial. Fora desses quadros os demais membros do Povo de Deus, a grande maioria, participam de maneira mais ou menos intensa da produção de valores religiosos e morais. Nos processos decisórios, entretanto, participam pouco. Enquanto há uma abundância de instruções e orientações de cúpula, com maior ou menor penetração entre os fiéis, a passagem das inspirações e iniciativas de baixo para cima é mais limitada. "Ouvi o clamor de meu povo" foi um dos primeiros documentos episcopais da renovação pastoral da Igreja no Brasil. Uma canalização sistemática, porém, da vivência da fé e dos costumes do povo católico para os centros do poder de mando não possui ainda um mapa funcional e bem institucionalizado, apesar de certa abertura no novo código do Direito Canônico.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> CIC, c. 224-231.

Atualmente a posição dos(as) religiosos(as) dentro da organização está mais do que nunca ligada ao esquema clerical. Falta de clero local e as crescentes necessidades do povo católico fizeram importar muitos religiosos-sacerdotes que, como religiosos nativos, foram absorvidos progressivamente nos esquemas da pastoral paroquial e diocesana. Depois do Vaticano II, também muitas religiosas e religiosos leigos (com desculpa pelo termo) deixaram suas obras mais ou menos autônomas e começaram a dedicar-se aos trabalhos pastorais diretamente dependentes dos planos do clero e bispos. As queixas são comuns: falta de tempo para rezar, meditar, ler e participar da vida comunitária na casa religiosa. Faz bem ao desenvolvimento da VR o envolvimento intenso nos ministérios e serviços eclesiais com sua burocracia, planejamentos, reuniões e mil e uma ocupações?

## 2. A problemática atual

O esquema organizacional que, de longa data, coloca religiosos(as) como colaboradores diretos nos muitos serviços pastorais da Igreja abre a porta para duas questões. Qual é o projeto original da VR ou vida consagrada dentro do universo humano que bem ou mal vive e se movimenta cada dia entre paz e guerra, justiça e exploração? Qual é a autonomia ou relatividade da Igreja-organização para com o Reino de Deus de que Jesus disse: o Reino de Deus está próximo: convertei-vos e crede no Evangelho?<sup>2</sup>

Os dois problemas não são atemporais: estão postos no contexto da atualidade de um mundo agitado, cheio de novidades, incertezas, esperanças e angústias. O fato de que os seres humanos modernos são capazes de se reconhecerem ainda em Adão e Eva ou em povos primitivos talvez sugira um "sempre foi assim", mas não esconde a onda de mudanças e novas expectativas que marcam a vida de hoje e tornam questionável o discurso tradicional sobre ordem e progresso. Se todos os avanços,

---

<sup>2</sup> Mc 1, 15.

novidades e transformações históricas modernas se deixam interpretar como sinais dos tempos conforme João XXIII fez com os direitos humanos, a emancipação das mulheres e dos operários e a libertação das colônias não importa, aqui, senão no sentido de suas ambivalências apresentarem verdadeiros desafios ao espírito e à ação dos discípulos do Senhor Jesus.

### 2.1. O desafio

A palavra globalização se tornou moda. A técnica está construindo uma rede de contatos, de comunicações e informações, via satélites e computadores, que liga todos os centros importantes do mundo. Embora a pergunta, quem manda e quem seleciona seja sempre mais premente, a universalização desse sistema cria um novo senso de cidadão do mundo e de pertença à humanidade que ultrapassa as diferenças de raças, cores, culturas e religiões. Acentuando-as. A Igreja católica pretende ser universal conforme o mandato do Senhor: todas as nações tornai discípulos.<sup>3</sup> Por toda parte um clã proclama possuir a verdade universal e definitiva da libertação humana, mas até agora nem de longe levou a humanidade a uma aceitação e práxis universais. O desafio é hoje mais desafiante do que nunca.

### 2.2. O universo

O mundo econômico do dinheiro, produção e consumo está formando um novo mapa universal. A Guerra Fria que durante decênios ligou a visão do mundo ao conflito Leste-Oeste acabou. O quadro global mudou. O conflito passou para o Norte-Sul, que por sua vez gerou o triângulo dos países ricos e o resto do mundo, pobre faminto e subdesenvolvido em graus diversos. A documentação da Igreja confirmou o nexo entre as duas realidades de abundância e miséria. A frase de João Paulo II ficou famosa: os ricos se enriquecem cada vez mais nas costas dos pobres que

---

<sup>3</sup> Mt 28, 19-20.

sempre mais empobrecem. O neocolonialismo liberal tornou mais claro e consciente o profundo abismo que separa a humanidade numa minoria de ricos e uma maioria de excluídos, pobres e miseráveis que sobrevivem na margem da história.

A Igreja pode consolar os miseráveis do mundo com a mensagem: Jesus vos ama. Mas o apóstolo Tiago já avisou que fé sem obras não vale. Jesus mesmo não deixou dúvida. A parábola do bom Samaritano encontrou na atividade dele seu paradigma iluminador.<sup>4</sup> O sermão sobre o que se chama o juízo final de MT 25, 31-46 exclui qualquer espiritualização unilateral da vida do povo de Deus, responsável pelo bem-estar terrestre dos peregrinos para a casa do Pai comum. O Evangelho hoje assume em seu programa de ação a justiça, a paz e o desenvolvimento sustentável da criação toda.

### 2.3. A pluralidade

Os meios de comunicação ajudaram a mostrar melhor a diversidade de valores e atitudes religiosos e normas morais. Tão evidente se tornou a pluralidade conflitante que a crise moral faz sentir mais a necessidade de chegar a algo de consenso assumido, de convergência, de um Ethos mundial na ideia de Hans Kueng que abrange tanto o social do bem-estar, da distribuição justa da renda, da participação democrática e dos serviços básicos eficientes de educação e saúde, quanto a ecologia, as condições do ar, da água, da moradia, da higiene e do aproveitamento da natureza cósmica. Ao lado da proliferação de novas denominações religiosas, as grandes religiões mundiais despertaram e começaram a se renovar, como a Igreja católica iniciou com o Concílio Vaticano II. Não vivem mais em círculos fechados, mas se encontram inevitavelmente na convivência global como indicadores do sentido da vida humana no cosmo. Moral e religião se tornaram tão complicadas – o catecismo, o Código e a documentação oficial da Igreja católica

---

<sup>4</sup> Lc 19, 25-37.

servem de exemplo – que o fundamentalismo com as suas reduções simplificadoras e fanatismo se tomou uma séria tentativa no mundo moderno.

Os contatos sempre mais intensos com as culturas não-europeias e as religiões asiáticas e africanas deram outro rosto à missão evangélica da Igreja. Na perspectiva mundial, uma minoria, cuja realidade inclui em vários países alta percentagem de não ou pouco praticantes, é desafiada e se vê obrigada a enfrentar um complicado processo de desocidentalização, refontização evangélica e integração em contextos culturais mui diferentes e a um novo esforço de aprendizagem. O universo humano moral e religioso não está separado em duas partes, uma com toda a verdade no bolso, outra apenas mentira, erro e falsidade. Seja no alto nível oficial dos contatos e congressos entre as religiões, seja no nível cotidiano da convivência, a missão da Igreja não é de dominação e imposição. Inclui também o papel de aprendiz da humanidade e da verdade sobre o ministério de Deus. A comunicação significa também troca e aprendizagem em mútua edificação.

### 3. Reino de Deus e Igreja

Seja qual for sua denominação, uma religião, conjunto de crenças, ritos e práticas, não possui autonomia subsistente; em última análise é uma resposta e um serviço ao Deus que, sob nomes diversos, está na origem do mundo e age no mundo, levando pessoas a um determinado esquema de vida, esperança, convivência e ação. Religião é universalizante em dois sentidos. Em vez de formar nas pessoas um setor existencial à parte, abrange a vida humana toda em suas várias dimensões. E tem a convicção de servir para a humanidade toda em caminho para Deus. Pregação, conversão, testemunho, proselitismo, divulgação missionária, até guerras religiosas estão nesta perspectiva, embora também outros fatores culturais, étnicos e políticos costumem entrar nos conflitos religiosos.

### 3.1. Jesus anuncia o reino

Qualquer concordância da Sagrada Escritura ou vocabulário bíblico acusa que nos evangelhos apenas Mateus usa três vezes a palavra Igreja, provavelmente em textos pós-ressurreicionais. Doutro lado, os termos Reino de Deus, evangelho e semelhantes são mui frequentes, porque Jesus concentrou sua pregação no anúncio do Reino e sua atividade nos sinais, que mostraram o começo do mesmo, manifestação do poder criativo do amor de Deus. A terminologia continua nos outros escritos do Novo Testamento. Depois de Pentecostes, porém, com o trabalho dos apóstolos e a organização das primeiras comunidades, a palavra Igreja-assembleia surge e ganha terreno, tanto no plural, quanto no singular.

O Reino de Deus e sua justiça hão de ser a principal preocupação dos discípulos e companheiros de Jesus.<sup>5</sup> No entanto, a história se tornará já cedo mais eclesiástica com a fundação de comunidades, a expansão em redor do Mediterrâneo, a organização de quadros e a formulação da doutrina e da identidade, distinta do “mundo” e parcialmente oposta ao “mundo”.

A passagem de Jesus de Nazaré é o anúncio e a realização incoativa do Reino de Deus, a revelação de Deus, Pai comum, na construção justa, pacífica e solidária do universo humano no universo cósmico. É o mistério do Deus de amor que impele, convoca, atrai e seduz a humanidade peregrina a transformar a história, mistura de bem e de mal, e levar as pessoas e os povos para a felicidade que ultrapassa a morte. Nessa revelação paciente e progressiva, o Espírito mesmo sugere os tempos e as estações<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Muita inspiração veio de obras conhecidas sobre Jesus e o Reino: Gutierrez. Moltmann, Schillebeeckz, História humana, revelação de Deus; E. Arens, Christopraxis, Herder, Freiburg. 1992; Faustino Luis do Couto Teixeira, Mística e Política na América Latina, a espiritualidade do seguimento. em M.C.L. Bingemer e R. dos Santos Bartholo Jr, (org.), Mística e Política, Loyola, 197-219. Mt 6, 25-34; Hb 3,14.

<sup>6</sup> Doc, Pont 242, Diálogo e Anúncio, 1991, 69.

e semeia as sementes do Verbo, onde e quando quiser para a libertação de todas as escrituras.

O Reino de Deus não é de fácil consumo. O exemplo e a exigência de Jesus são radicais. Converter-se, renegar-se a si mesmo, dar sua vida para ganhá-la<sup>7</sup> envolvem o egocentrismo humano num processo contínuo de êxodo de si mesmo e de descoberta das injustiças e explorações de que os pobres, os leprosos sociais, os marginalizados, os excluídos são as vítimas. Tomando-se pobre e escravo, obediente até a morte na cruz<sup>8</sup>, Jesus se colocou ao lado dos pobres, sofrendores, publicanos e pecadores. Instituído-se nos perigos humanos do poder, da riqueza e do medo, ele anuncia e dá a bem-aventurança aos pobres, aos que têm fome e sede de justiça, aos que promovem a paz e sabem perdoar<sup>9</sup>.

Assim o Reino em formação deixa transparecer agora já algo da verdade de Deus, encarnada em Jesus, sua justiça e seu amor que não exclui ninguém. As sementes do Espírito Santo vão crescendo pela cooperação de todas as pessoas de boa vontade e ação samaritana, mesmo que sejam como as estrelas e os pássaros que também não sabem que cantam a glória de seu Senhor. Mesmo vinte séculos depois de Jesus, com o Reino de Deus em andamento, a situação da sociedade humana ainda é marcada por profundas sombras que desafiam a inteligência e a coragem das pessoas. Enquanto o "Vem, Senhor Jesus"<sup>10</sup> não se realizar por completo, o desafio continuará como apelo de Deus, embora sua passagem seja brisa tão ligeira que mal dá para perceber.

### 3.2. A Igreja limitada

Neste amplo espaço do mistério de Deus conosco, a Igreja

---

<sup>7</sup> Lc 9, 23-26 e par.

<sup>8</sup> Fl 2, 6-11.

<sup>9</sup> Veja Mt, 3 12.

<sup>10</sup> Ap 22, 20.



terrestre ocupa o lugar privilegiado da mediação pela eucaristia e reconciliação. Sua articulação na totalidade se deixa sugerir por uma paisagem montanhosa em que o viajante percebe como dois horizontes superpostos. Mais perto, há uma sequência de colinas com matas, pastos e terras cultivadas. Atrás levanta-se majestosa a serra, blocos enormes de pedra e gelo eterno que brilha ao sol. Entretanto, na igreja ao lado da estrada, o peregrino corre o risco de esquecer, entre as paredes, o amplíssimo panorama de que faz parte.

Santa e sempre purificada pela metanoia evangélica, a Igreja não é um processo fechado autossuficiente com uma política de expansão, mas um processo aberto que vive no universo humano e recebe dele propostas, iniciativas e fragmentos da verdade. A história de sua moral conhece vários exemplos, a abolição da escravidão, a liberdade religiosa, a liberdade de consciência, democracia, direitos humanos que surgiram na sociedade humana e somente aos poucos foram absorvidos pelo magistério eclesiástico. Onde há pessoas que procuram promover a verdade, a paz, a justiça, a liberdade e criar humanidade contra a discriminação e o aviltamento da vida. Deus deixa seus vestígios que levam à gratidão da troca e da aprendizagem teórica e sobretudo prática.

A caminhada da Igreja católica por este mundo se realiza entre o esplendor do Tabor e o drama do Gólgota. Por esta ambivalência seus membros conhecem a alegria e a consolação, a tristeza e o sofrimento dentro da Comunidade eclesiástica. A simplicidade do povo diz: "a gente sofre. Jesus sofreu mais. Jesus não tinha pecado. A gente tem". Escândalo no sentido evangélico<sup>11</sup> e crítica justa são elementos reais na história eclesiástica. Por isso, os fundadores da VR, Francisco de Assis, Inácio de Loyola e tantos outros colocaram de novo o Evangelho como norma de vida renovadora e revitalizante na Igreja, pois ouvir a palavra de Deus e pô-la em prática permanece a tarefa a cumprir do Povo de Deus em

---

<sup>11</sup> Mt 18,5-10.

sua peregrinação.

Doutro lado, a autoconsciência do Eu-pecador serve de janela aberta pela qual o pombo pode voltar do mundo do dilúvio com um ramo verde de oliveira no bico.<sup>12</sup> O mundo humano comum de todos os mortais mostra muita criatividade do bem, da justiça, da fraternidade, do perdão, da paz fora da arca da Igreja. Uma ideologia que mistura orgulho e medo é capaz de reduzir o quadro complexo da produção humana de valores e qualidades virtuosas a dois quadros separados, um totalmente branco e santo, outro preto e mau. Pequena grei praticante convivendo no grande mundo, o Povo de Deus vive sua fé no Espírito criador do universo, abrindo-se criticamente para todos os sinais que Deus semeia fora da organização eclesial. O engano de Natanael não precisa ser repetido.<sup>13</sup> Também fora do limitado espaço eclesial, Deus costuma passear na brisa da fé, justiça e solidariedade que se manifestam em outras regiões da atividade humana. Deus sempre surpreende.

#### 4. Vida religiosa e Reino

Em toda a sua variedade de formas históricas, o que liga a VR ao Reino de Deus e sua justiça?

##### 4.1. Sensibilidade religiosa

Antes de tudo, os(as) religiosos(as) procuram e dedicam sua vida e seus talentos ao Deus verdadeiro e seu projeto de libertação e felicidade escatológicas, começado definitivamente em Jesus de Nazaré.

O catecismo da Igreja católica enche páginas e páginas com a interpretação católica do Deus Uno e Trino, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas além da variedade de imagens de Deus, Jesus e o Espírito Santo que o povo católico criou no passado e cultua

---

<sup>12</sup> Gn 8, 11.

<sup>13</sup> Jo 1, 46.

hoje, há ainda muitas outras religiões e até imagens mui negativas nas formas do ateísmo ou pós-cristianismo que o mundo moderno conhece. Dentro e fora da Igreja há muitos produtores de ritos e bens religiosos, reconhecidos, ignorados ou condenados pelo clero.

Se os(as) religiosos(as) são “especialistas” experimentados(as) do Deus verdadeiro pela prática de sua vida, não é mais lógico do que se comunicar com todas as aproximações deste mistério que a humanidade coleciona na atualidade e assim assumi-las como desafios esperançosos? Assim a vontade missionária brota de ajudar os outros peregrinos a aprofundar mais sua fé e a viver mais a verdade de Deus, esperança de toda a criação.

Nessa ajuda talvez se repita a experiência de S. Paulo no Areópago.<sup>14</sup> Uma comunicação não penetra e se performa sem troca e mútua aprendizagem pelo tempo. Por causa do senso megalômico de possuir a verdade o mestre costuma ter dificuldade de ser discípulo. A lembrança, porém, da palavra direta de Jesus sobre o Mestre único<sup>15</sup> acordará o sonhador de grandezas. Os vestígios de Deus e as sementes do Verbo não estão apenas presentes na Igreja católica nem nas Igrejas cristãs. A terra em que Deus semeia sua boa semente tem a amplitude do universo e a extensão da história.

Pela graça e experiência, um faro, uma sensibilidade especial para com o mistério de Deus funciona em religiosos(as). Para impedir qualquer mistificação possível, é necessário crer que o Deus verdadeiro é o Deus do Reino, projeto em fase de construção, que envolve todo o universo criado. Jesus mesmo formulou que a prioridade é procurar Deus e sua justiça<sup>16</sup>, que é graça, vida, amor,

---

<sup>14</sup> At 17, 16-34.

<sup>15</sup> Mt 23, 8.

<sup>16</sup> Mt 6,33.

dedicação, misericórdia e paciência, manifestos na realização da obra pela cooperação humana. Desde que a verdade de Deus começou a transparecer na criação e de maneira especial na humanidade de Cristo Jesus, a possibilidade de se dedicar à obra libertadora de Deus no mundo se abriu de modo próprio como missão responsável às pessoas escolhidas pelo batismo e os votos religiosos.

À medida que os(as) religiosos(as) afastam de si a atração do poder de mando, da riqueza e da vida matrimonial, seu horizonte se amplia além da Igreja instituída e seus esquemas pastorais orientados para dentro da comunidade. Da sociologia é conhecido o fato de que quanto mais organizado, estruturado e produtivo de valores e bens internos for o grupo tanto mais se distinguirá e separará dos que estão fora do grupo e arriscará formar seu próprio mundozinho satisfatório. A palavra eclesiatria é feia, mas o traço de ficarmos entre nós bem protegidos contra os perigos do mundo “mau” é uma tentação tão humana que é presente.

Isso não quer dizer afastar-se da Igreja, pois é nela que se celebra a eucaristia, fonte, centro e ápice de toda a vida comunitária cristã e alma de toda evangelização.<sup>17</sup> Seja qual for a crítica justificada que possa haver contra situações da Igreja ou atuação do clero, é ela que nos serve a palavra de Deus e o pão da vida eterna por meio do ministério sacerdotal. Doutro lado, quanto mais intensamente é celebrada a graça da pertença à Igreja do Senhor Jesus, tanto mais o olhar se estende para além de sua extensão e quadros oficiais, porque Deus, o Pai comum, se preocupa com o universo humano todo em que seu Reino está vindo.

#### 4.2. Seguimento de Jesus

Sintetizando a longa tradição teológica da Igreja, o

---

<sup>17</sup> Documentos Vaticano II, ed. Vozes, 1966, ns. 29, 884, 10998, l 151.

documento Diálogo e Anúncio<sup>18</sup> lembra que o Espírito Santo oferece a todos, de um modo que só Deus conhece, a possibilidade de serem associados ao mistério pascal. Muito antes da Igreja e além das fronteiras da instituição eclesial, um raio da Verdade que é Cristo Jesus, o primogênito de toda a criação e Alpha e Omega da história, iluminou e continua iluminando todos os seres humanos. Em sua generosidade Deus deixa seus vestígios e semeia as sementes do Verbo nos corações das pessoas e nas culturas dos povos. Anunciando a vinda do Reino de Deus, Jesus mesmo atendeu à fé de “estrangeiros” e abriu o horizonte universal da libertação verdadeira pelo tempo e pelo espaço do mundo humano. Num diálogo que dura ao longo dos tempos, o Espírito Santo faz crescer e purifica a verdade da Igreja e leva todas as pessoas a uma conversão mais profunda, maior entendimento e união mútuos e esforço comum para a libertação humana na justiça e paz. O ritmo e a paciência perseverante de Deus; a colaboração é de suas criaturas humanas.

Se o seguimento de Cristo segundo o Evangelho continua a ser a forma fundamental da vida consagrada<sup>19</sup>, a vivência do Evangelho leva a descobrir a amplitude do espaço que é o Reino de Deus e sua construção no universo humano e cósmico. Esta é a obra que o Senhor Jesus anunciou, começou e continua pela mediação, embora não exclusiva, da Igreja. Enquanto a VR surgia, de novo sem exclusividade, na história eclesial as iniciativas não saíam da hierarquia. Posteriormente ela as aprova, impondo certas estruturas de relações mútuas com o motivo de salvaguardar a inspiração ou carisma original. Como este processo funciona, a aprovação da regra e vida do movimento de Francisco de Assis ilustra de maneira interessante. Respirar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo no horizonte do Reino que ele pregou e realiza pelo seu Espírito ultrapassa os limites da pesada organização eclesial em que medo, autoritarismo e outras fraquezas

18 Doc. Pont. 242, ns.15s., 21, 32, 47, 49, 68.

19 Doc. Pont. 261, A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo, n. 43.

humanas e não somente as virtudes evangélicas fazem seu jogo. Também dentro da Igreja a liberdade religiosa não pode ser uma gaiola dourada que não deixa os pássaros voarem.

No contexto brasileiro, “país católico”, talvez mais colcha de retalhos religiosos, a pertença à Igreja católica condiciona a tentação da autossuficiência, porque parece entrar num supermercado de gostos religiosos variados. Voando por cima da realidade empírica, sem reconhecer limitações, fraquezas e sombras, “bons” católicos se expõem ao risco de aproveitar apenas os serviços internos eclesiais à disposição para sentir maior segurança contra os outros que pertencem ao mundo fora, o reino demoníaco das trevas. Entretanto a verdadeira Igreja está ordenada ao Reino de Deus, do qual é germe, sinal e instrumento até o fim dos tempos.<sup>20</sup> De que maneira esta ordenação se articulou no passado ou funciona hoje é outra questão. Para evitar polarizações, não adianta jogar “eclesiocentrismo” contra “reinocentrismo”<sup>21</sup>, porque mostra mais medo e falta de se deixar transformar pelos outros do que verdadeira racionalidade teológica.

### 4.3. A serviço do Reino de Deus

A fonte energética da VR é a pessoa de Jesus de Nazaré, graça e exemplo, o que tem acontecido com ele, o que ele anunciou, o que ele fez e o que ele continua celebrando com seus discípulos. À medida que esta Verdade se torna vida e caminho para religiosos e religiosas, também o Reino de Deus ganha perfil, contornos e horizontes mais claros. Sua construção na terra, no mundo humano, se torna a missão comum da libertação completa. Pelo fato de fazer bem aos outros, colaborar no progresso humano em coisas tão materiais como água e higiene e valores tão importantes quanto são a educação, a verdade, a paz, a justiça e a esperança dinâmica que transcende a morte, cada pessoa ajuda a construção

<sup>20</sup> Doc. São Domingos, n. 75.

<sup>21</sup> Faustino Luis do Couto Teixeira, citado em nota 5, p. 198s.

do Reino no lugar em que está e com os talentos que recebeu e transmite algo dAquele em que todos vivem e se movimentam, até sem saber.

Na fertilidade variada da VR emerge a verdade de que o Evangelho do Reino de Deus e o Evangelho de Deus mesmo, o qual foi mostrado por Jesus, transpareceu nele e é a finalidade de toda vida humana peregrina e de toda a criação, ansiosas de serem libertadas do cativeiro da corrupção.<sup>22</sup> Mesmo se neste texto a palavra criação se referisse apenas aos seres humanos, claro seria pela história que os frutos do Espírito de Deus<sup>23</sup> não se limitam ao campo da Igreja católica, mas formam uma base preciosa com todos aqueles que os produzem, cristãos ou não-cristãos. Significativo é que no decorrer dos tempos tantos religiosos e tantas religiosas se tornaram cristãos da fronteira, procurando divulgar o anúncio do Reino e ajudar sua realização além do âmbito da Igreja estabelecida, juntando de sua maneira união e êxodo.

Assim há nos religiosos e religiosas uma tensão produtiva entre a convocação de conhecer o Senhor Jesus, participar nos seus sofrimentos e sentir a força de sua ressurreição<sup>24</sup> e a vontade de ampliar seu Reino<sup>25</sup>. Sendo privilegiados pela gratuidade de Deus na Igreja, o Espírito Santo não os fecha dentro de um processo de autoaperfeiçoamento narcisista, mas enriquece-os para eles enriquecerem os outros e serem enriquecidos pelos outros nas trocas das palavras, da cooperação prática e da convivência. À medida que cresce a identificação com o Cristo pobre, casto e obediente, cresce também a capacidade da comunicação, aprendizagem e intercâmbio no espaço do Reino de Deus projetado e em execução.

---

22 Rm 8. 18-22; Mc I, 14s.; Kittel, WzNT, 1, 584.

23 Gl. 5, 22.

24 Fl 3, 10-12.

25 Jo 18, 36; Cl 1, 13; Ef 5, 5.

Numa época em que a palavra espiritualidade ganha de novo volume e frequência pela costumeira dialética histórica, a própria vida religiosa há de ficar bem consciente da práxis paradigmática polivalente de Jesus de Nazaré. Em suas atividades, conhecidas pelos evangelhos, ele não se limitava somente a uma área ou interesse humano, mas abrangia todas as dimensões da existência humana peregrina neste mundo. O homem não vive só de pão, mas também de pão. Contra as três tentações fundamentais da propriedade, do poder e do medo, ele difundiu a lógica da doação dos bens contra a acumulação das riquezas precíguas; pela lógica do serviço, da diaconia, se opôs à imposição do poder dominador das massas; inspirado na coragem perseverante da confiança no Pai, combateu o medo, a covardia e o desânimo que ameaçam qualquer ser humano mortal.

## 5. A volta ao problema

No plano empírico, o idealismo da convergência que envolve os membros de um instituto religioso em um único projeto apostólico libertador esbarra contra a inclusão de tantos(as) religiosos(as) nos quadros administrativos e operacionais que não são do instituto, mas da hierarquia eclesial; o resultado é que a convivência, a partilha e a cooperação em redor do mesmo carisma do Espírito Santo fracassam e até ficam impedidas.<sup>26</sup> O essencial da missão apostólica de tornar transparente o amor de Deus que liberta e transparece no universo leva, às vezes, os(as) religiosos(as) a se confundirem e ficarem divididos entre duas pertenças: a convivência no instituto e a participação na pastoral organizada de estruturação clerical.

Na práxis, o equilíbrio neste ponto é de difícil articulação diante das necessidades do Reino, os serviços da Igreja institucional e as qualidades e limitações das pessoas. Teorias e leis talvez possam esclarecer alguma coisa, contanto que não camuflam

---

<sup>26</sup> Cr. Doc. Pont. 261, ns. 61, 74.



a real dialética entre a vinda do Reino e a gênese deficiente dos quadros pastorais da Igreja católica romana com sua quantidade de documentos que querem dirigir e decidir tudo, mui além da sabedoria de Salomão.<sup>27</sup> Uma Igreja que atrapalha o Reino é uma viva contradição.

Seria negativo para a VR se as pilhas de papel sufocassem a procura fundamental do mistério de Deus que, em Cristo Jesus, se revela aos pequenos e humildes<sup>28</sup>, ou abafassem a voz livre do Espírito que ajuda a fraqueza humana e intercede a favor de cada um com gemidos inefáveis.<sup>29</sup> Seja qual for a situação eclesial presente, a dinâmica da VR está intimamente ligada à fidelidade ao Evangelho e ao Reino universal que Jesus anunciou. Quanto mais a realidade limitada da Igreja católica, santa e pecadora, dominar o quadro da percepção da fé, tanto mais estreito se tornará o espaço que Deus criou e escolheu em seu amor: a humanidade inteira. Sem a visão do advir do Reino, ela se tornaria um templo-museu talvez muito bem organizado, mas isolado do grande “resto” movimentado do universo humano, onde Deus semeia e espera frutos de verdadeira e duradoura humanização das pessoas e dos povos.

*Artigo originalmente publicado:*

LEERS, Bernardino. Vida religiosa e reino de Deus. *Convergência*, Rio de Janeiro, v.30, n.283, p. 345-354, jun. 1995.

---

<sup>27</sup> 1 Rs 4, 29-34.

<sup>28</sup> Mt 11, 25; C. Palácio, A originalidade singular do cristianismo, *Persp. Teol.*, 26 (1994) 311-339, aqui 329-333.

<sup>29</sup> Rm 8, 26.

## VIDA RELIGIOSA E RELIGIOSIDADE POPULAR

*Frei Bernardino Leers, OFM*

*Com sua vida material bem arrumada, o religioso pende mais para a espiritualização, como se as coisas deste mundo fossem algo inferior e o mistério da encarnação apenas uma roupagem passageira.*

Sem dúvida, dá uma fotografia linda: uma criança, com um canudo de mamão, soprando bolinhas de sabão no ar livre. Os raios de sol entram na brincadeira, criando cores que refletem o arco-íris nas bolhas voadoras. O vento as leva até que explodem e molham, com uma gota, o chão. Tudo leve. Tudo bonito. Tudo muito passageiro.

### **1. Um jogo de palavras**

“A” vida religiosa e “a” religiosidade popular são como duas bolhas de sabão, levadas pelo vento da especulação. São duas abstrações, de roupa leve, que talvez se encontrem e se juntem numa bolha só; talvez se choquem e estourem sem dar alarde ou deixar rastro. São dois conceitos mais ou menos domesticados e fixados em linhas gerais, de modo que qualquer um que brinca com eles sabe, também mais ou menos, em que direção tem de localizá-los.

Vida religiosa está na linha de comunidade, votos, contemplação, obras, convivência familiar exclusivamente ou de mulheres ou de homens, às vezes ainda, ou de novo, o hábito, o véu, um anel com uma cruzinha ou coisa semelhante, horário, superior ou madre ou seja qual for o título de quem lidera a comunidade

local e algumas coisas mais. Religiosidade popular é povo, reza, devoções, promessas, acender vela em honra de Santo Antônio para segurar o namorado novinho em folha, milagre, romaria à Aparecida do Norte e confessar com o padre de lá, comungar na primeira sexta-feira em honra do Sagrado Coração, assistir à procissão do Bom Jesus morto, fazer jejum e mais algumas coisas.

Se os dois conceitos se encontram no balé da reflexão abstrata, sai uma série de palavras comuns que ambos reconhecem, talvez cada um de seu jeito e ambos podem trocar como se fossem presentes em dia de Papai Noel: Deus, Jesus Cristo, Maria e os santos, vida eterna, fé, batismo, Igreja, missa de sétimo dia, padre com suas variações de senhor vigário, pároco, eventualmente frei ou frade, e evidentemente agora o Papa. Em certos momentos, as palavras são diferentes, mas parecem indicar as mesmas realidades. Onde uns falam de celebração eucarística ou eucaristia, outros continuam a falar de missa ou festa. A religiosa explicou às crianças o sacramento da iniciação cristã, o batismo; Dona Ritoca disse que tinha um pagãozinho p'ra batizar, só os padrinhos ainda não tinham chegado.

Às vezes, os termos são como figuras que se afastam uma da outra e parecem envolvidos em nuvens de agressividade e mal-entendidos. Basta jogar a palavra libertação ou confissão ou comunhão sem missa ou católicos recasados, e a discussão esquenta qual fogueira de São João, dividindo os espíritos sem respeitar a bonita distinção entre a vida religiosa e a religiosidade popular. Num mundo de mudanças rápidas, as pessoas podem concordar pela compreensão de linguagens diferentes, e brigar e condenar-se mutuamente, embora usem palavras iguais.

## 2. Duas fórmulas

Tanto a vida religiosa quanto a religiosidade popular se deixam estruturar, contornar e formular com a firmeza de

documentos oficiais, como se fossem dois mundos conceituais que se guardam e conservam em lugares diferentes do universo da vida. Só o documento de Puebla já fornece material para formar duas imagens, quais duas santas em volta do altar.

### 2.1. A vida religiosa

Em sua origem e dinamismo, a vida religiosa ou consagrada é um dom que o Espírito Santo concede sem cessar à sua Igreja como meio privilegiado de evangelização eficaz. Com o povo de Deus os consagrados partilham as fadigas, os sofrimentos, as alegrias e esperanças da construção do Reino de Deus. Chamados pelo Senhor Jesus Cristo, comprometem-se a segui-lo radicalmente, identificando-se com Ele a partir das bem-aventuranças numa visão profunda da fé que se alimenta e conserva com a oração.

Fundados na comunhão com o Pai que os cumula do seu Espírito, os religiosos aceitam alegremente o mistério da aniquilação e exaltação pascal. Por isso, aceitam como própria a cruz do Senhor que sobre eles pesa e acompanham os que sofrem por causa da injustiça, por causa da falta de senso profundo da existência humana e por causa da fome de paz, verdade e vida.

A sua radical consagração a Deus e ao serviço dos homens exprime-se e se realiza por meio dos conselhos evangélicos, assumidos mediante os votos públicos de pobreza, obediência e castidade. Assim serão um testemunho da aliança libertadora de Deus com os homens e do valor supremo da comunhão e participação entre os homens.

Fermento da consciência missionária na Igreja, os religiosos são convidados a viver o mandamento novo, numa doação gratuita a todos os homens, com um amor que a ninguém exclui, embora se dirija com preferência aos mais pobres.

A fidelidade ao próprio carisma é uma forma concreta de obediência à graça salvífica de Cristo e de santificação com Ele para remir seus irmãos em todas as dimensões de sua existência (Puebla, 739–757).

## 2.2. A religiosidade popular

Religiosidade popular ou piedade popular é o conjunto de crenças profundas marcadas por Deus, das atitudes básicas que derivam dessas convicções e das expressões que as manifestam. A religião do povo latino-americano, em sua forma cultural mais característica, é a expressão da fé católica. É um catolicismo popular.

Essa religião do povo é vivida de preferência pelos pobres e simples, mas abrange todos os setores sociais e, às vezes, é um dos vínculos que reúne os homens apesar de suas divisões políticas e diferenças de classe social e situação econômica. Como a visita do Papa demonstrou, tem a capacidade de congregar multidões.

A religiosidade popular contém uma série de elementos: a presença trinitária, o sentido da providência de Deus-Pai, Cristo, amor a Maria, os santos, a consciência de dignidade pessoal e de fraternidade solidária, até a capacidade de sofrimento, o valor da oração, a aceitação dos outros. Doutro lado há infiltração de superstições, magia, fatalismo, idolatria do poder, ritualismo, ignorância, manipulações ideológicas da religião.

A religiosidade popular não é só objeto de evangelização, mas também, enquanto contém encarnada a palavra de Deus, é uma forma ativa com que o povo se evangeliza continuamente a si próprio.

Embora marque a cultura da América Latina, ela não se expressou significativamente na organização da sociedade e do

Estado. Assim deixa um espaço para verdadeiras estruturas de pecado, injustiças, postergações e sujeições indígenas, pobreza, a situação de ameaça dos fracos. Por isso, a religiosidade se converte muitas vezes num clamor por uma verdadeira libertação (Puebla, 444-456).

### 3. Das fórmulas para o contato pessoal

Por causa de seu peso condensado, as duas fórmulas sintéticas não possuem elegância suficiente para garantir um “passo a dois” espetacular. As verdadeiras dificuldades e conflitos humanos não estão tanto no nível das definições que, às vezes, são mais instrumentos de percepção do que representações verbais da realidade; estão no nível das pessoas e grupos sociais, situados, cada um de sua maneira, no mundo em transformação de hoje.

#### 3.1. Vida religiosa e religiosos

A imagem abstrata e global da vida religiosa, embora bem documentada, não é uma reprodução fotográfica ou fílmica da realidade das pessoas e coisas. Ao máximo é uma tática que psicólogos sociais já aplicaram, de colocar uma série de negativos rostos humanos de um mesmo tipo étnico, um por cima do outro, para tirar uma cópia só, de traços geralmente bem vagos, que seria mais ou menos uma média do tipo. A síntese esboçada da vida religiosa é uma dedução posterior, devidamente retocada e idealizada, que não corresponde à ordem histórica dos acontecimentos eclesiásticos e coloca a realidade humana num prisma que a deixa como que de cabeça pra baixo.

Bento, Francisco, Clara, Inácio, Teresa e tantos outros cristãos se converteram e, cada um de sua maneira e com seu estilo, começaram a levar uma vida evangélica. Tiveram seguidores de sua forma de vida cristã. Receberam a aprovação eclesiástica de suas regras e instituições. A história da Igreja foi prolífera em

ordens e congregações religiosas de todas as medidas e pesos, cada uma com seu estilo, organização e nome próprios. Dessas experiências concretas foi que a reflexão destilou a noção de “a” vida religiosa que na realidade só existe nas formas diversificadas das congregações e ordens religiosas.

Por ser histórica a vida religiosa, a liberdade do Espírito não está ligada às formas e estruturas do passado. Até a vinda do Senhor Jesus, haverá espaço para aspirações e novas maneiras de o cristão se consagrar a Deus a aos homens. Mas esta abertura flexível para a criatividade não impede que o processo comum de tornar-se religioso seja outro. Mesmo se um jovem descobrir vocação para a vida consagrada e, só depois, procurar conhecer várias comunidades religiosas para experimentar qual mais lhe agrada, no fim ele entra e se forma, não simplesmente na vida religiosa global, mas dentro deste ou daquele grupo de religiosos com este nome específico.

O tipo de discurso teológico abstrato que Puebla faz da vida religiosa coloca a essência no centro, deixando o próprio carisma no último lugar. Assim parece passar como uma esponja sobre as diferenças em estilo de vida, organização e objetivos das muitas ordens e congregações que compõem o quadro policromo da vida religiosa real. Na evolução das vocações, porém, essas diferenças desempenham um papel importante. A consciência de pertença a determinado grupo desta ou daquela denominação é um fator valioso na persistência. Mas ainda, termos de abertura, de mudanças de atitude mais conservadora, de novas iniciativas para aproximar seus religiosos, respectivamente, suas religiosas do povo pobre, as “fisionomias” das várias províncias religiosas são bastante diferentes.

O essencialismo impessoal que transparece no conceito de “a” vida religiosa se manifesta também pelo fato de que as coisas mais normais dos religiosos, como são comer, dormir, ficar doente,

ser homem ou mulher, gostar de fulano e não combinar bem com beltrano, limitações humanas das pessoas, dificuldades, conflitos, raras vezes transparecem na teoria idealista, enquanto fazem inevitavelmente parte da vida cotidiana de qualquer religioso. Radicalidade talvez seja palavra-chave no discurso sobre a vida religiosa. Na realidade costuma ser um processo histórico de lenta penetração ou aperfeiçoamento pessoal que só acaba com a morte e em que aparentemente muitos já param antes.

A vontade de definir as coisas deixa fora o que na vida religiosa concreta praticamente é indefinível. Nunca se deixa captar com exatidão os sentimentos desta ou daquela pessoa, seu caráter, seus talentos e limites, até sua maneira de crer, interpretar o mundo, amar a Deus, servir o próximo e ser egoísta. A definição racional, perfeita talvez, dá uma forma de saber em que o mistério de cada pessoa e de seu encontro pessoal com Deus e com os outros, às vezes, fica na sombra, enquanto na história real está colocada no centro. Até em sua própria existência, o homem se vê em situações em que nem se compreende a si mesmo; fica procurando a verdade de que apenas conhece umas fórmulas, umas experiências e certezas.

### **3.2. A dinâmica histórica da vida religiosa**

A vida dos religiosos não se processa fora do espaço deste mundo nem fora do tempo. Cada um é como um nó na rede de relações humanas em que vive e que está em movimento permanente; cada um faz parte do todo um mundo de pessoas, coisas, estruturas e formas de convívio, que em seu conjunto tem ritmos diversos de mudança, criando inconsistências e conflitos, insegurança e iniciativas novas diante de desafios novos.

Se no passado talvez a vida religiosa tenha dado a impressão de certa perenidade e de imobilidade bem instalada, o presente demonstra um quadro muito diferente. A evolução movimentada



em que os religiosos estão envolvidos está profundamente condicionada pela transformação turbulenta que se constata mais ou menos pelo mundo inteiro e penetra em todas as dimensões da existência. O Concílio Vaticano II já afirmou que o gênero humano se encontra hoje em uma fase nova de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao universo inteiro, com repercussões diretas na vida religiosa dos povos e suas maneiras de interpretar o mundo e a existência humana. Tal curso da história atual não só constitui um desafio, mas sobretudo força os homens a uma resposta prática e viável (GS 4).

No Brasil, nem a Igreja nem os religiosos escaparam deste dilema cruciante do mundo moderno. Aqui a situação é mais embaraçosa e complicada ainda, porque o processo de mudança se realiza num ritmo mais rápido e quase brusco, de modo que muitas transformações caem por cima dos homens, sem previsão, e exigem respostas e soluções que às vezes têm de incluir um alto grau de risco e ousadia humana. Na turbulência de uma cachoeira é difícil segurar a barca e navegar segundo um roteiro pré-fabricado. No mar a tempestade dispersa as barcas e desfaz a aparente harmonia tranquila da regata.

Captar a evolução movimentada pela qual está passando a vida religiosa no Brasil nos últimos decênios não é tarefa fácil. De modo mui sugestivo, Carlos Palácio distingue nesta história quatro fases: das pequenas comunidades, que quebraram o esquema da ordem e do isolamento dos grandes conventos; da secularização e contestação, pelas quais religiosos se aproximaram mais do estilo comum de viver no mundo, protestando abertamente contra situações de injustiça e abusos de poder, seja na Igreja, seja da parte do Estado; do engajamento pastoral, por uma participação mais direta no apostolado e na execução dos planos pastorais; da inserção popular, procurando morar com os pobres, mais ou menos no estilo deles, e trabalhar com eles num processo contínuo de evangelização atualizada e abrangente.

Essas fases não formam uma nova sequência em que cada nova fase extingue a anterior. No quadro total da vida religiosa todas continuam a ter seu lugar e importância, criando tipos diversos de vida religiosa e maneiras diversas de convívio com o povo. De resto, esse quadro complexo deve ser completado ainda pelo tipo de vida religiosa que está sobrevivendo ao seu próprio tempo histórico e se conserva ainda praticamente impermeável à sensibilidade do Concílio Vaticano II diante do mundo e da humanidade em transformação acelerada.

### 3.3. Uma escala de relações

Para o assunto desta reflexão é importante uma consequência direta desta composição diversificada da vida religiosa. No nível das pessoas e comunidades religiosas há uma verdadeira escalada de relacionamento com o povo e sua religiosidade. A história contemporânea fornece material para formar uma série de tipos variáveis de contato entre o religioso e o povo pobre.

Pode-se pensar no tipo de um religioso ou uma religiosa, que recrutado do meio do povo pobre praticamente continua pertencendo, em sua visão e práxis religiosas, ao chamado catolicismo popular, talvez com maior frequência da missa. O contato com o povo depende, neste caso, principalmente do tamanho da casa, do ambiente social em que está colocado e do tipo de trabalho mais ou menos diretamente pastoral que se faz.

Há o tipo que, pela sua formação intelectual e religiosa, também social e culturalmente se afastou do convívio popular, tendo maiores contatos com a classe média e levando um estilo de vida mais ou menos adaptado ao nível dela. Em contato com o povo talvez mostre a atitude do patrão com seu paternalismo tradicional, que pode ser bondoso e paciente, mas não deixa de mostrar certa superioridade distante.

Outra variante é o tipo que defende a causa dos pobres dos injustiçados com a linguagem de Medellín e Puebla, fala oportuna e inoportunamente na melhor linha de São Paulo, mas depois se retira para seu ambiente de vida com tudo na hora e tudo no seu lugar. A linguagem é para o povo e em defesa do povo, mas não há um verdadeiro convívio com o povo, por separação de habitat, diferenças culturais, distância no relacionamento.

Um tipo que se deixa imaginar é aquele que conhece uma clara separação entre ambiente de trabalho e ambiente de vida. Enquanto o convívio se limita à sua própria casa fechada com os demais religiosos que nela moram, o trabalho se desenvolve inteiramente na esfera da assistência social e promoção humana, evangelização das classes pobres e marginalizadas, com uma aproximação afetiva variável.

Ainda há o tipo do religioso, da religiosa, que achega a se inserir, com uma pequena comunidade, no meio popular pela sua vida evangélica e sua missão apostólica, como sua maneira de ser cristão na sociedade de classes hoje, para dar uma forma concreta à opção preferencial pelos pobres, com todos os riscos e vicissitudes que tal “novidade” inclui. Vida e trabalho são compartilhados com o povo pobre da vizinhança.

Evidentemente não há neste esboço tipológico qualquer qualificação ética, pois sejam quais forem as tendências da história social ou diretivas das autoridades, a decisão moral responsável está sempre no nível das pessoas, suas capacidades e suas limitações. No entanto, não se há de negar que a Igreja, ao menos idealmente, mudou de lugar, desde Medellín e Puebla. Como escreve Carlos Palácio, a Igreja reinterpretou sua missão a partir dos pobres: ser Igreja desde os “porões da humanidade”, ver a sociedade e a história através da ótica dos pequenos (Lc 1,51), solidarizar-se com a sua causa e lutas, porque na descoberta da realidade contraditória da pobreza estrutural fez uma experiência evangélica do que significa

o amor partidário e “escandaloso” de Deus pelos pobres em Jesus Cristo (Puebla, 1134 -1165).

Essa mudança de posição significa um verdadeiro desafio aos religiosos e suas obras já instaladas, em termos de aproximação humana dos pobres e marginalizados na sociedade. Na vida há sempre uma defasagem em tempo e resultados entre a proposta feita com boa vontade e a história que as pessoas de fato realizam com suas virtudes e defeitos. A madureza e a força de uma pessoa nem sempre são suficientes, nem a motivação evangélica assaz autêntica e profunda; o apoio da comunidade não precisa continuar além do primeiro entusiasmo. Trabalho de pioneiro inclui seus próprios riscos e não acontece uma vez só, que o “fugitivo” é reintegrado na turma.

Além disso – o que talvez sirva até de defesa –, a opção pelos pobres não é exclusiva, mas preferencial. No texto de Puebla ficam de pé as obras assistenciais, os educandários, a ação evangelizadora nos ambientes da cultura, da arte, da comunicação social e assim mais, como um leque de possibilidades da vida religiosa sem inserção direta no ambiente dos pobres no sentido comum da palavra (Puebla, 476, 770, 1041, 1165 etc.).

### 3.4. O dinamismo da religiosidade popular

Independentemente da validade da descrição que Puebla dá da religiosidade popular, a fórmula inclui seus próprios limites e imprecisões para a realidade complexa e variada, pessoal e grupal da qual o termo pretende ser representativo. De fato, religiosidade popular não é como uma argamassa espalhada uniformemente sobre a parede da realidade sociocultural. Ao contrário, tanto os contatos diretos quanto as pesquisas confirmam que há uma variação muito grande, correlacionada com o sexo, o habitat rural ou urbano, a classe social, o grau de modernização e desenvolvimento.

Nas pessoas, nas famílias, entre uma região e outra há diferenças claras de profundidade e superficialidade, de zelo e descuido, de opção fiel e de sincretismo sem conflito, de frequência maior ou menor nas práticas públicas, de participação mais ou menos ativa. A proveniência étnica dos vários grupos que compõem a população sempre teve sua influência, como também a influência de cada grupo na sociedade total, fosse ela de dominância ou estado de oprimidos, o qual deixou uma marca profunda na consciência do povo, em que Puebla reconhece as feições sofredoras de Cristo (Puebla, 31).

O uso costumeiro do termo religiosidade popular, misturado com catolicismo popular, piedade popular, religião do povo, ainda sempre faz supor, quase na margem da consciência, que haja uma outra religiosidade, um outro catolicismo, erudito, ortodoxo, praticado pelo não-povo, mansamente superior ao primeiro, sem desfigurações, puro e incontaminado. Tal suposição errada se vingava de modo especial em contato com a vida religiosa que, por sua vez, leva ainda às vezes os vestígios de estado superior de vida cristã e estado mais perfeito, apesar da reinterpretação do Vaticano II, *Lumen Gentium*.

No século passado já, as graves deficiências deste catolicismo popular, as superstições, a ignorância religiosa do povo, eram mencionadas nos documentos episcopais, para se tornarem quase estereótipos neste século. Nos últimos decênios houve uma mudança de atitude da parte do clero para com a religiosidade popular. A aproximação negativa do passado se transformou oficialmente numa apreciação positiva que descobre na religião do povo a presença de Deus, um instinto evangélico, a memória cristã, o vínculo da união, sapiência, um acervo de valores, a matriz cultural. Até os sinais de desgaste e deformação que ela mostra em certos casos ficam por conta da falta de atenção dos agentes de pastoral e por outros motivos complexos (Puebla, 444-453).

De esmola grande, santo desconfia, diz a sabença popular. Diante da onda de entusiasmo em favor do povo, o discernimento paulino de examinar-se a si mesmo se impõe, ao menos como medida de precaução. A pergunta que Edênio Valle, entre outros, formulou uma vez não perdeu ainda seu sentido, apesar da opção preferencial de Puebla pelos pobres: Existirá uma tentativa, talvez sub-reptícia, de apossar-se das produções da religiosidade popular para manipulá-las em função de seus interesses "centrais" e não tanto para servir ao povo em seus projetos latentes de autoafirmação e de libertação? (l.c.62).

A mudança, porém, não se manifesta apenas na conversão do clero; entrou também e continua entrando na vida, nas atitudes e opções das pessoas que são os sujeitos da religiosidade popular. Para o lado negativo, Puebla enumera: secularismo difundido pelos meios de comunicação social, consumismo, seitas, religiões orientais e agnósticas, manipulações ideológicas, econômicas, sociais e políticas, messianismos políticos secularizados, perda de suas raízes e proletarização urbana, em consequência das transformações culturais (456). Mais do que nunca na história, o substrato vivo humano da religiosidade está envolvido no dinamismo complexo de um processo de transformação global, cujo futuro é incerto e imprevisível, apesar das expectativas esperançosas que muitos projetam.

Um dos fatores que quebram o caráter bastante homogêneo do catolicismo tradicional é a saída silenciosa de muitos que, promovendo-se em termos humanos e sociais, não se sentem mais em casa dentro do esquema interpretativo e das práticas religiosas populares. Se não chegam ao anticlericalismo e à negação da autoridade e competência da Igreja em questões consideradas profanas, ao menos deixam de participar das atividades eclesiais, desligam-se dos ensinamentos da Igreja, eventualmente colocam Deus praticamente à margem de sua vida. Esse processo não é tão novo no Brasil, mas pelo ritmo

rápido do desenvolvimento socioeconômico e da formação dos grandes centros urbanos está crescendo muito mais em extensão e importância para a sobrevivência da Igreja.

Em contraste com a transmissão tradicional da religiosidade de geração em geração no passado, pode-se constatar hoje em dia um fenômeno social bastante marcante: o afastamento da juventude, ao menos, para com as formas eclesiais de religião. Na zona rural talvez continue ainda uma certa fidelidade ao comportamento do grupo, dominado pelos mais idosos. Mas na sociedade urbana, em que os jovens têm maior escolaridade, enfrentam um mundo secularizado e competitivo e entram mais, manipulados ou acomodados, na civilização de consumo, a situação se apresenta diferente. Também esta juventude não se deixa reduzir a um denominador comum a esse respeito. Há diversidade de jovens, até grupos que descobriram a alegria da entrega a Cristo, ao lado de uma massa indiferente, acomodada e desinteressada da exigência evangélica (Puebla, 1175-1181).

Doutorado, há uma série de sinais de mudança no catolicismo inspirados no Vaticano II, Medellín e Puebla, que eventualmente possam contribuir para o enterro tranquilo do termo ambíguo que é a religiosidade popular. Uma leitura atenta de Puebla fornece muito material: famílias que são verdadeiras "Igrejas domésticas", grupos de reflexão, de Bíblia, de oração, renovação litúrgica e catequética, novos ministérios. Duas linhas evolutivas que talvez mais se destaquem são as comunidades eclesiais de base em suas formas diversas, mais ou menos inovadoras, e a integração da ação política na evangelização e na consciência dos cristãos, embora o temor do marxismo ou de perder seu "status" social impeça a muitos de enfrentar a realidade opressiva do capitalismo liberal (cf. Puebla, 92). A velha dicotomia entre o sagrado e o profano, entre religião e política, entre poder eclesial e poder civil, parece estar em franco declínio, apesar do conservadorismo estático de certos grupos católicos minoritários.

A realidade dinâmica, encoberta pela palavra religiosidade popular, é como uma colcha de retalhos multicores, complexa, repleta de contrastes, contradições e tendências opostas. Seu estudo em livros forma uma propedêutica útil para conhecê-la e compreendê-la em linhas globais e abstratas. Não dispensa, porém, o contato direto, o convívio com o povo, as famílias de um bairro pobre, com pessoas de carne e ossos, suas qualidades, deficiências religiosas e morais. O significado variado da práxis, das interpretações e símbolos religiosos, vividos pelo povo, começa a revelar-se, em suas proporções verdadeiras, no microcosmo das relações humanas cotidianas, pelas amizades que se criam e pelas resistências que o público oferece abertamente, mais vezes de maneira latente, à evangelização, no sentido de Puebla.

O encontro entre a vida religiosa e a religiosidade popular se torna realmente interessante na hora e no lugar em que um religioso, uma religiosa, uma comunidade, com sua formação e preparo, encontra gente do povo, um operário, uma família, um grupo de pessoas numa vila, num subúrbio, na base de prosa e tomar café. Sem recair no individualismo tradicional, é no mundozinho de cada dia, nas relações face a face, que se faz a comunicação e manifestam-se os problemas e conflitos. Tanto estes quanto as soluções dadas têm suas raízes e repercutem na sociedade maior num raio variável, mas o conhecimento do quadro global da estrutura não dispensa o contato, o convívio interpessoal.

#### **4. O sistema de trocas**

A focalização nas pessoas, levando cada uma sua vida consagrada ou pertencendo de sua maneira à denominação geral de religiosidade popular, não impede que uma reflexão crítica possa chegar a algumas pistas ou linhas orientadoras nos encontros entre religiosos e povo pobre. Essas pistas não pretendem ser as mais importantes, muito menos ainda completas, mas fornecem



material para manter a fogueira acesa, depois de Puebla.

#### 4.1. Dar confiança para receber confiança

O sentido antigo da palavra pontífice era construtor de ponte. Para construir uma ponte e encobrir a distância que tradicionalmente separava os religiosos e o povo, ambas as partes têm de entrar em ação. Para mudar a verticalidade de posição numa relação mais horizontal, a primeira barreira interposta é a da desconfiança da parte do povo pobre que se ajeitou de seu modo dentro do sistema global de opressão.

Durante muito tempo, o povo suportou, geralmente calado, o autoritarismo e as promessas feitas, mas não cumpridas, dos poderosos. No sistema de patronagem, a clientela podia talvez contar com certos favores, em dependência da boa vontade do patrão e seus interesses em receber apoio, eventualmente proteção. Mas as camadas mais pobres não tinham voz nem vez e formavam as vítimas de toda uma situação estrutural de injustiça e exploração que Puebla confirma. A desigualdade e a discriminação flagrantes entre a elite do poder e as camadas populares criaram no povo um complexo de inferioridade e impotência dependente que o levou a esconder sua cabeça na toca, como se fosse bicho de caça, e a dar um jeito para seu lado.

Secularmente o clero e os religiosos ficaram ao lado das classes dominantes, legitimando o poder e o *status quo* pela vontade de Deus e a benção da Santa Madre Igreja. Como se essa identificação não bastasse, também o exercício do poder da parte da classe clerical era caracteristicamente autoritário, decidindo sobre céu e inferno, formando uma espécie de consciência pública concedendo favores de graça e benção separando os bons e os maus até depois da morte nos cemitérios. O povo aprendeu a lição desse poder e chegou a reconhecer que o padre manda na igreja e que praga de padre pega. O resto era o jeito que só Deus podia entender.

O povo pobre foi malhado demais, qual Judas num sábado santo. Durante tanto tempo foi humilhado, maltratado como se fosse objeto de barganha no jogo de poderes alheios que não se arrisca facilmente e prefere muitas vezes bancar o ignorante e seguir a tática dos três macacos. Quem já apanhou demais, fica de olho, como o povo diz, quando o senhor sempre deu ordens e quis ser servido, de uma vez, se senta na mesa como qualquer um e fala de comunhão em pé de igualdade e participação ativa e livre de todos para se libertarem da exploração, das injustiças estruturais e outras tantas coisas bonitas. Tanto palavrorio é presente demais para gente simples, contente com pouco.

Vencer essa barreira supõe a capacidade de dar confiança às pessoas que pertencem a este fluido vago “povo”, de escutar pacientemente o que dizem e explicam, aprendendo com elas, deixando-lhes autonomia de ação, colocando-as à vontade, de modo que se sintam bem, como em casa. Muita boa vontade sempre quer imediatamente fazer alguma coisa para o povo. Francisco de Assis, porém, já conhecia a forma de vida cristã de os irmãos viverem, com os outros simplesmente, se tornassem melhores cristãos. O primeiro passo para receber confiança é descobrir, entender e respeitar a maneira de arrumar-se na vida que os pobres conhecem por longa experiência.

#### 4.2. O senso crítico

Num artigo recente, Segundo Galilea analisa três atitudes críticas para com a religiosidade popular existente na América Latina:

- A reação crítica negativa que reduz o papel dessa religiosidade ao ópio que leva o povo à submissão e resignação diante das forças opressoras.
  
- A religiosidade forma a chave para uma libertação cultural,

porque faz parte da identidade do povo e constitui uma força criativa espiritual, capaz de criar as condições para a libertação da dominância socioeconômica.

- A religiosidade contém o caminho potencial para a libertação sociopolítica, porque para um povo que é pobre e cristão no mesmo momento fornece a energia e a motivação para uma libertação cristã e política. Outra alternativa não há: ou libertação dos oprimidos com sua religião cristã ou sem ela e contra ela (*Concilium*, 1980, nº6).

Tomada em globo, a religiosidade popular é suficientemente complexa e contraditória para cada um chegar a brasa à sua sardinha. Na evolução ambígua atual dessa religiosidade, para o lado do secularismo prático e para o lado da intensificação da vivência cristã, qualquer afirmação unilateral se torna questionável. No entanto, fora de dúvida está a necessidade de uma aproximação crítica da fenomenologia religiosa, presente entre o povo. Se ganhar a confiança e ser aceito no meio dos pobres é uma arte difícil, mais difícil é acompanhar este povo no processo de conscientizar-se de sua situação e do papel que sua religiosidade desempenha nela, usando o Evangelho com parâmetro.

O pecado social da opressão, exploração e injustiça que Puebla quer enfrentar pela libertação, comunhão de amor e participação fraterna não exige apenas a conversão dos ricos e poderosos. Esta situação escandalosa e histórica influenciou e deformou também, ao menos em parte, a própria mensagem evangélica que foi incorporada na religiosidade de muitos pobres e deserdados. Atrás da discriminação entre ricos e pobres, Deus foi colocado com suas decisões eternas e imutáveis. Sofrimento e marginalização são interpretados como castigo de Deus ou falta de sorte; suportados resignadamente com fatalismo passivo, tem a consolação de que também Jesus sofreu muito e que a recompensa no céu é eterna. Condicionado pela incapacidade humana de tomar

conta da vida, Deus assume o papel de tapa-buraco milagreiro, que tanto menos é procurado, quanto mais recursos humanos ficam à disposição. Não há um certo paralelismo entre a síndrome social da patronagem e devocionalismo e troca de favores, promessas e serviços entre os santos e sua clientela devota? Em muitos casos, o catolicismo é tão fraco que não resiste bem aos desafios da modernização e do movimento socioeconômico nas cidades.

Diante desses sinais de subdesenvolvimento cristão, os religiosos não podem lavar as mãos, pois muitas ideias e atitudes religiosas do tal catolicismo popular de hoje foram impregnadas e confirmadas pelo clero de ontem. Dentro de sua constelação interpretativa, em que Deus está no centro, com Jesus, Maria, os santos e certos sacramentos, a massa pobre precisa de promoção humana, participação política, comunhão econômica e cultural; precisa também crescer em sua fé, sua visão cristã do mundo, na liberdade que compete aos filhos de Deus. Primeiramente nesta área é que os religiosos entram, como homens de Deus, especialistas na experiência de Deus e de sua encarnação em Cristo.

#### **4.3. O intercâmbio no crescimento mútuo**

No convívio de religiosos com povo pobre não há um movimento unilateral, como se um só tivesse para dar e o outro apenas pudesse estender a mão para receber. Ambas as partes são evangelizadas e se evangelizam mutuamente. É uma comunhão de trocas que se estabelece, para a mútua edificação, como escreveria São Paulo. Em tese, essa afirmação é bastante clara, pois toda a comunidade cristã constitui sujeito responsável pela evangelização, pela libertação e promoção humana (Puebla, 474). Mais difícil é dar umas sugestões concretas.

No processo da aproximação humana e abertura mútua, o religioso começa a aprender algo de simplicidade de vida, de fé, de contentamento com pouca coisa, de fácil alegria e satisfação, que

muita gente do povo tem, embora seu riso mostre uma boca sem dentes. Descobrem-se a calma que não se incomoda com coisinhas, não faz de pulga um elefante, mas enfrenta as cruces da vida com firmeza tranquila; a prontidão de partilhar o pouco que tem com outros que têm menos ainda; a confiança que verdadeira criança pode ter em Deus; a sabedoria madura da vida, que a escola nunca ensinou, mas o povo pobre fixou, pelejando e lutando de geração em geração com a teimosia que parece ser marca registrada. Seria inverídico enaltecer os pobres na linha do bom selvagem de Rousseau, pois não custa reparar entre eles defeitos e vícios, porque são manifestos. Doutro lado, esse povo dispõe de um senso de valores humanos, uma força e jeito equilibrado de sobreviver, que contradizem frontalmente o rótulo da ignorância que a classe dominante, para sua própria tutela, tenta colar por cima destes "coitadinhos".

Povo pobre da zona rural, dos subúrbios, costuma estar com dois pés no chão duro da realidade. Por isso, não estranha a presença de Deus nas coisas mais humanas e terrestres. Como Deus faz as coisas bem feitas, disse o pai, mostrando a mãozinha de seu filho recém-nascido.

Com sua vida material bem arrumada e assegurada, o religioso pende mais para a espiritualização, como se as coisas deste mundo fossem algo inferior e o mistério da encarnação apenas uma roupagem passageira. Para o povo pobre, Deus não mora somente nas alturas, mas tem interesse direto em gente, pão, emprego, remédio, transporte, casa, e não acha que seja abaixo de sua dignidade cuidar, pela mediação humana, de endemias, barro para tijolos e esgotos. Os critérios que serão usados no último juízo para eles são normais; e que a verdadeira religião é cuidar de viúvas e órfãos, não admiram, porque até hoje estes sofrem bastante.

Os conselhos evangélicos já foram apropriados cedo na história pelos religiosos, como se fossem seu monopólio e sua coroa

de honra, enquanto os leigos observavam apenas os mandamentos. Não só a exegese moderna, mas o contato frequente com o povo simples também leva a minar este pseudo-monopólio pelos exemplos de fidelidade, pobreza, coragem, aceitação das coisas da vida, que este povo às vezes sabe dar com quase naturalidade. Além disso, a convivência com o povo chega a desmascarar muito religioso que, sob a capa da perfeição evangélica, passa burguesamente bem, não tem muita preocupação, sofre de apatia social para com os graves problemas e humilhações do povo e usa os outros para ganhar méritos e juntar créditos na "contabilidade celeste". Assim, o encontro entre o religioso e o povo constitui um lugar privilegiado de conversão evangélica para ambos.

#### 4.4. O princípio da subsidiariedade

Sobre os religiosos e a política, Puebla escreveu um texto claro. Os religiosos cooperam de sua maneira na evangelização do político, por uma real austeridade de vida, de comunhão com os homens e de intensa relação com Deus. Deverão, pois, resistir à tentação de comprometer-se em política partidarista. Doutro lado, os mesmos estão comprometidos, sem ódios nem violências, até as últimas consequências, na criação de uma sociedade mais justa, livre e pacífica (Puebla, 528,562).

A práxis, porém, com seus envolvimento, às vezes quase inevitáveis, não é tão clara como a teoria. Leonardo Boff menciona, com razão, uma espiritualidade do conflito, enquanto, às vezes, religiosos estão mais inclinados a falar de paz, boa harmonia e reconciliação, gostam de pôr panos quentes, marginalizar diplomaticamente elementos incômodos e encobrir as contradições com fórmulas neutras e incolores.

Na sociedade, até hoje, os religiosos ocupam um lugar privilegiado, como disse o pai de uma família na revolução de 64 ao padre: a gente tem mulher e filhos; o senhor não tem. O que o

pobre faz quando lhe cortam a cerca do milharal ou mandam-no embora da fábrica, com seu nome na lista negra dos “comunistas”? Os religiosos não só são mais livres, mas dispõem também de mais “status” social, relações de poder e meios de pressão do que os muitos João Ninguém que sofrem calados neste Brasil. Em substituição a tanta fraqueza, eles não têm de correr maiores riscos na luta histórica pela justiça, em favor dos pobres injustiçados, geralmente sem recursos?

## 5. Em defesa da liberdade

Perante uma realidade tão complexa e variada, como é o relacionamento entre religiosos e o povo comum, diretivas globais são apenas de um potencial muito limitado. Fatores que entram mais são a responsabilidade madura de cada um, a confiança mútua e o apoio moral do grupo de pertença, a fim de chegar, pela experiência sempre de novo criticamente analisada, a atitudes mais firmes e pertinentes que concretizam, da parte dos religiosos, a opção preferencial pelos pobres, formulada em Puebla.

BOFF, Leonardo. *Libertar para a comunhão e participação, todos CRB*. Rio de Janeiro: 1980.

CUNHA, Rogério Ignácio de Almeida. *A opção preferencial pelos pobres*.

LEERS, Bernardino. *Religiosidade popular e mundo rural*. 1. c., 1978.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; VALLE, Edênio; ANTONIAZZI, Alberto. *Evangelização e comportamento religioso popular*. 1.c., 1978.

PALACIO, Carlos. *Vida religiosa inserida nos meios populares*.

VALLE, Edênio. *Religiosidade popular: evangelização e vida religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1975.

*Artigo originalmente publicado:*

LEERS, Bernardino. *Vida religiosa e religiosidade popular. Convergência*, Rio de Janeiro, v.13, n.137, p. 535-549, nov. 1980.

## VIDA RELIGIOSA E VIDA DO POVO: ENCONTRO E COMUNHÃO

*Frei Bernardino Leers, OFM*

*Quanto mais alguém começa a viver perto do povo e conviver com ele, tanto mais está obrigado a abandonar as generalizações e a descobrir e respeitar pessoas, famílias, vizinhos com os quais entra em contato segundo a individualidade.*

Viver numa época de mudanças profundas e questionamentos sérios é um privilégio para quem passa por ela e fica de pé, sem pagar um preço alto demais pela construção da verdadeira história humana neste mundo. Quando a transformação do mundo moderno atingiu o Brasil em cheio e a Igreja abriu suas janelas para novos ventos entrarem, o estabelecimento tradicional de muitas congregações religiosas sofreu bastante. Foi como o rude trabalho de destocar a roça para semear semente nova e ver crescer uma série de iniciativas que principalmente se concentraram num ponto só: “dar a vida ao mundo” (Jo 6,33).

### **1. Um balanço crítico**

A redescoberta do mundo que estava além do muro do quintal encontrou os pobres, os cegos, os coxos, os leprosos, o povo sofrido mas pertinaz em sua vontade de sobreviver “se Deus quiser”. Neste deslocamento para o mundo, brotaram ideias novas, cresceram novas experiências de viver sua fé com este povo e por este povo, obrigando os religiosos e religiosas envolvidos a procurarem novos lugares de morar e inventarem novas formas de convivência comunitária, de divisão de oração



e trabalho, de fidelidade evangélica, compartilhada com o povo devoto da redondeza. Esta mudança de lugar no mundo e com o mundo trouxe para o uso interno da vida religiosa a reformulação de muitas tradições caras do passado e a redefinição de atividades, obras e estruturas.

Enquanto o material das novas experiências da vida religiosa se acumula, aumenta a necessidade de refletir criticamente sobre os muitos fatos de mudança e renovação que se deixam constatar. Não há plantação que não precise de capina para crescer mais. Tais análises de avaliação crítica já foram feitas várias vezes, recentemente também pela S. Congregação para os Religiosos num documento instrutivo (Osserv. Rom 14 (1983) 384-386; 405-407). Mas fica uma certa insatisfação no ar. Um estudo sistemático, empírico e teológico das novas formas de vida religiosa na Igreja do Brasil podia servir de adubo para esta terra, tão vital para a comunidade eclesial e sua saúde.

De fato, uma avaliação em causa tão importante não está servida com diletantismo que junta apenas uns depoimentos, sem aprofundar os dados pela interpretação do mistério da Igreja e da vida evangélica e sem pôr na balança também os fracassos, os preços e perdas. Pois a tática de só contar vantagens falsifica qualquer história humana. Se a vida, também a vida dum religioso, é um processo de amadurecimento, vale a velha sabedoria de que se aprende, às vezes, melhor pelos erros e fracassos do que pelos sucessos e vitórias que nem sempre resistem ao gasto do tempo. Pena é que os melhores práticos costumam falar pouco e escrever menos ainda sobre suas lutas, riscos, avanços e recuos.

## **2. As limitações do discurso**

Realmente, é uma estranha sensação descobrir que a produção de palavras sobre a vida religiosa pode ganhar tanta autonomia pela repetição constante, que não se percebe mais

a distância que há entre o discurso abstrato, cheio de termos pesados, e a correnteza concreta da vida em que religiosos e religiosas, de carne e ossos, com suas necessidades humanas, as aspirações de sua fé e o resto de seus ideais sonhados, procuram viver sua vida do modo melhor possível, fazendo algo de bom para os outros. Estranha é essa sensação, porque num certo momento o conferencista ou escritor mesmo é confrontado com o fato de que está tão acostumado a manipular palavras e criar um mundo imaginário que esquece que tanto sua vida quanto a dos outros é mais rica e mais pobre do que o discurso feito.

A palavra, o discurso, eventualmente a norma, são sempre uma expressão maior e menor das pessoas que vivem em sua caminhada histórica; até podem se desligar da realidade de tal modo que justificam a pergunta: em que mundo esta gente vive? A expressão verbal se torna maior na medida em que idealiza e puxa as exigências ou ideais para tal altura limpa, que só um ser superior à pessoa humana concreta é capaz de observá-las ou alcançá-las. É menor, enquanto nunca apresenta a realidade toda da vida religiosa nem a individualiza em pessoas humanas que, de fato, são religiosos ou religiosas, chamam-se pelo seu nome, têm seu passado, sua história, seus talentos, e não possuem o passado, a história feita, os talentos dos outros, embora pertençam à mesma congregação e a um mesmo povo e classe social.

### **3. As pessoas são as mais importantes**

Talvez não seja supérfluo confirmar mais uma vez que todas as palavras sobre a vida religiosa e sobre o povo podem se referir a este ou aquele religioso, a um grupo de famílias operárias aqui ou um povoado rural acolá, mas não são, muito menos substituem, as pessoas reais, cada uma chamada por Deus nominalmente a fazer sua caminhada por este mundo. As pessoas são importantes: elas se salvarão ou se perderão. Palavras são como os ossos ressequidos do profeta Ezequiel, que só pessoas podem cercar de carne e

fazer viver. Palavras passam, estão na moda, desaparecem do vocabulário. A sorte de tanto documento e tanto código de normas não é melhor. Anos atrás, Bernhard Haering escreveu um livro sob o título **Moral é para pessoas**. A moral é essa, um verdadeiro programa de vida que coloca as pessoas e sua vivência no centro e não as constituições, as normas e leis, pois essas estão a serviço do homem.

O sentido prático deste lembrete não deve ser mistério na atualidade. Depois de uma abertura, de liberdade, de novas inspirações e experiências, até arriscadas, sente-se no ar a aproximação, em pé de chinelo, de um: Basta! Após a tempestade, as águas revoltadas sempre refluem ao leito do rio e tudo se acalma. No recreio, os alunos correram, brincaram, jogaram, gritaram à vontade; chegou a hora, a professorinha dá sinal, coloca todos em silêncio na fila e recomeça as aulas de sempre. Parece que na Igreja está crescendo a vontade de canalizar toda a sempre novidade da vida dentro de um novo, não tão novo, esquema de leis, orientações e limites.

Da parte das autoridades, tal tendência se entende facilmente, pois se tudo funciona dentro duma ordem fixada, a práxis dá pouca dor de cabeça. Depois do estouro dominado, a boiada anda de novo, cabisbaixa, na linha. Mesmo se a ordem programada não funciona perfeitamente por causa das iniciativas livres dos súditos, ela serve ainda como bastão atrás da porta, para cortar os excessos. Se os guerreiros cansam, por que não cansarão os superiores, forçando uma tranquilidade de ordem, na base duma "grande disciplina" (Pe. Libanio), que talvez satisfaça aos gerais, mas tira o espaço vital aos soldados rasos para seguirem sua vocação? Militarismo não é apenas um fenômeno político; vive também na Igreja, em que nenhum "processo de Neurenberg" é capaz de extinguir a falsa ideia de "ordem é ordem", com ou sem legitimação divina.

Viver bem em comunhão com o povo pobre das zonas periféricas e rurais, acostumado à tática de decretos e ordens de patrões e autoridades, dados por cima de suas cabeças, exige um profundo respeito pela alteridade real dos outros, pela liberdade de suas consciências e pela responsabilidade de seus atos. Entre pessoas adultas normais, a responsabilidade pela vida, a salvação do outro não é maior em tese do que a responsabilidade que o outro tem por si mesmo. Também o pobre em bens materiais e influência social tem seus direitos e dignidade de pessoa humana; não precisa da tutela de uma criança, nem está servido com este tipo de ajuda. A história ensina que o povo comum, o povão, é como um rio que não se deixa prender pelo dirigismo da elite dominante por muito tempo e tem seus próprios critérios para assumir uma mudança de rumo ou continuar na clandestinidade suas tradições. Não só no campo religioso vale o provérbio popular de não andar depressa demais com o andor, porque o santo é de barro.

#### **4. O encontro entre religiosos e o povo pobre**

A iniciativa de fundar uma pequena comunidade de religiosos ou religiosas num ambiente de gente pobre, da classe C dos IBOPEs, condiciona a mudança do lugar social do encontro com outras pessoas e seus estilos de vida. O tipo de encontro depende evidentemente das intenções que a comunidade tem e o projeto que fez: ser apenas presença da vida religiosa no meio popular, como testemunha do evangelho, ou usar sua presença para um trabalho pastoral, formação de CEBs, catequese de adultos, assistência às mães e suas crianças ou outros serviços mais.

Em todo caso, no encontro, a pessoa leva não só a si mesma, mas também seu mundo, o universo de valores, de significados, de afetos e atitudes que construiu no decorrer de sua história, como se fosse um palco próprio em que desempenha seu papel. Igualmente, o outro traz consigo um universo próprio que formou pela experiência da vida que levou, pelo meio ambiente em que

vive e o lugar social que ocupa. Assim, o encontro se desdobra em dois aspectos do mesmo acontecimento existencial: o encontro das pessoas e o encontro de seus mundos. Esse desdobramento significa na concretude real uma mistura, pois as pessoas e seus mundos vividos são inseparáveis.

## 5. Variações do tema “povo”

No esquema mental simples de opressor e oprimido, o povo pobre pode ver seu papel reduzido à vítima, a um coitado explorado pelo poder arbitrário dos outros, uma massa anônima embaixo da prensa da dominação, simbolizada pela bota na nuca do homem jogado no chão. A quem viveu anos fora do mundo, na vida regular dum convento ou mosteiro, e esqueceu até sua própria origem, tal interpretação instrumental global serve para abrir os olhos diante do mecanismo central que verticaliza a sociedade, cria contrastes gritantes e condiciona, da parte do povo, ao menos de “muito” povo, a vontade de se libertar da canga imposta e do chicote do capataz, como Deus prometeu pelo profeta Isaías (Is 9,3). Essa situação, que deixa tão pouco espaço livre ao povo, tem seu reflexo também sobre a forma em que este povo submisso e apertado expressa sua fé, reproduz as práticas de sua religião e trata os padres e os religiosos.

Depois desse primeiro passo, segue a descoberta da diferenciação interna que se esconde no termo geral: o povo. À distância, povo é uma generalização verbal e pode ser exaltado da mesma maneira em que a elite social continua, em parte, a humilhá-lo e cercá-lo de preconceitos de ignorância, preguiça, servilismo e de não merecer confiança. Num quadro de cores mistas, a percepção pessoal sempre pode puxar mais para o preto do que para o branco ou vice-versa. De noite, todos os gatos são pardos. Na medida, porém, em que as distâncias diminuem entre um religioso e o povo de certo lugar, bairro ou aldeia, também a variação das cores se avista melhor. Santificar o povo antes da morte ou orná-lo só com

flores de virtudes é sempre um serviço precário.

Entre o povo há pessoas admiráveis que impressionam pela sua fé e seu espírito de sacrifício e edificam pela sua fidelidade, coragem de enfrentar as “dificuldades” da vida, sabedoria e simplicidade como também há malandros, pinguços, mulherengos e bagunceiros, para usar a terminologia popular. A vivência com o povo-povão, pobre, alegre e triste, ensina que eles mesmos fazem distinção entre gente boa e má, homem de confiança, amigão da gente, e cara que não presta, sujeito ruim. Basta a filha começar a namorar ou alguém morrer de desastre ou de morte matada e as qualificações morais que as pessoas têm em seu grupo social começam a funcionar, aceitando-as e elogiando-as ou rejeitando-as e condenando-as até com violência. Expressões de família conceituada, homem de bem, de confiança, pessoa benquista, distinta, estimadíssima, de muitas amizades, de fazer gosto, muito camarada, ou suas antonímicas até sumir daqui, tocar para fora de casa e cair no mundo, marcam o dinamismo interno da convivência popular.

As pessoas que são chamadas “povo” conhecem, como espelho da classe dominante, discriminações na base de posse, influência social, sexo e cor. Nunca são apenas um apanhado de gente, pois possuem sua própria organização social. Entre eles há amizades firmes e inimizades que passam por várias gerações; há brigas e crimes, às vezes escondidos, que não contam a ninguém. Só muita boa vontade pode supor que todos tenham religião, que esta religião seja a católica e que este catolicismo seja realmente praticado com zelo. Ao contrário mesmo onde o espiritismo dos escravos negros não perseverou e não penetraram novas formas de espiritismo ou seitas protestantes, ainda há toda uma escala de observância religiosa, misturada com práticas que a ortodoxia católica considera superstições. Tanto entre as famílias da vizinhança, quanto dentro de uma mesma família, as diferenças de vivência religiosa costumam ser claras.

## 6. O jogo da elite com o povo

No ambiente popular, a elite social, ansiosa de manter o sistema tradicional do poder, dificulta e muito o processo da libertação, participação e comunhão do povo que Puebla prega. Em primeiro lugar porque chega a dividir o povo e silenciá-lo em parte. Em qualquer povoado ou bairro operário, ela recruta pequenos funcionários para os serviços públicos, cabos eleitorais para seu jogo político, soldados e policiais para manter a ordem que lhe interessa. Daí cria-se o curioso e triste espetáculo de que, nos conflitos, greves e passeatas de protesto, os pobres da polícia batem, rebentam e prendem os pobres de trabalhadores e posseiros. Muitos operários urbanos e trabalhadores rurais, dependentes como são, estão condenados à neutralidade em qualquer movimento de reivindicação, obrigados a “olhar de banda”, para não arriscarem o emprego e o sustento de sua família. No ensino, a pátria, a segurança nacional, a bandeira e mais valores ideológicos servem para camuflar a posição subalterna, melhor talvez marginalizada, em que a massa do povo se encontra, sem força por causa das divisões internas.

De maneira mais camuflada, há outra forma de infiltração da elite. Por meio da escola e dos meios poderosos de comunicação social, ela procura divulgar seu código de valores e sua medida de consumo e conforto, ao menos no nível dos desejos e aspirações. É evidente que o povo tem de desenvolver seus talentos e qualidades, ainda inexploradas, que tem direito de participação, que sua dignidade humana precisa ser explicitada, que seus valores não podem ficar como lamparina embaixo do pote ou como criança no berço. Este discurso eclesiástico popular, no entanto, é cruzado constantemente por um outro, de propaganda e venda em prestações suaves, dirigido por forças de que o povo, muitas vezes, não faz uma ideia clara.

Todos os sintomas do dirigismo ou manipulação pela elite funcionam um pouco como cavalo de Troia ou, ao menos, como divisor de águas, pelo qual slogans como “a união faz a força” facilmente naufragam. Entre o povo, uns entram na competição, com ajuda de pais, padrinhos ou amigos, chegam a subir, melhorar sua posição social, fazer promoção na firma, na repartição pública, esquecendo às vezes seu passado e a gente que o povoava. Para muitos não há oportunidade e crescem as frustrações por falta de poder aquisitivo. Especialmente na crise econômica e política atual, mesmo se ainda estão empregados, veem o futuro se fechar para si e seus filhos. Pois rico chora de barriga cheia, pobre chora de fome ou, numa terminologia mais casta, subnutrição crônica.

## 7. A entrada da comunidade religiosa

Neste campo complexo de forças antagônicas chamado “povo”, a nova pequena comunidade de religiosos ou religiosas entra de fora. Quanto mais alguém começa a viver perto do povo e conviver com ele, tanto mais está obrigado a abandonar as categorias e generalizações e a descobrir e respeitar pessoas, famílias, vizinhos com as quais entra em contato segundo a individualidade e as circunstâncias de cada um. Um manual de sociologia pode fornecer um bom instrumentário de percepção, mas a experiência convencional é insubstituível. Nos primeiros encontros, o religioso facilmente enxerga certas diferenças com o ambiente em que ele mesmo nasceu e foi criado, levando talvez até choque diante de fatos que ao máximo conhecia dos livros da moral de pecados.

Todavia, esta fase quase espontânea de comparações não chega a entender o povo de dentro para fora. Pelo convívio cotidiano, começa-se a penetrar melhor nas maneiras de o povo pensar, agir, viver e conviver entre si. Mudar para outro ambiente



humano, mesmo dentro da mesma região, é sempre como entrar na mata virgem; há tudo para descobrir ainda, correndo riscos que não se deixam prever ou aprioristicamente normar e envolvendo-se em situações que não se esperam. Se, diante de uma nova experiência da vida religiosa entre e com os pobres, o superior é mais um executor das leis do que um homem prudente (no sentido de S. Tomás) que confia na responsabilidade madura de seus irmãos, os conflitos já estão germinando, antes de aparecerem.

O religioso é homem de Deus que, na fidelidade ao projeto divino, procurara o mundo a vida que recebeu. Para cortar qualquer mal-entendido individualista, seja esta fórmula completada logo com o fato de que ele vive, cresce e cumpre sua missão dentro do dinamismo histórico da Igreja, porque participa e depende dela, como membro e fiel. Como o homem não se encontra e não chega a ser ele mesmo senão dentro da sociedade de que faz parte, assim o religioso só se concebe e projeta dentro da caminhada do povo de Deus, onde seus pés pisam no chão. A procura da identidade própria, olhando o próprio umbigo, seja como indivíduo, seja como coletividade, felizmente acalmou um pouco. O espelho próprio fala bem demais a mesma língua da gente. Também nesta perspectiva, a volta aos pobres foi um benefício, uma boa escola para ser mais "gente" de corpo e alma.

O contato cotidiano e a troca de vida com os pobres ajudam a quebrar o círculo vicioso da insegurança interna e a estabilização interna obrigando o religioso a sair de si mesmo e dar sua pessoa, seu tempo, seu talento no convívio com o povo simples. Este talvez nunca tenha ouvido a palavra do Senhor: "quem quer salvar sua vida, perdê-la-á; quem perder sua vida por causa de mim e do evangelho salva-la-á" (Mc 8,35). Mas é capaz de viver esta verdade melhor do que um religioso, treinado para santificar-se a si mesmo.

## 8. A participação com os pobres

Compartilhar de verdade sua vida com os pobres não é uma aventura simples. A existência humana é sempre um jogo entre abertura e fechamento, entre comunicar-se com os outros, depender deles e retirar-se em si mesmo, ser ele mesmo. É o antigo problema de amar os outros como a si mesmo, sem perder o equilíbrio na corda bamba da vida. Por causa da tradição, os pobres podem ser encarados como objetos de caridade e meios de aumentar os méritos sobrenaturais; por causa da formação escolar e teológica melhor, talvez sejam degradados a alunos ignorantes diante do mestre onisciente. Nem os próprios pobres ajudam de início, pois estão acostumados a se fazerem pequenos e olharem para cima, quando têm de enfrentar a burguesia e os religiosos da Igreja.

O senso latente de superioridade é fatal para a verdadeira reciprocidade das consciências, dos irmãos na comunidade eclesial, das pessoas na comunidade humana, ambas em formação e estado de reforma permanente. Custa chegar a uma troca aberta de receber e de dar, de interrogações mútuas e de testemunhos da esperança que vive em cada um (cf. 1Pdr 3,15). A consagração sincera a Deus correria o risco de ficar estéril como a figueira amaldiçoada do evangelho (Mc 11,21), se não seguisse a própria dedicação de Deus aos pobres, concretizada perfeitamente no serviço de Jesus que deu sua vida pela salvação do mundo humano (cf 3,17).

Na medida em que vai crescendo o convívio entre a pequena comunidade religiosa e a vizinhança pobre, com sua mistura de pessoas dependentes e interrelacionadas, a própria vida religiosa plasmará novas formas. Nos grandes conventos tradicionais, a convivência comunitária ganhava uma certa autonomia e autorregulação interna, com seu horário, a disciplina comum de vida, a hierarquia existente entre os membros, a divisão de tarefas

e trabalhos. Havia sempre bastantes pessoas e pessoal empregado em casa para a regularidade continuar segundo o relógio e os serviços diversos funcionarem para a satisfação da maioria. Em função da autossuficiência relativa, afetiva e efetiva, tornava-se bastante visível a separação entre a comunidade interna, doméstica, e o mundo de fora como expressão das ideias reinantes sobre “sair do mundo”, “não ser do mundo”, “vencer o mundo”, ou sobre o prelúdio escatológico.

### **9. Um novo tipo de comunidade**

Na pequena comunidade entre pobres, esta situação muda e tem de mudar. O número limitado de religiosos – três fazem um colegiado, diziam os romanos antigos, e dois a dois, Jesus enviou seus discípulos – obriga a aceitar praticamente maior flexibilidade de horários e a organizar os serviços mais na base de troca ou participação ativa de todos. Também o convívio fraterno exige maior margem de improvisação, elasticidade e maior dose de mortificação. Enquanto nas grandes casas, tipos difíceis eram mais ou menos suportados, seus comportamentos amortecidos e seu peso dividido por muitos, na casa pequena ninguém evita ninguém e a engrenagem se torna mais árdua e exigente.

Sem o apoio da tradicional regularidade do grupo grande, a convivência nova de número bem limitado de religiosos vê sua base e motivação reduzida a força central da união com Cristo e de fidelidade compartilhada ao ideal evangélico. Para aliviar as pressões internas, geralmente os membros dessas pequenas comunidades se escolhem entre si ou são escolhidos a dedo, dando maior garantia de integração interpessoal e de coordenação eficiente de trabalhos apostólicos e serviços caseiros. Embora compreensível, essa tática pode ter repercussões negativas para com o “resto” da congregação, especialmente se a nova comunidade se apresenta como modelo único e protótipo do futuro.

Quando de dia está em casa, pobre não fecha a porta. Entre gente do povo não há limite claro entre sua existência em casa e a coexistência com os outros que entram e saem com um “com licença” e “ah, como vai compadre?”. O individualismo fechado é sinal da burguesia e garantia das posses. A adaptação a tal costume, da parte da pequena comunidade, traz consigo, geralmente, uma circulação mais fácil e desembaraçada de pessoas de fora pela casa. De fato, essa abertura significa uma extensão da comunidade religiosa pela participação mais intensa de colaboradores e amigos que acompanham mais de perto a vida interna da casa, os acontecimentos, as comemorações, as doenças, as necessidades pastorais e humanas. Se o antigo direito conhecia a unidade dos domésticos da casa religiosa, incluindo os empregados, aqui a comunidade religiosa desemboca na comunidade eclesial, como família extensa, sem claras fronteiras entre os religiosos moradores e leigos que moram fora, com o duplo efeito de apoio convivencial e de obstáculo à privacidade.

## 10. Efeitos previsíveis

A extensão da comunidade pelo convívio mais direto com as pessoas de fora em ambiente pobre tem repercussões próprias sobre a estruturação da vida dos religiosos. Deixada de lado a vocação eremítica, a vida religiosa apresenta uma forma incompleta e acéfala sem atos comunitários de oração e celebração litúrgica. Pela abertura, também a capela da casa ou espaço de oração se torna livre, não só no sentido de livre acesso dos outros, mas também no sentido de participação dos outros nos atos comunitários de culto, a reza do ofício, a celebração eucarística, a meditação, conforme os costumes da casa ou congregação. Essa prática opcional pode dar aos participantes uma boa oportunidade de trocar suas experiências religiosas e compreender mutuamente as várias linguagens que estão em jogo. O povo reza de outra maneira do que um “intelectual”, leitor de livros; e mais simples, direto, menos premeditado, sem sofisticação.

Nas grandes casas em que os visitantes geralmente não penetravam além dos parlatórios, a pobreza levava sua própria vida, entre a sobriedade e o conforto adaptado, com o respaldo da base patrimonial sólida da congregação ou ordem. Dentro desse esquema relativamente autônomo, havia bastante liberdade de seguir a moda, receber presentes bonitos e arrumar toda a parafernália do consumismo moderno: rádio, toca-disco, gravador, televisor a cores, aparelho de som, geladeira, ventiladores e outros utensílios elétricos. No entanto, uma pequena comunidade que mora em casa comum, aberta a todos num bairro de povo pobre, descobre novas formas de prática ascética, de limitação consciente de bens de consumo, de sobriedade.

Apropriada a pobreza e a vida mínima dos vizinhos e colaboradores, acostumados a comer o pão que “o diabo amassa”, exerce sua força de exemplaridade sobre o comportamento dos religiosos ou religiosas; leva a criar condições de comida, roupa e mobiliário, em que os pobres se reconhecem, e a formar um ambiente de casa em que eles se sentem à vontade, sem acanhamento e sem abaixar a cabeça. Esse processo de empobrecimento, em comparação com o conforto relativo das casas grandes, continua a se inspirar em Cristo que se fez pobre (2 Cor 8,9), mas a pobreza própria do meio funciona como um aguilhão. A sincera solidariedade com os pobres faz compartilhar o nível de vida deles, pois eles mesmos formam a melhor escola para quem quer ser pobre sem sofismas ou racionalizações.

Com a mudança para a casa pequena e a convivência com os pobres, coloca-se o problema do sustento da comunidade, tradicionalmente um problema do superior ou ecônomo. Viver conforme o “Deus dará”, sem meio nenhum para pôr as coisas em casa ou garantir o dia de amanhã, não é vocação muito comum. Se o governo central da congregação paga uma mensalidade, o dinheiro vem de irmãos que estão empregados numa escola ou

hospital ou fazem serviço paroquial e ganham o dinheiro para a nova comunidade observar a pobreza. Pode ser que a comunidade receba um salário da paróquia, a título de remuneração dos serviços pastorais que presta à população. Há também a possibilidade de empregar-se numa escola, fábrica ou loja, para ficar economicamente independente, ao menos nas despesas ordinárias.

A necessidade do sustento próprio encontra na prática várias soluções. Será que já há bastante experiência bem feita neste aspecto da vida religiosa, a fim de ter mais terra firme embaixo dos pés? Ser religioso é mais importante do que trabalhar como religioso, mas também o ser religioso come, bebe, mora em casa com algumas coisas. As qualidades e intenções das pessoas, o tipo de ação a desenvolver no bairro ou vila, o mercado local de trabalho, eventualmente a concorrência em caso de escassez de empregos, são fatores cuja avaliação tem de amadurecer com calma entre os religiosos ou religiosas envolvidos. Não é questão a ser resolvida a toque de caixa ou por decreto.

A comunidade religiosa, de casa aberta entre os pobres, cria também um novo problema da formação de candidatos, tanto mais sério quanto mais a experiência nova está isolada do lugar social e da maneira de viver dos demais membros da congregação ou ordem. Os institutos religiosos costumam ter seu sistema montado e único de despertar e atrair as vocações e de formar prolongadamente os candidatos que se apresentam e são aceitos. Mas pela sua abertura e contato humano direto de pessoa a pessoa, a comunidade pequena tem sua própria força atrativa. Aqui nasce o dilema. Tais candidatos serão integrados na estrutura da formação existente, com o risco de não se reconhecerem nela e não se adaptarem, ou continuarão na comunidade religiosa em cuja convivência brotoulhes a vocação, com o risco de alienar-se do estilo dominante da congregação? Aqui, uma rígida observância de regras feitas não

adiantará muito. Provavelmente sacrificará pessoas. A santa prudência sabe colocar todos os valores e interesses na balança do processo decisório.

## 11. Valores populares

De casa e como resultante de sua formação específica, o religioso estrutura sua vida, enquanto a fraqueza humana deixar, conforme um código de normas e valores, o qual geralmente corresponde bastante bem ao ensinamento oficial, catequético e moral da Igreja. Talvez seja esta impressão simples demais, confrontada quando e com os fatos de cada dia que se realizam sob a abobada linguística tão bonita de Igreja, Povo de Deus, Esposa de Cristo, Mãe e Mestra. Na atualidade eclesial há evidência suficiente de que uma opinião uniforme está longe de existir, se o assunto abordado é a maneira de construir Igreja, as preferências da ação pastoral ou promoção humana, o conteúdo do ensino catequético, o relacionamento povo-clero-bispo. Sobre a área moral da política, crise econômica, vida sexual, armamentos, violência, às vezes parece cair à sombra da torre de Babel. Também o texto de Puebla é tipicamente uma composição de várias tendências que chegaram a uma concordância verbal, sem alcançarem uma concordância de ideias e atitudes.

Na história em curso manifesta-se até uma curiosidade. De um lado a pastoral brasileira tem absorvido, nos últimos trinta anos, uma variação de movimentos católicos de origem burguesa, importados de outros países, sem encontrar muita resistência ou receber muita crítica negativa. Douro lado, consta o fato de que uma onda de suspeitas e acusações se desencadeou, agora que o movimento genuíno, autóctone, das Comunidades Eclesiais de Base tem surgido no meio do povo com um, pobre, simples, rural ou periférico urbano, sem muitos meios financeiros ou propaganda de revistas próprias bem editadas, mas com uma grande reserva

de energia existencial religiosa. O porquê desse contraste vale um bom estudo de um sociólogo da religião no Brasil.

Além disso, há duas tendências no catolicismo atual que de vez em quando entram no ringue, se combatem e acusam: os movimentos da oração, da meditação, da oração carismática, da reflexão bíblica, criticados de unilaterais e exagerados por uns, e os movimentos de ação prática que outros consideram ideológicos, meramente políticos, até antievangélicos. Ambos os tipos de movimentos encontram ressonância profunda nos meios populares. Também aqui vale que na medida em que tais conflitos e oposições chegam aos jornais e noticiários, não adianta camuflá-los atrás de uma mística da unidade em linguagem melíflua. Merecem ser colocados na mesa e reconhecidos para o bem do povo de Deus e sua caminhada pelo mundo.

Diante desse leque de contrastes, especialmente os religiosos que querem viver com o povo pobre não podem ser ingênuos ou escapar de uma tomada de posição. Pluralismo não quer dizer voar livremente pelo espaço, sem tocar em nada. Ao contrário, quem quer viver com o povo numa simbiose de valores, apreciações e sentimentos precisa estar bem consciente de sua posição no universo eclesial e humano, para não se tornar um catavento pragmático. A fim de formar uma nova identidade no convívio com os pobres e mal remediados, o religioso há de conscientizar-se criticamente de suas próprias opções e atitudes, incluindo as inseguranças e riscos, inerentes à mudança do lugar social. Neste ponto, o velho “conhece-te a ti mesmo” é condição para ajudar os outros no processo de conscientização e conversão de vida.

O encontro com o povo pobre é entrar num outro mundo, complexo, variado, contraditório, em plena mudança de valores, necessidades e aspirações humanas, com seus “satélites” de afetos,



sentimentos de bem e mal-estar, manifestações e frustrações, tolerâncias e exigências. Escritores de romances regionais, de contos e novelas sabem aproveitar desse complexo; para as ciências humanas constitui um quadro bastante desconhecido, apesar da boa literatura que há espalhada sobre a religiosidade popular, movimentos populares, mundo do trabalho e desemprego, economia caseira do povo, vida familiar, organização social de favelas, de zonas periféricas urbanas, de povoados e empresas rurais. A divisão formal das ciências faz com que cada um enfoque geralmente em sua pesquisa um só aspecto da existência do povo, na realidade múltipla e, ao menos tradicionalmente, bastante orgânica. Mesmo estudos interdisciplinares encontram duas dificuldades sérias: muitos grupos sociais são composições recentes e todos eles estão sujeitos, em grau diverso, a um processo rápido de transformações penetrantes.

## **12. Obstáculo de percepção**

A procura de convívio fraterno de religiosos com os pobres geralmente se realiza em bairros de periferia das grandes cidades ou em regiões de colonização rural, nos quais a mão-de-obra barata se aglomera à procura de um emprego para pôr as coisas em casa, de melhor assistência de serviços sociais, de escola para os filhos, uma casa para morar, um pedaço de terra para trabalhar. Ambos os movimentos migratórios juntaram pobres e suas famílias, provenientes das várias regiões culturais do país, dentro de unidades de habitat novas, socialmente ainda não bem sedimentadas. Tirados de suas bases existenciais de origem, estão agora procurando criar novas raízes e uma nova identidade em contato intercambial com novos vizinhos de outras proveniências e costumes.

Imigrantes da primeira, segunda, terceira geração, demonstram entre si bastante diferença em termos de prática

religiosa, católica ou de outra crença, conduta moral, comportamento social e civilização, de modo que um conhecimento melhor, um contato mais corriqueiro com uma família não fornece nenhum protótipo que se multiplique nas outras. O caráter heterogêneo das populações trabalhadoras pobres, especialmente nas periferias das grandes cidades, é grande demais para ser captado facilmente sob certas categorias comuns.

Além disso, o sistema de coordenadas axiológicas do povo funciona na base de polos e contrapolos claros. Há honradez, fé, fidelidade, luta para melhorar, caridade, espírito de sacrifício, firmeza em criar a família, amizade, coragem de enfrentar a vida, aguentar mão, sobriedade, perseverança, espírito de trabalho, dedicação, ao lado de malandragem, preguiça, fatalismo, falsidade, indiferentismo, inimizade, promiscuidade. Não é trabalho simples situar as pessoas no sistema, ou melhor, formar um sistema de valores sobre as gratas surpresas e duras decepções que o povo costuma preparar para quem o quer encontrar.

Se o fenômeno migratório condiciona uma diferenciação larga de padrões de vida entre o povo pobre, a modernização é mais um fator importante que atravessa o jogo contínuo entre as tradições de origem e a adaptação ao novo ambiente social. Pela força dos meios de comunicação, nas mãos da classe dominante, um mundo de ideias e valores novos é despejado constantemente sobre as cabeças do grande público. O mercado bastante caótico de noticiários, novelas, programas de auditório, propaganda comercial e ideológica cria um lastro de problemas e conflitos de valores, em que o povo tem de encontrar soluções, equilibrar sua vida e guardar a paz em casa, com os companheiros e os vizinhos.

Outras religiões, divórcio, namoro dos filhos, anticoncepcionais, aborto, desemprego, álcool, droga, terra, moradia, ideias políticas e tudo o que surge no remoinho das

mudanças, também o povo tem de enfrentar com as próprias mãos e não espera até que os intelectuais, eventualmente as autoridades eclesiais, cheguem a um acordo. Pobres costumam ser simples, sem sofisticação, na base do querer e fazer. Com a mesma simplicidade direta fazem sacrifícios impressionantes, tocam o filho fora de casa, assumem a educação de duas crianças da “viúva” vizinha que morreu e tomam outra mulher, porque “a natureza da gente é forte demais”.

A entrada de religiosos neste mundo duplamente confuso e instável dos valores e avaliações populares exige uma grande autodisciplina para eles não imporem sua ordem de valores de que o povo, aliás, costuma escapar com seu jeitismo tradicional. Se a nova comunidade quiser ser mais do que o centro de um pequeno grupo de pobres, como antes o convento grande tinha seu círculo seleto de amigos burgueses, seu espírito missionário fará contato com o número mais extenso possível da população local, com todas as descobertas agradáveis e desagradáveis que tal estratégia traz à tona.

O testemunho da verdade evangélica está colocado no quadro global da história da salvação, que também merece o nome da paciência de Deus. Inegavelmente, a Igreja sempre conhece seus Franciscos da paz e seus Bernardos da cruzada. Tolerância e inquisição marcam os passos do catolicismo pelos séculos. Talvez seja essa uma consolação: o sismômetro moral dos religiosos acusa, às vezes, oscilações que o povo sofrido e experimentado na dor e na frustração não sente tanto, porque tem de tocar a vida para frente com jeito e segundo seu jeito, nem tem tempo de se preocupar com os fatos consumados que deixou para trás.

### **Pós-escrito**

Bem analisada, esta reflexão é, até certo ponto, uma

confissão de ignorância. Não somente porque é tão difícil dizer uma palavra válida, nuançada sobre a vida e as aspirações do povo pobre que enche as zonas das periferias urbanas, vive em vilas, povoados, cidadezinhas do interior e forma a grande massa dos cento e tantos milhões de pessoas no território imenso do Brasil; ou porque a experiência de cada um é tão limitada que não se presta praticamente a generalizações, mas também porque, se as autoridades eclesiais consideram a religião católica aqui quase inata nas massas populares, o grave problema fica e não se deixa evitar: esta forma herdada de religião resistirá ao processo de modernização e suas interpretações tradicionais de Deus, Jesus, Igreja, mundo sobreviverão à emancipação do povo sofrido que está levantando a cabeça?

Talvez esteja aqui o maior desafio para os religiosos e religiosas de hoje: Qual será sua mediação eficiente, em convívio e comunhão com os pobres do povo, para desenvolverem juntos a força de sua fé comum na direção da verdadeira vida evangélica, sua vivência real e sua prática, também política, neste mundo até agora tão sofridamente humano? Diante desse desafio, nenhuma teoria é capaz de substituir a prática histórica que acumula experiências tentativas e resultados vividos, acompanhada por uma reflexão teológica crítica.

*Artigo originalmente publicado:*

LEERS, Bernardino. Vida religiosa e vida do povo. Encontro e comunhão. *Convergência*, Rio de Janeiro, v.19, n.171, p. 152-165, abr. 1984.

### **1. Textos inéditos**

A revista Horizonte Teológico (HT) recebe contribuições para suas seções de artigos, comunicações e resenhas. Os textos devem ser inéditos e serão submetidos à avaliação do Conselho Editorial.

### **2. Submissão dos textos**

Os textos devem ser enviados ao Conselho Editorial pelo e-mail [horizonte.teologico@ista.edu.br](mailto:horizonte.teologico@ista.edu.br).

### **3. Apresentação dos originais**

a) O texto deve ser digitado em Word for Windows, fonte Times New Roman, corpo 12, papel A4, com margens de 3 cm. à esquerda, 2 cm. à direita, 3 cm. na margem superior e 2 cm. na margem inferior.

b) Usar espaçamento 1,5 no corpo do texto e alinhamento justificado.

c) Entre partes do texto e entre texto e exemplos, citações, tabelas, ilustrações etc, utilizar espaço duplo. Para fazer isso, basta redigi-los na segunda linha após o parágrafo anterior.

d) Para citação com mais de três linhas, adentrar o texto em 3 cm e utilizar fonte Times, corpo 10.

e) Para texto citado com menos de três linhas, usar aspas no próprio corpo do texto.

f) Para notas de rodapé, usar fonte Times, corpo 10.

---

g) Apresentar o texto na seguinte sequência: título do artigo, texto, nome do(s) autor(es), referências e anexos.

h) Digitar o título do artigo centralizado na primeira linha da primeira página com fonte Times 12, em formato negrito, todas as letras maiúsculas.

i) Digitar os títulos de seções com fonte Times, corpo 12, em negrito. O título da introdução deve ser redigido na terceira linha após o título. Os demais títulos, duas linhas após o último parágrafo da seção anterior (pular linha). Os títulos de seções são numerados com algarismos arábicos seguidos de ponto (por exemplo, 1. Introdução, 2. Fundamentação teórica). Apenas a primeira letra de cada subtítulo deve ser grafada com caracteres maiúsculos, exceto nomes próprios.

j) Artigos e comunicações devem ter entre 4 mil e 8 mil palavras, incluindo os anexos; resenhas, entre 1 mil e 2 mil palavras.

k) As referências devem ser indexadas pelo sistema autor data no corpo do texto e não em nota de rodapé. Para citar, resumir ou parafrasear um trecho da página 36 de um texto de 2005 de Pedro da Silva, a indexação completa deve ser (SILVA, 2005, p.36). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.

l) Citações no meio do texto sempre devem vir entre aspas e nunca em itálico. Use itálico para indicar ênfase ou grafar termos estrangeiros.

m) As referências devem ser antecidas da expressão Referências, em negrito. A primeira referência deve ser redigida na segunda linha abaixo dessa expressão. As referências

---

devem seguir a NBR 6023 da ABNT: os autores devem ser citados em ordem alfabética, sem numeração, sem espaço entre as referências e sem adentramento; o principal sobrenome do autor em maiúsculas, seguido de vírgula e iniciais dos demais nomes do autor (Por exemplo: MATOS, Henrique Cristiano José. Liturgia das horas e vida consagrada. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.)

n) Se houver outros autores devem ser separados uns dos outros por ponto e vírgula; título de livro, de revista e de anais, em negrito; título de artigo: letra normal, como a do texto.

#### **4. Dados dos autores**

Os autores deverão informar obrigatoriamente seus dados pessoais: nome completo; instituto religioso ao qual está vinculado (opcional); maior titulação; atividade atual (local e instituição); endereço eletrônico.

#### **5. Exemplares dos autores**

Os autores de artigos e comunicações publicados receberão três exemplares da revista; de resenhas, dois exemplares.

---





**Direitos humanos fundamentais:  
diálogo intercultural e democracia**

*Aloísio Krohling*

O que são direitos humanos? Ou seriam direitos fundamentais? Para Aloísio Krohling, pós-doutor em filosofia política e estudioso assíduo do assunto, a melhor expressão é “direitos humanos fundamentais”, termo escolhido para ser título do seu novo trabalho lançado pela PAULUS, **Direitos humanos fundamentais – Diálogo intercultural e democracia**.

A obra mostra que o avanço histórico da conquista dos direitos humanos no Ocidente, com fluxos e refluxos, avanços e retrocessos, durante a história e, principalmente, após as revoluções liberais, pode ser compreendido com mais clareza dentro da metodologia histórico-dialética.

Krohling alerta que muitos livros de direito e de filosofia política generalizam e até deturpam o sentido exato da dialética. “O que mais me chama a atenção é a afirmação de que a ‘dialética’ se aplicaria apenas à conotação associada à luta de classes, em Karl Marx, o que representa um desconhecimento do conceito na história da filosofia e nenhuma leitura com profundidade sobre o marxismo”, afirma.

Por isso, no capítulo 1, de caráter introdutório, o autor oferece embasamento histórico que permite ao leitor analisar essa temática desde a origem e história do termo “dialética” até os avanços dos direitos humanos após as duas guerras mundiais. Além disso, Krohling perpassa ao longo da obra por ideais de grandes pensadores, como Antonio Gramsci, Hegel, Adorno, Heráclito, que enriquecem ainda mais o debate proposto neste trabalho.

A obra também propõe uma crítica acerca da visão das pessoas diante do cenário atual, que mesmo sem parecer, pode ser considerado animador. “Um olhar mais reflexivo e profundo vai mostrar os inúmeros avanços na educação para a cidadania na questão ecológica, nas questões de gênero, dos direitos das crianças e dos adolescentes, do trabalho infantil e escravo, dos direitos das minorias e dos novos sujeitos plurais do direito”, explica o autor.

**Direitos humanos fundamentais – Diálogo intercultural e democracia** é o espelho da vida de Krohling dedicada à causa dos direitos humanos e representa mais um instrumento de estudo e reflexão para aqueles que lutam por uma sociedade mais justa.

**Aloísio Krohling** é pós-doutor em filosofia política; doutor em filosofia pelo Instituto Santo Anselmo, Roma, Itália; mestre em teologia e filosofia pela Universidade Gregoriana dos Jesuítas, Roma, Itália; mestre em sociologia política pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Graduado em filosofia pela Faculdade Anchieta dos Jesuítas, em São Paulo; e em ciências sociais pela Loyola University, Chicago, Estados Unidos. Foi professor de filosofia da PUC-SP e da Universidade Federal do Espírito Santo, da qual é aposentado. Professor titular de filosofia do direito do Programa de Mestrado em Direitos e Garantias Fundamentais da Faculdade de Direito de Vitória (FDV); professor titular de ciência e teoria política nos cursos de direito e relações internacionais do Centro Universitário de Vila Velha; docente de filosofia do direito no curso de direito da Faculdade Novo Milênio de Vila Velha. É também avaliador institucional de cursos de graduação do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASIS) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Áreas de interesse: Filosofia e Ciências Humanas

**Teologia da Criação***Sinivaldo Silva Tavares*

Esta obra pretende elaborar uma teologia da Criação que, acolhendo com responsabilidade os desafios oriundos da “crise ecológica”, se construa ao modo de uma teia, onde os fios se entrelacem ao redor de dois nós recíprocos e complementares: a evangélica opção pelos pobres e a dimensão intrinsecamente escatológica da fé cristã. São estes dois que, no fundo, darão consistência ao discurso aqui apresentada de forma a constituir uma bem tecida e intrincada trama.

Áreas de interesse: Teologia prática

**Catolicismo Plural***Faustino Teixeira (org.), Renata Menezes (org.)*

Este livro traz análises de doze pesquisadores das áreas de Ciências Sociais e Teologia, convidados a perscrutar aspecto diversos da dinâmica contemporânea católica em seus artigos. Ele compõe uma trilogia produzida pelo Iser Assessoria e pela Editora Vozes, da qual fazem parte: Sociologia da Religião: enfoques teóricos e Religiões no Brasil: continuidades e rupturas.

Áreas de interesse: Sociologia

PAULINAS

[www.paulinas.com.br](http://www.paulinas.com.br)

ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de A.; FERRETTI, F. (Orgs.) *Religião, raça e identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues*. São Paulo: Paulinas, 2009. 191 p. (Estudos da ABHR).

BACCEGA, Maria Aparecida; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). *Gestão da comunicação: epistemologia e pesquisa teórica*. São Paulo: Paulinas, 2009. 222 p. (Comunicação e Cultura).

BARROS, Marcelo. *O sabor da festa que renasce: para uma teologia afro-latíndia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2009. 190 p. (Questões em Debate).

BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Evangelizar é comunicar: fundamentação bíblico-teológica da pastoral da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2009. 93 p. (Pascom).

COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). *Gestão da comunicação: projetos de intervenção*. São Paulo: Paulinas, 2009. 239 p. (Comunicação e Cultura).

FOGOLARI, Élide Maria. *Novas fronteiras da pastoral da comunicação: diretrizes e propostas de atuação*. São Paulo: Paulinas, 2009. 110 p. (Pascom).

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de (Orgs.). *Consciência planetária e religião: desafios para o século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2009. 235 p. (Estudos da Religião).

SANTOS, Roberto Elísio dos; VARGAS, Herom; CARDOSO, João Batista F. (Orgs.). *Mutações da cultura midiática*. São Paulo: Paulinas, 2009. 232 p. (Comunicação e Cultura).

SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (Org.). *Religião, ciência e tecnologia*. São Paulo: Paulinas, 2009. 190 p. (SOTER).

TEPEDINO, Ana Maria; ROCHA, Alessandro Rodrigues (Orgs.). *A teia do conhecimento: fé, ciência e transdisciplinaridade*. São Paulo: Paulinas, 2009. 299 p. (Estudos da Religião).

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009. 450 p. (Cultura Bíblica).



# CUPOM DE ASSINATURA ANUAL

Revista Horizonte Teológico

**Remeter para:**

Revista Horizonte Teológico  
Rua Itutinga, 300  
Bairro Minas Brasil  
30535-640 | Belo Horizonte – MG  
Fax: (31) 3419 2818  
horizonte.teologico@ista.edu.br  
www.ista.edu.br/horizonteteologico

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

e-mail \_\_\_\_\_

**Consulte o valor da assinatura:**

(31) 3419 2804 ou pelo e-mail tesouraria@ista.edu.br

**Formas de pagamento:**

( ) Cheque nominal à ISJB - Instituto Santo Tomás de Aquino

( ) Depósito bancário:

Banco Real 356

Agência: 0353 - Conta Corrente: 37.015.31-1

(Enviar comprovante de depósito juntamente com cupom)

